

LOPES CARDOSO ADVERTIU NO PORTO

"A hora da verdade aproxima-se para o PS"

PORTO, 18 — «O P. S. terá muito em breve de fazer uma escolha decisiva: ou a coligação com forças mais à direita ou o assumir da sua vocação socialista. A hora da verdade do P. S. aproxima-se. Ela chegará muito em breve» — afirmou ontem o eng. Lopes Cardoso durante o seminário sindical promovido pela Fraternidade Operária que decorreu no fim-de-semana no anfiteatro do Liceu Rodrigues de Freitas.

Aludindo à actuação governamental o ex-ministro da Agricultura dizia: «A prática do Governo, sem violar a letra da Constituição, entrou em conflito com o espírito da Constituição». Exemplificando, acentuou o caso da projectada Lei da Reforma Agrária que — disse — «Não Contraria nenhum dos princípios da Constituição sobre a reforma agrária, mas tende a criar as condições da recuperação do capitalismo no sector agrícola».

Referindo-se à 2.ª Central sindical que o P. S. pretende formar Lopes Cardoso afirmou: «A nova central será muito mais um pretexto de mobilização da classe trabalhadora por um Governo incapaz de momento, de lhe apresentar outra alternativa. Mas mais uma vez se tenta essa mobilização de uma forma puramente negativa. A 2.ª central não terá outra função: será, pois, uma central fantasma».

Este tema foi abordado pela dr.ª Fernanda Lopes Cardoso

que na sua exposição sobre «o movimento sindical e as forças políticas no pós 25 de Abril» sublinhou: «Neste momento, a direcção do P. S. tem uma posição extremamente incorrecta quanto ao problema sindical. A admissão de sindicatos paralelos pelo Secretariado do P.S. é o maior jogo actual para o movimento sindical, maior que uma central de direita. A pulverização do movimento operário é o próprio jogo da

direita. E o P. S. ficará em perigo se não garante uma unidade sindical que o apoie. Estamos pois perante uma política suicida do P. S.». A propósito, a oradora salientou: «Não sou pessoa para ver fantasmas, mas é possível que o imperialismo internacional tenha a sua parte de responsabilidade nestas dificuldades do movimento sindical português».

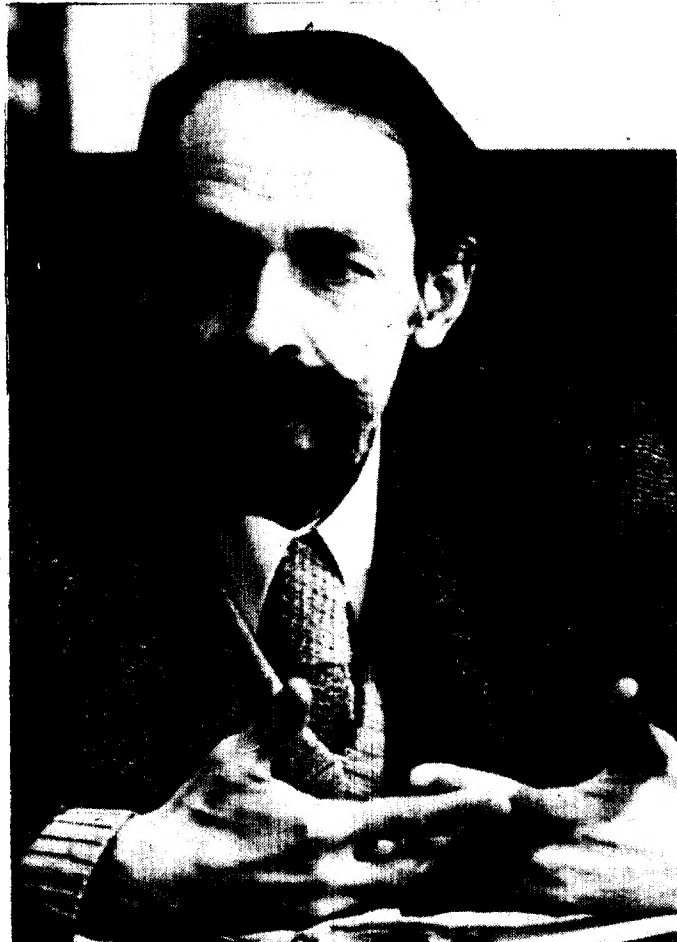
A questão da C. G. T. P.-In-

ter e da «Carta Aberta» foi alvo de um debate bastante polémico entre José Luís Gaspar, da Comissão de Redacção da «Carta Aberta», e Kalidás Barreto que defendeu a unidade do movimento sindical como forma de resistir aos ataques contra os direitos dos trabalhadores. A propósito de certos ataques que são feitos à C. G. T. P., Kalidás Barreto dizia oportunamente: «Não conheço nada mais democrático do que a central sindical». E acrescentou: «os que estamos lá — socialistas, comunistas, independentes e outros — desafiamos os democratas deste País a que vão ver como nós trabalhamos. Não conheço nada mais democrático do que isto e eu, no entanto, conheço o que se pratica em partidos democratas onde se publicam documentos sem ouvir as bases».

Por seu lado, César Oliveira, outro dos intervenientes no seminário com exposições sobre o movimento operário português desde 1872 a 1974, acentuou que por culpa da sua direcção, o P. S. está a cavar a sua sepultura como partido. Como alternativa à situação presente apontou a necessidade da classe operária refazer um bloco social anticapitalista capaz de se opor à ofensiva da direita. César Oliveira confessou a dada altura temer que um ataque da direita seja mais rápido do que o assumir pelos trabalhadores e pela esquerda das suas responsabilidades.



A mesa que presidiu aos trabalhos: da esquerda para a direita César Oliveira, Miriam Halpern Pereira, Cunha Serra e Kalidás Barreto



O antigo ministro da Agricultura e Pescas, que ontem no Porto, durante a anunciada sessão da Fraternidade Operária, advertiu seriamente o Partido Socialista

"Gonçalvismo" e Governo segundo Pereira de Moura

Como anunciámos sexta-feira passada, o «DL» inclui na sua edição de hoje a última parte de uma extensa entrevista com o prof. Francisco Pereira de Moura, que nela aborda os tópicos essenciais da situação política económica e social do País nestes últimos anos.

Pereira de Moura debruça-se sobre quatro temas distintos: «História do gonçalvismo e histórias de Governo», «A culpa é dos trabalhadores? Produção e emprego», «Inflação, salários e repartição de rendimentos» e «Uma alternativa com base social clara».

(Págs. 9/12)

MÁRIO SOARES ESTA TARDE EM NOVA YORK

"Grande empréstimo" na agenda

O Primeiro-Ministro dr. Mário Soares, cuja chegada a Nova Iorque está prevista para o meio da tarde teve de anular todos os encontros que tinha marcado para esta tarde em consequência de uma avaria no «Jumbo» em que viajava. Com apenas 15 minutos de voo o aparelho foi obrigado a regressar ao aeroporto de Heathrow, em Londres.

Nesta sua viagem oficial aos EUA o dr. Mário Soares, que amanhã receberá o prémio da Liga Internacional dos Direitos do Homem, avistar-se-á no próximo dia 21 com o presidente Jimmy Carter. Terá ainda contactos com o presidente do Banco Mundial, Robert McNamara, com entidades ligadas a interesses americanos no nosso país e com representantes do movimento sindical dominado pela central AFL/CIO.

O «grande empréstimo» a Portugal será um dos temas das conversações, que abordados os termos em que ele será concedido. Mário Soares, à partida de Lisboa, considerou

que havia «a vontade e a intenção» de outros países auxiliarem financeiramente Portugal, mas que era necessário encontrar uma fórmula (que seja aceite por todos os interessados em causa).

Para já a Comissão de Finanças da C. E. E. decidiu não abordar hoje oficialmente a participação no empréstimo ao nosso país (ler na pág. 2).

Da sua comitiva fazem parte, para além do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, o governador e vice-governador do Banco de Portugal, respectivamente drs. Silva Lopes e Vitor Constâncio, em substituição do ministro das Finanças, dr. Medina Carreira, impossibilitado de se deslocar por ter faturado um pé.

A base das Lajes poderá ser outro dos problemas focados nas conversações. Mário Soares anunciou, à partida, estar «preparado» para tal discussão. De sublinhar que o Congresso acaba de apresentar um estudo em que aventa a

hipótese de retirar certas bases do Sul da Europa.

Mário Soares participou no passado fim-de-semana nos trabalhos da Cimeira da Internacional Socialista, em Amsterdão. Os Direitos do Homem uma das questões levantadas pelo Primeiro-Ministro e secretário-geral do P. S., que apoiou as iniciativas do Governo norte-americano neste capítulo. Para além do «Eurocomunismo», Soares acrescentou em relação à situação no Zaire: «Sei o que é o regime de Mobutu, mas penso que não se podem permitir intrusões no território de um Estado soberano». Enquanto no final da cimeira, Willy Brandt salientou que os socialistas se opõem às tentativas das forças conservadoras para pôr em risco, em nome dos Direitos Humanos, o progresso humanitário alcançado através do desanuviamento, a Cimeira não apoiou o apelo dos socialistas franceses para que o presidente Giscard d'Estaing fosse condenado pelo seu envio de aviões militares para o Zaire.

"O 25 DE ABRIL ESTÁ VIVO" Militares conviveram à beira-Tejo

(Pág. 5)



Otelio conversa com Rosa Coutinho no Mercado do Povo. Entre eles, em segundo plano, Carlos Fabião

"O PROBLEMA DOS AUXÍLIOS DO ESTADO À IMPRENSA"

— pelo prof.
J. Van Springel

(Pág. 3)

Na Assembleia da Madeira: "A ASNEIRA É TANTA QUE DEVIA PAGAR IMPOSTO"

(Pág. 2)

Litígio PS-PCP

Incidentes de Salvaterra em duas versões distintas

«Os grandes responsáveis pelos acontecimentos foram os dirigentes do PS que nas suas intervenções fizeram gala de um anticomunismo primário, atacando o nosso partido, o movimento sindical e todas as organizações dos trabalhadores, numa altura em que é indispensável a unidade de todas as forças democráticas, para fazer face ao perigo fascista», salienta um comunicado da comissão concelhia de Salvaterra de Magos, do PCP, a propósito dos incidentes ali ocorridos durante um comício do PS.

«Foram estes indignos ataques dos dirigentes do PS — prossegue o comunicado — que provocaram a repulsa dos trabalhadores presentes; expressa em protestos, e não na exibição de facas e navalhas ou pela violência, como afirma o comunicado do PS».

Depois de desmentir a alegada presença de Raimundo Cabral, do CC do PCP, no comício, e afirmar que Malaquias Abalada «se limitou a manifestar publicamente o seu desagrado pela forma como os oradores se estavam a expressar», o comunicado acrescenta que «se os acontecimentos não foram mais graves, deve-se ainda à acção de alguns militantes comunistas de Salvaterra, pois que um elemento «destacado» da UDP, que se encontrava na assistência, procurou incitar os trabalhadores à violência e à desordem».

SOARES: «OS INCIDENTES SÃO INTOLERÁVEIS»

Para o secretário-geral do PS, Mário Soares, os incidentes de Salvaterra «são intoleráveis e demonstram um propósito dos dirigentes do PCP não respeitarem as regras da democracia e o que está prescrito na Constituição», segundo disse sábado passado, antes de

partir para Amesterdão.

Falando aos jornalistas numa conferência de imprensa, o primeiro dirigente socialista lembrou, a propósito que «um dos pontos fundamentais da Constituição é o respeito pelo direito de reunião»; ora — acrescentou — «os dirigentes do PCP têm muitas vezes a Constituição na boca, mas, quando se trata de cumpri-la, agem de maneira diferente. E não há memória de dirigentes do PS irem a uma reunião organizada pelo PC ou qualquer outro partido com intenções de a perturbarem».

Por outro lado — lembrou ainda o secretário-geral do PS — que não foi esta a primeira vez que ocorreram incidentes. Recordou a propósito o que se passou em Benavita no ano passado durante a campanha eleitoral onde ele próprio, entre outros, foi vítima de classificadas provocações. «Em Salvaterra — palavras de Soares — repetiram-se, com a agravante de terem sido, agora, pessoas com responsabilidades no PC».

Mário Soares considerou que os incidentes de Salvaterra assumem proporções de «muitíssimo graves» para as relações entre o PS e o PC.

DA GRAVAÇÃO

Entretanto o vespertino «A Luta» publica na sua edição de sábado o excerto duma gravação contendo trocas verbais entre o dirigente do PS António Reis, por um lado, e, por outro, os militantes do PCP Malaquias Abalada e outros. Da gravação ressaltam o esforço que António Reis faz para conter a animosidade dos opositores, as falas de Malaquias Abalada dizendo que não era de António Reis quem estava em questão) e as de outros circunstâncias insultando em termos de grande rudeza os dirigentes socialistas.

pelo partidarismo da sua acção concretizando no envolvimento partidário do próprio ministro».

Além de se congratular com «o progresso e fortalecimento da tendência «reformista» na vida sindical, que continua — considera o P.P.D. — a ser «evidenciada nas recentes eleições sindicais», o comunicado denuncia ainda «a gravidade da actuação de dois deputados socialistas, «leaders» do seu grupo parlamentar na Madeira e Açores, por iniciativa dos quais foi criada uma Associação Canárias-Madeira-Açores».

Sobre a situação nos meios de comunicação social, foi apreciada criticamente a situação na Rádio e na RTP e consideradas como estando «novamente dominados partidarismo e propagandismo governamental».

Antes da intervenção final de Sá Carneiro, que encerrou os trabalhos, o Conselho Nacional do P. S. D.-P. D. «renovou o voto de pesar» pela morte do arcebispo de Braga e criticou «o modo deformador como o presidente da Assembleia da República informou o Povo português» sobre a realidade romana.

Assembleia Regional da Madeira

"A asneira é tanta que devia pagar imposto"

FUNCHAL, 18 — Em plena Assembleia Regional, os deputados madeirenses eleitos pelo Povo, «trabalham»:

Baltasar Gonçalves (C. D. S. O. «Esperemos que o P. S. D. não inclua neste artigo uma estrofe do hino nacional...»

Alberto João Jardim (P. S. D.) — «Não me diga que o C. D. S. votava contra o hino nacional...»

Baltasar Gonçalves — «Não, abstinha-se».

Duarte Caldeira (P. S.) — «E se fosse o Bailinho?»

Entretanto, Paulo Martinho (UDP) fazia considerações sobre economia nacional, desvalorização do escudo, etc., levando a um comentário de Baltasar Gonçalves: «Lam ento

que não esteja cá o dr. Mário Soares, pois de certeza que encontraria aqui um notável ministro da Economia». E prosseguiu: «Uma das medidas de austeridade, para o C. D. S., é que temos que viver com o Governo que temos».

A certa altura, Humberto de Ornelas (C. D. S.) protesta por ali serem levantados problemas que podem criar dificuldades ao governo regional, e Fausto Pereira (P. S. D.) manifesta o seu desagrado pela «preocupação do C. D. S. em se colar ao governo regional».

Baltasar Gonçalves reage em voz baixa: «A asneira é tanta que devia pagar imposto».

Esta troca de «cumprimentos» verificou-se na penúltima sessão da Assembleia e foi pu-

blicada no insuspeito «Jornal da Madeira» do último sábado.

A sessão seguinte foi ocupada com questões de protocolo: um deputado do C. D. S. pretendia que o senhor bispo da diocese, nas recepções e outras cerimónias aparecesse logo a seguir ao juiz, o que teve a pronta concordância do P. S. D., mas não mereceu o apoio do P. S. A questão caiu, num impasse.

Enquanto isto se passa na Assembleia Regional, os trabalhadores madeirenses, que elegeram os seus deputados, vivem geralmente com ordenados iguais ou inferiores a 3 300\$00, manifestamente insuficientes para fazer face ao custo de vida.

FEPU de Oeiras preocupada com custo de vida e habitação

A situação dos órgãos do Poder Local e das organizações populares de base em todo o concelho de Oeiras, foram o tema dominante do encontro realizado no passado sábado por delegados da Frente Eleitoral Povo Unido, vindos de todas as localidades do município.

No decorrer do plenário, efectuado durante a manhã, foi analisado o desenvolvimento da tática e linhas conjugadas de acção em todo o campo de

intervenção da FEPU. A tarde os delegados, reunidos em quatro grupos (Organizações Populares de Base; órgãos do Poder Local; Colectividades; e Cooperativas de Consumo e Habitação) trataram, mais desenvolvidamente em debate.

No plenário final foram aprovadas as conclusões do encontro, que serão difundidas por toda a organização concelhia. De destacar, entre as tarefas imediatas, o «reforço e dinamização das organizações popu-

lares e o apoio às cooperativas de consumo como forma de combate à alta do custo de vida e açambarcamento».

Um contacto estreito com as populações através dos órgãos de Poder Local, tendo em vista a «auscultação dos seus problemas e esclarecimento mútuo de actuação da FEPU nas autarquias além do incentivo à construção de habitações sociais no concelho», foram outras das conclusões mais salientes.

Foi igualmente criticada a ausência de legislação sobre a competência e atribuições dos órgãos de Poder Local, tendo-se decidido alertar os órgãos de soberania para as «gravíssimas consequências» de tal facto, nomeadamente para a solução dos problemas locais e para a Democracia em geral.

Lisboa prepara conferência contra racismo e "apartheid"

Durante o próximo fim-de-semana terá lugar, em Lisboa, a segunda reunião preparatória da Conferência Mundial contra o «Apartheid», a discriminação e o racismo, na África Austral.

Entretanto, encontram-se no Maputo vários elementos da Comissão Organizadora da Conferência (Gualter Basílio, Silas Sequeira e Soares Martins) que ali estabelecem contactos à segunda reunião pre-

paratória. Com o mesmo objectivo partiu para Nova Iorque e Washington, o antigo embaixador português nos Estados Unidos, José Manuel Galvão Teles.

A Conferência Mundial contra o «Apartheid», a discriminação e o racismo na África Austral, cujos preparativos já referimos, vai realizar-se, em Lisboa, no mês de Junho.

"Semana da RDA" começou em Coimbra

COIMBRA, 18 — Com a inauguração da exposição do livro da República Democrática Alemã, no Instituto de Coimbra, começou a «Semana da RDA», iniciativa promovida pela Associação Portugal — RDA e do Comité da Liga para Amizade com os Povos.

Participam nas diversas manifestações culturais, artísticas e desportivas da «Semana da RDA» o Grupo de Teatro Juve-

nil do Halle, o Grupo Popular de Barbara Kellerbauer, o Quarteto de Música de Câmara de Fred Teschler e os campeões olímpicos de natação Rosmarie Gabriel Kother e Roland Matthes.

Estes dois atletas estarão ainda presentes, num festival de natação, em Aveiro, e noutra que se realiza no dia 23, na piscina da Sociedade Filarmónica Pledense.

PAPEL DE PAREDE

Os melhores padrões, milhares de rolos para entrega imediata
Desde 130\$00 por rolo

Barros e Barros Lda.
R. José Duro 22-E Lisboa - 5 ALVALADE

JOGOS de MAPLES e SÓFAS-CAMA

LIQUIDAÇÃO

MOTIVO DE OBRAS

REQUINTE — MÓVEIS • ESTOFOS

Av. Almirante Reis, 110 (perto pr. do Chile)

Empréstimo de bilião e meio por enquanto fora da agenda da CEE

Os ministros das Finanças dos «Nove» da Comunidade Económica Europeia poderão discutir hoje no Luxemburgo a questão do empréstimo de 1,5 milhões de dólares a Portugal proposto pelo secretário de Estado norte-americano Cyrus Vance.

Nos meios da CEE — acentua, contudo, a France-Presse, em telegrama enviado de Bruxelas a anunciar a reunião e os temas em debate — tem-se como pouco provável que os ministros cheguem a qualquer decisão acerca deste auxílio (considerado «maciço») a Lisboa.

A resposta definitiva à sugestão norte-americana — considera-se — deverá ser dada no princípio de Maio, na capital belga, quando da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE.

Entretanto, do Luxemburgo, uma informação complementar: o empréstimo de um bilião e meio de dólares a Portugal deverá ser discutido pelos ministros das Finanças dos «Nove» apenas a título extra-oficial. Os temas principais de discussão para a reunião são os preparativos para a cimeira económica da CEE em Londres a 7 e 8 de Maio que vem.

Não se conhecendo o teor da agenda, sabe-se no entanto que outro empréstimo, este à Itália, não está aí como ponto a discutir. Naturalmente, também a questão do empréstimo a Portugal não deve figurar na agenda da reunião.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

PUB

HOTELARIA PRIVADA NÃO ACEITA NEM TOLERA CONTRATO

Na última página do n.º 67 do semanário «O País», sob a epígrafe «Hotelaria Privada aceita contrato», foi publicada uma insólita notícia, segundo a qual a Associação dos Hoteleiros havia resolvido aceitar as condições do Contrato Colectivo de Trabalho, celebrada entre os representantes sindicais do sector e a ENATUR.

É de lamentar que o semanário «O País» tão mal informe os seus leitores, publicando uma notícia sem a mínima base de fundamento, quando tão fácil lhe era fazer uma simples consulta às nossas Associações.

Com efeito, estas Associações não só não aceitam as negociações do referido Contrato, cujas condições até desconhecem, como não tolerarão que as mesmas sejam impostas ao sector privado por mera interferência da ENATUR naquele Contrato, dado que tal imposição, nada mais significaria do que uma flagrante ilegalidade.

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DA INDÚSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO NORTE

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE HOTELARIA E SIMILARES DO SUL

ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS HOTELEIROS E SIMILARES DO ALGARVE

PSD vai promover campanha nacional de angariação de fundos

Realização de uma campanha nacional de angariação de fundos, estabelecimento de uma quota mínima de 10 escudos mensais para os seus filiados e a joia de admissão de 25 escudos, foram algumas das decisões do Conselho Nacional do P. S. D.-P. D., durante a sua reunião realizada ontem em Braga, e que teve ainda como objectivo o debate sobre a situação política e a actuação do partido.

Segundo o comunicado final da reunião, assinado pela Comissão Política Nacional, o debate sobre o último ponto (situação política e actuação do P. S. D.-P. D.) permitiu «confirmar os princípios formulados e a orientação estratégica definida no anterior Conselho Nacional, permitindo, ao mesmo tempo, o seu aprofundamento e aclaração».

ATAQUES AO MAI

O «centralismo» do Estado foi ainda denunciado, durante a reunião na prática da actuação do Ministério da Administração Interna, como obstáculo ao Poder Local de que não define as competências e a quem não atribui os meios financeiros necessários à realização dos seus fins, e ainda

post-scriptum

Valha-nos Robespierre!

Raras vezes na história do nosso país, como nestes últimos dois anos, como no actual regime de capitalismo utópico, como na actual ofensiva de inspiração imperialista contra a reforma agrária e as nacionalizações, os direitos do homem terão sido tão invocados!

Facto ainda mais saliente e curioso: eles são predominantemente referidos numa vaga, defeituosa e difusa generalidade, exactamente por expoentes, organizações e órgãos daquelas classes e camadas que se têm destacado, na história contemporânea da nossa terra, na exploração económica, na escravização e opressão política, tanto do homem africano, asiático, americano e oceânico, como do próprio homem português.

Será que essas classes e camadas passaram a encarnar o futuro do homem e os seus direitos? E como? E quando? E porquê? É evidente que não. Trata-se, muito simplesmente, do propósito de procurar confundir os direitos do homem que avança, progride e se liberta dominando a natureza, com uma conservadora e reacçãoária interpretação do chamado «direito de propriedade», convertido em modelo e síntese de todos os direitos.

É neste contexto que é de grande interesse e utilidade citar Robespierre que, como Saint-Just, considerava que a desigualdade das riquezas pode transformar os direitos políticos numa vã aparência. Para ambos, como para o próprio J.J. Rousseau, na origem da desigualdade entre os homens não está apenas a natureza; manifesta-se também a propriedade individual. Se a desigualdade que ela comporta se torna excessiva, a democracia política torna-se um simulacro.

No seu discurso de 24 de Abril de 1793, pronunciado no momento em que se discutia a nova declaração dos Direitos do Homem, a colocar à cabeça da Constituição Republicana, Robespierre diz, designadamente:

«Definindo a liberdade como o primeiro dos bens do homem, como o mais sagrado dos direitos que ele colheu da natureza, dissestes com razão que ela tinha como limite os direitos de outrem; porque não aplicastes então esse limite, esse princípio, à propriedade, que é uma instituição social? Será que as leis eternas da natureza são mais violáveis que as convenções dos homens? Multiplicastes os artigos para assegurar a maior liberdade ao exercício do direito de propriedade, e não dissestes uma única palavra para lhe determinar a legitimidade do carácter: de forma que a vossa declaração parece feita não para os homens, mas para os ricos, para os açambarcadores, para os agiotas e para os tiranos. Proponho-vos reforma destes vícios, através da consagração das seguintes verdades:

Art.º 1.º — A propriedade é o direito que cada cidadão tem de gozar e de dispor da porção de bens que lhe é garantida pela lei.

Art.º 2.º — O direito de propriedade é limitado, tal como os outros, pela obrigação de respeitar os direitos de outrem.

Art.º 3.º — Não pode ser prejudicial nem à segurança, nem à liberdade, nem à existência, nem à propriedade dos nossos semelhantes.

Art.º 4.º — Toda a posse, toda a actividade comercial que viole este princípio é ilícita e imoral.

Decididamente, Robespierre, como homem de Estado e de Governo ainda hoje nos seria muito útil...

Vantagens dos homens da burguesia nacional, enquanto esta é uma classe ascendente...

Pedro Ramos de Almeida — LISBOA

Sectarismo

O PS tomou conta dos órgãos de informação, porque eram dominados pela PCP.

O PS: pretende destruir a reforma agrária, porque é uma imposição do PCP aos trabalhadores alentejanos.

O PS quer agora dirigir o movimento sindical, por ser uma corrente de transmissão do PCP.

O PS, ou melhor, a direcção do PS, na sua quixotesca cruzada, pretenderá a seguir, certamente, libertar as nossas consciências, porque elas são manipuladas pelo PCP.

Ironia, asneira, ingenuidade, falta de perspectiva histórica e de classe, o preço da manutenção no Poder, ou simplesmente o extravasar de um recalamento, de uma crescente e dolorosa mistificação dos mais caros anseios deste povo, que julgou ter encontrado os caminhos da justiça e da felicidade?

M. Monteiro — LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A IMPRENSA EM PORTUGAL (III) O PROBLEMA DOS AUXÍLIOS DO ESTADO À IMPRENSA

A SITUAÇÃO EM PORTUGAL

Tive a ocasião de publicar algumas observações gerais sobre a Imprensa em Portugal na edição de 3 de Janeiro deste ano no «Diário de Lisboa» e gostaria agora de abordar o problema da ajuda do Estado à Imprensa.

É evidente que uma imprensa livre, isto é, podendo publicar a opinião de mais de um grupo numa sociedade ou país, é um elemento primordial para o funcionamento de um sistema sociopolítico baseado na tolerância e no respeito das ideais dos outros. Cada jornal é uma voz, representando os interesses bem determinados de um dado grupo.

Ora, exigindo os meios técnicos investimentos importantes, sendo os riscos destes investimentos de natureza a desencorajar a iniciativa privada, e acrescentando-se o facto de ser a rentabilidade das empresas jornalísticas relativamente baixa, é legítima a questão de saber em que bases económicas se pode considerar o lançamento de um jornal.

Vários critérios se podem aceitar para caracterizar um jornal e para a nossa discussão aceitaremos a divisão em «jornais não-militantes» e «jornais-militantes», ou, utilizando outra palavra, «não-comprometidos» e «comprometidos».

Esta distinção refere-se à natureza sociopolítica do conteúdo do jornal, expresso por:

- Um artigo de opinião, publicado regularmente e em geral no mesmo local do jornal — relacionado com um ou mais factos;
- A escolha das informações;
- A apresentação dos factos.

É evidente que a identificação sociopolítica de um jornal se fará mais nitidamente através do referido na alínea a). As formas b) e c) são mais subtis — e podem ser utilizadas por jornais que desejem passar à categoria dos «não-militantes» sem no fundo o serem. Assim, se um jornal «não-militante» for o representante de um grupo sociopolítico bem determinado, será «in terminis», uma contradição. Estes jornais são qualificados como «jornais de informação», mas é a forma como a redacção apresenta as suas opiniões que permite a constituição do critério de distinção.

Partindo do princípio que cada jornal é a exponente de um grupo — ou, mais estritamente, de um indivíduo — bem determinado, é aí que a «conquista» do mercado, isto é, dos seus leitores, começa: a relação entre a expressão de opinião homogénea dos redactores e a identificação de um leitor com o conteúdo representa a justificação da existência desse meio.

Chegamos assim aos aspectos económicos, e não é superfluo recordar neste momento que uma empresa não pode existir validamente numa sociedade baseada no princípio da livre concorrência a não ser que as suas despesas sejam cobertas pelas receitas. Numa etapa seguinte há que considerar a fórmula segundo a qual se exige um lucro calculado sobre o capital arriscado pelos investidores ou sobre as receitas. Não discutamos por agora a escolha a fazer: é evidente que todos os grupos que desejem editar um jornal têm que fixar os seus objectivos, quer em relação aos investidores, quer em relação aos trabalhadores ou aos terceiros interessados na vida da empresa.

Os acontecimentos desenvolveram-se de tal forma que a exploração das empresas jornalísticas se tornou um contra-senso económico. Numa brilhante e, ao mesmo tempo, sóbria, exposição, indicou o secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, a situação dramática das empresas estatizadas (Comunicação através da TV em 6 de Fevereiro de 1977) fornecendo, como total do passivo, dos 8 jornais, a verba de 2.088.864 contos e, como total dos prejuízos acumulados até ao fim do ano de 1975, a verba de 1.117.933 contos.

É extremamente importante para o País, que um dirigente político, ao nível mais alto, tenha a coragem de descrever a situação trágica em que a Imprensa se encontra ao mesmo tempo que insiste no papel útil e necessário que aquela tem na formação e informação dos cidadãos.



Prof. dr. J. Van Springel

A lamentação das razões sociais e políticas que conduziram à situação actual, é uma atitude pouco realista: o que conta é a acção no sentido de sanear essa situação e de fazer sobreviver os jornais.

A maior parte das medidas que foram ou serão tomadas estão indicadas naquela exposição. É pena que a desvalorização do escudo represente uma carga suplementar muito importante, no que se refere, entre outras coisas, ao papel de jornal. Razões mais altas — justificáveis ou não — terão levado o ministro das Finanças a propô-la e não nos cabe, por incompetentes na matéria, dar uma opinião sobre esse ponto.

Ora as dificuldades são, «grosso modo», de duas naturezas:

- de ordem económica — no sentido de estarem ligadas com a exploração das empresas;
- de ordem sociopolítica — no sentido de se relacionarem com a incidência que as medidas, incluídas na alínea anterior, podem vir a ter na situação social dos trabalhadores.

Parece-me que as consequências do despedimento de uma parte dos trabalhadores com vista a garantir a sobrevivência das empresas numa base normal é realmente o problema capital. É evidente que o empresário é o responsável pela vida «económica» destes trabalhadores, desde que estes contribuam para o bem-estar de todos os que constituem as empresas e os acontecimentos históricos são, numa larga me-

PROF. J. VAN SPRINGEL

dida, para empregar um eufemismo, os responsáveis pela situação trágica da Imprensa. Basta calcular o resultado negativo por pessoa empregada nos jornais estatizados para ter uma ideia do contraste económico da continuação desta situação. O ministro falou mesmo de um excesso de trabalhadores — afinal o fundo do problema!

E AS SOLUÇÕES?

Há diversas alternativas possíveis para sanear a situação. Enquanto não existe uma solução a prazo com objectivos bem definidos, parece-me mais prudente operar por etapas. O quadro dentro do qual estes objectivos se realizam, muda continuamente, na medida em que está condicionado pela realização de outros objectivos. É preciso partir dos elementos de base que apenas se poderão modificar a longo prazo:

- o analfabetismo, no que se refere ao aspecto «leitor»;
- as dificuldades de acesso às localidades levantadas pela insuficiência da estrutura de estradas ou da rede de transportes;
- o nível do custo de vida;
- a falta de quadros nas empresas.

Assim, a primeira tarefa deveria ser:

- a criação de leitores, economicamente fortes para a compra e leitura de jornais;
- a formação de quadros para a organização e gestão das empresas.

Segundo as tiragens reunidas e publicadas mensalmente pelo «Diário Popular», verifica-se que no mês de Janeiro deste ano, a tiragem «oficial» dos jornais de expansão nacional se situou em cerca de 610.000 exemplares por dia! Basta calcular a relação entre os exemplares vendidos e as pessoas adultas para constatar que os jornais têm ainda uma enorme tarefa à sua frente no que se refere à formação e informação no País!

É evidente que criar e estruturar este mercado de novos leitores, exige acções concretas da parte dos dirigentes políticos.

Passemos às medidas a tomar para o saneamento dos jornais. De novo deverão ser definidos claramente os objectivos. Se se parte da ideia de que a Imprensa deve ser livre — isto é, independente do Governo que detem o Poder — é dificilmente aceitável que a situação na qual se encontram os jornais estatizados se prolongue.

Todos sabemos que a situação da Imprensa não é brilhante em diversos países, no que se refere aos resultados financeiros e em todos os países são tomadas medidas de assistência a fim de auxiliar a Imprensa na sua função social. Nestes países o quadro de referência dentro do qual a Imprensa deve operar é claramente definido.

Uma parte importante destas medidas é da mesma natureza em todos estes países, sendo a parte restante inspirada pela situação específica em cada país.

Quem estiver interessado em conhecê-las em pormenor po-

derá dirigir-se à FIEJ (Federação Internacional dos Editores de Jornais e Publicações — Paris) que poderá indicar os endereços das diversas Associações de Imprensa de cada país.

Portanto, tal como o ministro indicou na sua exposição, acima referida, encara-se a tomada de medidas gerais, tendo sido decidido, no quadro da política de saneamento:

- fundir as empresas editoras do «Diário de Notícias» e «Capital»;
- idem para o «Diário Popular» e «Século», decisão que foi agora anulada;
- suspender a publicação do jornal «O Século» por um «curto» período (90 dias). Quais serão as hipóteses de «renascimento» de um jornal suspenso durante tanto tempo?;
- acabar com a publicação do «Jornal do Comércio».

No mesmo contexto, encara-se a criação de:

- uma ou várias empresas de composição e impressão;
- uma empresa de distribuição;
- a manutenção da edição dos títulos como entidades separadas.

Com efeito, a separação das funções poderia conduzir, a curto prazo, a um princípio de saneamento.

Os valores, bastante altos, necessários para os investimentos em equipamentos gráficos de impressão, são (face à situação actual no País) longe de ser atractivos para a iniciativa privada. O papel do Estado pode ser decisivo, com a condição de se utilizar uma gestão rigorosamente sã. Um órgão de controlo poderia garantir este ponto.

Nada impede a busca de soluções mistas a partir desta fórmula de base: capital monetário fornecido pelos dirigentes com experiência de gestão neste domínio.

No que se refere à distribuição — problema intimamente ligado com a criação de novos leitores — poder-se-ia encerrar uma rendibilidade nula (nem positiva, nem negativa) com o carácter de auxílio aos jornais.

Último ponto (mas não o menos importante!) os títulos poderiam ser libertados das suas dívidas — como auxílio especial.

Assim se compensariam em certos casos as perdas financeiras sofridas pelos proprietários das empresas jornalísticas. As somas distribuídas em diversos países (como por exemplo, Países Baixos, Bélgica, etc.) não andam longe das importâncias relativas à exploração destes títulos.

Esta medida representaria, para falar claro, a reprivatização dos títulos, na medida em que os liberta. O Governo seria assim libertado de um importante encargo no futuro, no caso de a gestão não melhorar! Assim, também deixaria de se exercer a pressão da Imprensa privada sobre o Governo, para a obtenção de favores especiais, uma vez que ficariam instauradas condições normais de concorrência. Este princípio de instauração da ini-

PUB

M.E.I.C.

INSTITUTO PORTUGUES DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL AVISO

Está aberto, perante este Instituto, até 30 de Abril de 1977, concurso documental para o preenchimento dos lugares adiante indicados no Centro de Lisboa do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil:

- Auxiliares de Enfermagem, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o Curso de Auxiliares de Enfermagem.
- Enfermeiros de 2.ª Classe, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o Curso Geral de Enfermagem, ou com o Curso de Promoção (Decretos n.º 346/72, de 30 de Agosto e n.º 440/74, de 11 de Setembro).

Os interessados devem contactar com a Superintendência de Enfermagem do Centro de Lisboa deste Instituto, das 9 às 17 horas de 2.ª a 6.ª Feira e das 9 às 12 ao Sábado, onde estarão patentes as condições do concurso.

I.P.O.F.G., 28 de Março de 1977
O delegado do M.E.I.C. e administrador

Raúl da Costa Dionísio (Major)

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios deste Sindicato, que exerçam a sua actividade no sector da Indústria de Carnes, para uma Assembleia a realizar em 27 de Abril de 1977 das 8 às 24 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Votação para a verticalização dos Metalúrgicos no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes dos Distritos de Setúbal e Santarém.

A votação será feita por voto secreto e directo, nas seguintes firmas do Montijo:

Companhia Criação e Comércio de Gado;
Estabelecimento Isidoro M. Oliveira;
Gameiro & Comp.ª Lda;

Barreiro, em 14 de Abril de 1977
A DIRECÇÃO

ALCATIFAS PLÁSTICAS ESTAMPADAS

Para revenda... Lindas cores
com base de feltro... 127\$50 + 12% IT
com base de amianto... 147\$50 + 12% IT
Só vendemos rolos de 60 a 70 m2

José Barros I da.
R. José Duro, 22-D... Alvalade

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P. LINHA DE CASCAIS AVISO

Para trabalhos inerentes à empreitada de revestimento das trincheiras, em Paço de Arcos, nos próximos dias 18, 19, 20, 21 e 22, no troço Caxias-Paço de Arcos, a circulação de comboios, das 10.00 às 11.30 horas far-se-á apenas por uma das vias com os atrasos daí resultantes. Lisboa, 15 de Abril de 1977

CAP em Viseu "com a Europa"

VISEU, 18 (do nosso enviado especial) — O significado do encontro internacional promovido pela CAP em Viseu foi explicitado pelo secretário-geral da Confederação Europeia de Agricultores, Maurice Colland, quando, no início de encerramento de ontem à tarde, dirigindo-se aos presentes, afirmou que «os agricultores da Europa não podem ficar indiferentes à sorte que vos reserva» e que «fazem parte da grande família» que é aquele organismo europeu de agricultores. Maurice Colland afirmou ainda «que o vosso país foi salvo do comunismo» e que «deveis defender os vossos direitos não importa contra que governo para que possais cultivar as vossas terras». Por outro lado aquele convidado europeu assegurou «o apoio sem reservas» aos agricultores portugueses para obterem a «liberdade individual, o direito de associação e a propriedade privada».

Para o comício efectuado no terreiro da Feira de S. Mateus, junto do auditório onde durante dois dias a CAP reuniu com representantes de 13 organismos europeus de agricultores, chegaram ao princípio da tarde muitas dezenas de viaturas (automóveis, camionetas de passageiros e de carga, tractores) com letrados de nomes de localidades de vários pontos do País.

Falaram diversos agricultores (o representante do Alentejo dizia que aquela província do Sul é a «imagem da des-

trução»), encerrando, depois de lidas as conclusões do encontro, o secretário-geral da CAP, José Manuel Casqueiro.

Este comício por justificar a escolha de Viseu como local do encontro: «Fizemos o plenário nesta cidade, nesta província, onde o povo não permitiu que traidores ao serviço de forças estrangeiras, ao serviço do internacional-comunismo, nos impusessem nova ditadura». E perguntou a seguir: «Com que ideia ficaríamos do nosso País as delegações estrangeiras se tivéssemos feito o encontro em Évora ou Beja e as forças antidemocráticas mais uma vez ofendessem e vexassem o nome da nossa Pátria e do nosso Povo?» Casqueiro, depois de dizer que o progresso também será levado «do a quem do» às regiões do Sul, pois o País «não pode continuar dividido em duas repúblicas independentes, uma das quais é antidemocrática», acrescentou ser imperativo, «neste momento em que os agricultores portugueses fizeram a opção aberta à Europa», que se passe de imediato a uma «reestruturação do seu movimento e da sua confederação, a que obriga a sua própria dimensão europeia».

A Europa, «meta bem determinada», afirmou mais adiante o dirigente da CAP, passa, a Sul, pela «justa e real indemnização dos bens» expropriados pela Reforma Agrária e, a Norte, por uma «redistribuição em sentido inverso» a fim de «aumentar impreterivelmente a

área média das explorações». Depois de várias críticas à Reforma Agrária em vigor, Casqueiro disse já a concluir: «Enquanto nós, agricultores, apoiamos a integração na Europa, as organizações afectas ao Partido Comunista tudo fazem para que essa integração não seja uma realidade. Só dentro deste espírito podemos compreender o rosnares os latidos da liga comunista-cardosista de Beja, à qual desafiamos a mostrar publicamente em plenário a sua representatividade».

Saliente-se, a propósito dos ataques à Reforma Agrária, que na sessão de sexta-feira à tarde deste encontro da CAP foi aprovada uma moção a enviar ao Presidente da República e ao Governo em que se considera «o período marxista-gonçalvista» como responsável pela «actual situação de crise da agricultura» e se exige do Governo, «para se atingir efectivamente a reposição da legalidade, que, sem hesitações e tibiezas mas com determinação e realismo, ponha em prática e faça cumprir os princípios democráticos consagrados na Declaração Universal dos Direitos do Homem».

MIL RENDEIROS EM BRAGA

«A nossa economia agrícola nunca sairá da cepa torta enquanto não se cumprir a Lei do Arrendamento Rural»

afirmou um dos participantes no Encontro promovido pelo MARN, em Braga, comemorativo do segundo aniversário do Decreto-Lei n.º 201/75.

Em todas as intervenções foi feita a exigência do cumprimento da Lei do Arrendamento Rural. «Ainda há dias» — disse um elemento do Secretariado do MARN — «o senhor Presidente da República disse que Portugal tem de ser um País de trabalhadores e não de parasitas! Pois nós, rendeiros, somos dos que mais trabalhamos e somos dos mais explorados».

No final seria aprovada uma moção por mais de mil rendeiros dirigida aos Órgãos do Poder em que «apelam para que não deixem que a Lei seja deturpada». Aurélio Campinho e Vítor Louro, presentes no encontro, também abordaram várias questões relacionadas com a Lei, enquanto representantes de várias regiões denunciavam e exigiam a resolução de problemas específicos como os rendeiros e pequenos agricultores do Vale do Mondego que se manifestaram contra a hipótese levantada pelo Governo de só subsidiar os prejuízos resultantes das cheias.

Na opinião dos presentes o Governo deve atender aos danos causados pela estiagem prolongada e deve efectuar imediatamente os pagamentos dos subsídios, pois com as novas colheitas os agricultores contrairiam dívidas.

O problema dos auxílios do Estado á Imprensa

Continuação da pág. 3

ciativa privada encorajará, pelo seu lado, os investidores na formação de quadros de gestão.

Os interesses bem compreendidos do Estado (para esta hemorragia financeira) e os interesses igualmente bem compreendidos das pessoas que desejam tomar iniciativas, são concordantes — pelo menos durante algum tempo.

O maior problema continuará a ser, o problema da liberdade ou possibilidade de despesa a ser todavia o problema da liberdade ou possibilidade de despedimento das pessoas que, em termos de uma gestão sã, entravam o funcionamento normal das empresas!

Para ilustrar este ponto, permito-me, por exemplo, referir os dois maiores matutinos de Lisboa («Diário de Notícias», com grandes estruturas materiais e humanas e uma vasta redacção, e «Diário», onde há uma patente economia geral) e fazer as seguintes perguntas:

- Qual o número de jornais vendidos?
- Qual o número de pessoas trabalhando para cada um, mas entendendo-se aqui o próprio jornal, e não a empresa no seu todo?
- Qual o custo de distribuição de cada jornal?
- Qual o custo por exemplar?
- Qual o resultado financeiro de cada um daqueles jornais?

A resposta a estes pontos será extremamente conclusiva.

Finalmente, a título de conclusão «provisória», constato que:

- Sem uma política de longo prazo para a formação de novos leitores, será difícil para a Imprensa exercer o seu papel;
- Sem um acordo com os dirigentes políticos e os dirigentes sindicais, será difícil fazer parar a hemor-

ragia financeira das empresas jornalísticas;

- Sem uma motivação comum, em cada empresa, será difícil trabalhar para atingir os objectivos comumente definidos, e a anarquia na organização e na gestão continuará;
- Sem a consolidação, a longo prazo e sem juros, das dívidas das empresas jornalísticas — como auxílio especial e único no tempo — para iniciar a actividade sem o receio da espada de Dâmocles, as dificuldades financeiras continuarão e o Governo ficará sempre com um potencial de incompetência de estruturação.

GAND — BÉLGICA
Março, 1977

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA Anúncio 6.º JUÍZO

Proc.º n.º 153/A-2.ª Secção

— ANÚNCIO —

Nos autos de DIVÓRCIO LITIGIOSO N.º 153/A, pendentes pela 2.ª Secção deste Juízo, em que são partes: — AUTOR — ISIDRO SIMÕES MENDES, reformado, residente na Avenida Maria Luísa Braancamp, n.º 31-3.º direito, em Sacavém e Ré — sua mulher ISAUARA DO CARMO, doméstica, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Calçada do Monte, n.º 86-2.º direito, em Lisboa, correm editos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, CITANDO aquela para no prazo de vinte dias, posterior ao dos editos, contestar, querendo, o pedido de divórcio formulado pelo autor com fundamento no disposto nas alíneas f) e i), ambas do Artigo 1.778.º do Código Civil, nos termos do duplicado selado da petição inicial da acção que se encontra patente na Secretaria deste Tribunal, para consulta.

Lisboa, 12 de Abril de 1977

O JUIZ-CORREGEDOR,

Orlando de Faria Saraiva Lima

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

HENRIQUE ANATÓLIO SAMORA DE MELO LEOTE

Delegação iraquiana interessada em Sines

O ministro iraquiano do Comércio, Hassan Alii, encontra-se em Lisboa a fim de negociar um acordo de comércio e cooperação económica e científica entre Portugal e o Iraque.

Durante a sua estada de 4 dias, no nosso País, a delegação iraquiana, constituída por 13 elementos, será recebida pelo Presidente da República, pelos ministros do Comércio e Indústria e ainda pelo secretário de Estado da Emigração.

O ministro iraquiano afirmou que os membros da delegação, entre os quais se encontram representantes de vários sectores da economia, sobretudo ligados à indústria e à agricultura, estabelecerão contactos em

Portugal com vista «ao estreitamento de relações entre os dois países nesse domínio».

A delegação do Iraque irá visitar algumas empresas nomeadamente a «Sorefame», a «Lisnave» e o complexo de Sines, cuja visita se reveste de particular importância. A este propósito, o ministro sublinhou que estão previstas reuniões entre técnicos da indústria petrolífera, que compõem a delegação com técnicos portugueses do mesmo sector.

Hassan Alii, referindo-se a outros aspectos da cooperação, adiantou que num futuro próximo vai possivelmente dar-se um alargamento de trocas comerciais, entre os dois países, principalmente de bens de consumo e artigos de primeira necessidade.

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

LOTEAMENTO DOS BREJINHOS DÁ ÁGUA DO SUL

A C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P. solicita aos proprietários dos lotes abaixo indicados, necessários à execução da nova linha férrea Poceirão-Sines, do Empreendimento Ferroviário de Sines, o favor de contactarem, com urgência, pessoalmente ou por escrito para a Rua de Artilharia Um, 33 — Lisboa, com os telefones 85 55 41/9, indicando a sua identificação completa e a da propriedade (n.º da inscrição na Conservatória do Reg. Predial de Grândola ou data e Cartório Notarial em que foi celebrada a escritura, a inscrição matricial) de que são titulares!

80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92,
93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102;
103, 104, 105, 107, 108.

PCP (R) encerrou II Congresso

Governo PS é "instrumento do capital, do imperialismo e da burguesia interna"

«O imperialismo americano e os seus aliados internos» são o «inimigo principal» do Movimento Popular em Portugal — considerou um dos oradores do comício do P. C. P. (R), que decorreu ontem à tarde, no Campo Pequeno, perante milhares de pessoas.

O comício, que serviu de encerramento ao II Congresso (na «clandestinidade») daquele partido, registou a presença de uma delegação do Partido do Trabalho da Albânia e de

representações de organizações «marxistas-leninistas» de alguns países, nomeadamente da Alemanha Federal, Irão, Argentina, Espanha e Itália.

Depois de referir que o confronto entre os «imperialismos» poderá levar a nova guerra mundial, o primeiro orador do comício, Manuel Monteiro do CC daquele partido, assinou um «recrudescimento» da luta de classes, particularmente no sul da Europa e deten-

do-se sobre a situação no nosso país, defendeu um «governo do 25 de Abril do Povo» e dirigiu (na linha habitual da UDP) ataques ao P. C. P.

O representante da Albânia, muito aclamado pelos presentes saudou a realização do congresso e considerou que «as conquistas democráticas realizadas (em Portugal) constituem uma base sólida para levar a cabo o movimento de unidade democrática das massas, que têm como fundamento a aliança da classe operária e do campesinato trabalhador».

Encerrou o comício, Eduardo Pires, membro do C. C. do P. C. P. (R), que, após historiar a actividade do partido, deu conta das conclusões a que chegou o II Congresso.

Após considerar que o capital, o imperialismo e a burguesia portuguesa estão a utilizar o Governo «como instrumento

da sua política reaccionária», aquele orador sublinhou, no entanto, que ano e meio após o 25 de Novembro a burguesia «ainda não conseguiu liquidar a capacidade de resposta das massas».

Entendendo que o objectivo do «pacto social» é fazer «perder energias» ao Movimento Popular, Eduardo Pires, definiu depois de novos ataques aos fascistas, aos social-democratas e ao P. C. P., três condições «essenciais» para assegurar a vitória sobre as «forças da reacção»: unidade da classe operária, aliança dos operários e camponeses e a unidade de todo o povo e de todas as forças antifascistas.

Durante o comício houve ainda música e canções. Registou-se a presença de dezenas de autocarros vindos de vários pontos do País, nomeadamente do Porto.



Uma delegação do Partido do Trabalho da Albânia esteve em Lisboa propositadamente para intervir no comício de encerramento do II Congresso do P.C.P. (R). Chefiava-a Gafur Çuçi, que vemos na foto com dois companheiros de viagem, Servet Pellumbi e Aquile Semini, e dirigentes do partido português

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL A TODOS OS TRABALHADORES EM AVES

CAMARADAS!

A direcção do Sindicato vem por este meio informar-vos das posições das entidades patronais nas negociações.

Passado longo tempo, após o começo das negociações, encontramos-nos ainda hoje na perspectiva de que saia o tão desejado CONTRATO. Foram meses em que se andou de gabinete em gabinete, de reunião em reunião, de proposta em proposta num intenso trabalho cansativo.

Para nós trabalhadores, cansados pela dureza da luta pelo pão, dia após dia, ano após ano, estes meses de negociações foram dolorosos, foram meses de sacrifícios. Trabalhadores que vinham às reuniões de negociações, chegaram a sair desesperados, com os nervos à flor da pele, de tal maneira que muitas vezes foi preciso uma grande paciência para que esta acumulação de desespero e nervos, não se tornasse em agressão física às entidades patronais.

Tudo isto foi espeznhado pelas entidades patronais. Faziam troça daqueles que tudo produzem e nada possuem, daqueles que fartando-se de trabalhar, não têm já possibilidades de poder chegar ao estrondoso aumento do custo de vida.

O ordenado de 3500\$00 é um ordenado de miséria e de fome.

Não é ordenado para quem tem que sair geralmente da sua cama às 2 e 3 horas da madrugada para ir trabalhar até às 8 e 9 horas. Não é ordenado para quem não possui condições absolutas de trabalho e higiene. Não é ordenado para quem faz diariamente 10 ou 12 h ou mais de trabalho por dia. Não é ordenado para quem POR SEMANA MATA MILHARES DE QUILOS DE FRANGO.

NÃO É ORDENADO PARA UM TRABALHADOR VIVER, MAS SIM PARA MORRER A FOME!

Mas quando os trabalhadores pedem aumento, os patrões riem-se, dizem que não podem pagar, ameaçam os trabalhadores com o fecho dos matadouros. Faz despedimentos colectivos, como foi o caso da Hipólis em Loures e mandam assim mais trabalhadores para o desemprego. Brincam ao seu belo modo com aqueles que no dia-a-dia lhes encham a barriga e aí daquele que se atreva a «incomodá-los com essas coisas».

O nosso futuro contrato, que se encontra agora paralisado novamente por eles não o terem aceite, está condenado a mais negociações de Gabinete, a mais propostas e contrapropostas, a mais reuniões e reuniões.

A nós trabalhadores cabe-nos a última palavra, e das duas uma:

Ou nós escolhemos uma forma de luta que leve os patrões a vergarem-se e a assinarem o CONTRATO ou então, vamos continuar a permitir que eles continuem a brincar connosco.

NAS TUAS MÃOS ENCONTRA-SE A DECISÃO DO TEU CONTRATO!

A DIRECÇÃO DO SINDICATO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL COMUNICADO

CAMARADAS!

A carne congelada aumentou na ordem dos 50% e a carne nacional cerca de 95%. Na carne de 1.ª qualidade o bife e a carne para assar nacional passaram de 100\$00 o quilo para 195\$00 e o bife e a carne de assar congelada de 100\$00 para 130\$00. A carne de cozer sem osso passou de 64\$00 o quilo para 140\$00 e a carne de cozer com osso de 48\$00 para 85\$00. Estas medidas foram aceites e legalizadas pelo Governo satisfazendo assim a vontade há muito manifestada pelos nossos patrões.

Enquanto se verifica este aumento brutal da carne, nós trabalhadores, continuamos a receber os mesmos salários que já ganhávamos em 1974, continuamos sujeitos a condições de trabalho miseráveis, sujeitos a horários de trabalho desumanos, em muitos casos com entradas às 2 e 3 horas da manhã. Perante tudo isto, os nossos patrões continuam a dizer que não podem dar aumentos de salários; continuam a dizer que as reivindicações do nosso CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO em negociação são «irrealistas», etc. etc. Os patrões, têm manifestado toda a sua arrogância e prepotência ao longo do processo de negociação directa, chegando mesmo a assumir atitudes provocatórias.

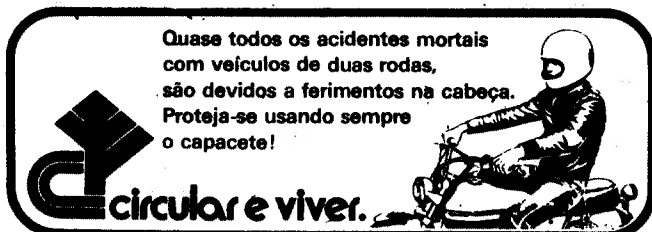
CAMARADAS!

Os patrões têm jogado com a nossa falta de união e, nomeadamente, com a falta de combatividade de muitos de nós. BASTA DE SALÁRIOS DE FOME, CAMARADAS! Temos que pôr cobro à nossa desunião; temos que forjar uma sólida e combativa unidade; Temos que lutar pela saída imediata do nosso contrato!

Só através da nossa participação directa, da nossa unidade e da nossa combatividade conseguiremos alcançar o nosso CONTRATO.

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
UNAMO-NOS EM TORNO DO SINDICATO E LUTEMOS PELA SAÍDA IMEDIATA DO NOSSO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO!

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores em Carnes dos Distritos de Lisboa e Setúbal



Quase todos os acidentes mortais com veículos de duas rodas, são devidos a ferimentos na cabeça. Proteja-se usando sempre o capacete!

circular e viver.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA AOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS COMUNICADO

Camaradas:

A situação que vivemos é grave.

Foram os trabalhadores rodoviários surpreendidos por uma comunicação do Conselho de Gerência da Rodoviária Nacional aos Sindicatos, na qual foi dado conhecimento do não pagamento dos retroactivos acordados pelo mesmo e pelos Ministérios dos Transportes e Comunicações, e do Trabalho, até 30 de Abril de 1977, em conformidade com a cláusula 58.ª do ACTV em vigor.

O motivo invocado foi a carência de disponibilidades de tesouraria, resultantes da recusa do Ministério das Finanças de tomar as medidas necessárias para o fornecimento dos recursos financeiros à RN. Estranhamente, é o próprio governo que, internamente não toma as medidas há muito apresentadas para a solução desta situação, pois desde Dezembro/76, que havia conhecimento do acordo estabelecido com os Sindicatos.

Sempre tiveram os trabalhadores rodoviários a serenidade suficiente para enfrentar situações difíceis como esta, e mais uma vez, estamos dispostos a actuar com a mesma firmeza e serenidade para seja encontrada uma solução justa, na defesa dos nossos interesses.

Prosseguiremos os contactos necessários com os Órgãos do Poder no sentido de obtermos uma resposta a tempo, dando satisfação e cumprimento por parte do Governo aos compromissos que assumiu.

Com firmeza, serenidade e unidade VENCEREMOS!

Lisboa, 16 de Abril de 1977

A Direcção

PUB

C. C. T. SECTOR DE VINHOS CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este C. C. T. para um plenário a efectuar no salão da Voz do Operário, no próximo dia 19 de Abril, pelas 21.30 horas, o qual terá a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações sobre o actual estado das negociações;
2. Análise de medidas a tomar.

Sindicato do Comércio de Lisboa

- » da Construção Civil
- » dos Electricistas
- » dos Escritórios
- » dos Metalúrgicos
- » dos Rodoviários
- » dos Cobradores
- » dos Técnicos de Desenho
- » dos Telefonistas
- » dos Contínuos e Porteiros
- » das Garagens

ÁLVARO CUNHAL NO I CONGRESSO DA UJC

"O actual Governo é o pior desde o 25 de Abril"

«Vós podeis bem dizer àqueles que não são comunistas: se tendes críticas a fazer, façai-as. Se pensais actualmente de maneira diferente da nossa, pois dizei o que está mal, de errado na nossa conduta, mas discutamos fraternalmente e procuremos um caminho comum. Procuremos juntar-nos, vermos em que é que nos podemos entender para a luta, para a acção comum, uma vez que os interesses dos trabalhadores (sejam comunistas, sejam socialistas, pensem o que pensarem, tenham o que tiverem no coração) são completamente iguais» — afirmou

Alvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, quando na manhã de sábado se dirigiu ao I Congresso da UJC.

Depois de outros considerandos, afirmou Alvaro Cunhal: «O actual Governo é o pior Governo desde o 25 de Abril. (...) O Primeiro-Ministro, querendo-se talvez iludir a si próprio, fala muito em galvanizar de entusiasmo o País com a sua política. Mas, verdade, verdade, galvanizou foi o Casqueiro, o José Almeida da Guérin, o Queirós Pereira do Ritz, a D. Fernanda do Grão-Pará, o Abreu da Auto-Reconstrutora, e talvez esteja a

caminho de galvanizar o Pimenta, o Bulhosa, o Quina, o Melo e o Champalimaud».

«Podemos estar absolutamente certos (prosseguiu) de que se continuar com tal política, se acentuarem as discriminações salariais e profissionais para com os jovens trabalhadores e particularmente as raparigas».

O secretário-geral do Partido Comunista, depois de se ter pronunciado sobre o ensino, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, etc., afirmou:

«Impõe-se que seja assegurada a liberdade de associação, manifestação e reunião, e aqui quero reafirmar, em nome do nosso Partido, que reprovamos quaisquer comportamentos que ponham em causa estas liberdades».

E ainda, noutra ordem de ideias:

«Hoje a grande batalha não é para a liquidação dos grupos monopolistas. A nossa grande batalha é para impedir a recuperação capitalista, para impedir que esses grupos monopolistas voltem a ter a economia nacional nas suas mãos».

Na sessão final do Congresso, e após diversas intervenções, foi aprovada a «Declaração da UJC». Para o futuro certos de vencer. Eis alguns extractos: «Mais de 700 mil jovens trabalhadores dos 10 aos 24 anos continuam a ter graves problemas a que é urgente dar respostas» (...). Numerosos obstáculos para constituir família se levantam ante os jovens; agravamento do custo de vida, o preço inacessível das rendas de casa, os reduzidos abonos de família, a falta de creches e infantários... (...) A par destes factores, junta-se «a acção ideológica do imperialismo para corromper a juventude e afastá-la da luta social e política».

AINDA O DESPEJO DAS JANELAS VERDES

Protesto unânime da Junta e Assembleia

O despejo do n.º 92 das Janelas Verdes, que pôs na rua cerca de 15 famílias, entre as quais trinta crianças, com enorme aparato militar, levou a que a Junta e Assembleia da Freguesia dos Prazeres, na sua última reunião, aprovassem, por unanimidade, um comunicado em que entendem, que «antes da consumação do despejo, a Junta de Freguesia deveria ter sido consultada».

«A consulta da Junta — prossegue — para este caso de despejo e todos aqueles que possivelmente se seguirão (se atendermos aos diplomas que estão em discussão no Conselho de Ministros) deverão ser feitos segundo o parecer da Junta e das Comissões de Moradores, como manda a Constituição (art. 118). Depois

de insistirem na necessidade da saída da Lei de regulamentação das funções da Junta e da Assembleia de Freguesia, lamentam «que não se continue a reconhecer o papel actual deste órgão de poder local e os remetam para um papel meramente burocrático-administrativo de antes do 25 de Abril».

Recordamos que a zona dos Prazeres sofre de graves carencias habitacionais, com um número elevado de barracas e pátios. O eventual despejo de mais famílias não encontrará capacidade de resposta por parte dos órgãos de Poder Local, a menos que os despejos sejam suspensos ou sejam dados poderes de actuação às Juntas de Freguesia.

ENCONTRO EM LISBOA

Quadros do PS em reorganização

O Partido Socialista reuniu este fim-de-semana em Lisboa quadros e dirigentes distritais num Encontro Nacional da Or-

ganização. Nos trabalhos estiveram dezenas de representantes do partido a nível dos 22 distritos — 18 do Continente

e quatro das ilhas. Presidiu Jaime Gama.

Falando à Imprensa no final da reunião este dirigente referia o objectivo principal deste encontro. «É indispensável para a democracia portuguesa que o PS tenha uma máquina partidária adequada às suas missões» — palavras suas. O encontro foi «um primeiro passo» no sentido de pôr essa máquina a funcionar.

Interrogado sobre os motivos por que o PS só agora — quase três anos depois do «25 de Abril» realizou este encontro em perseguição dos objectivos em questão, Jaime Gama evocou as dificuldades que se levantavam ao PS na cena política portuguesa até 25 de Novembro de 75 e afirmou que só desde esta última data começaram a existir condições favoráveis para o funcionamento normal dos mecanismos da organização. Falando ontem para a televisão, Jaime Gama anunciou que o PS vai promover já este ano um curso para militantes do partido. Ainda este ano, um primeiro grupo de militantes instruídos nos cursos a realizar deverá estagiar no SPD (Partido Social-Democrata Alemão). Outro grupo de militantes estagiará na Suécia.

Turismo com Marrocos vai ter facilidades

Delegação de turismo de Portugal, Costa do Sol de Espanha e Marrocos, reuniram durante dois dias, no passado fim-de-semana, em Tânger, para estudar as possibilidades de criar uma associação para a intensificação do intercâmbio turístico entre as três zonas, em conjunto e em função de outros mercados.

Segundo o correspondente da ANOP em Madrid — que refere o encontro — as duas zonas portuguesas interessadas nesse intercâmbio seriam Lisboa e o Algarve. Esta esteve presente com uma ampla representação da sua Comissão Regional de Turismo, empresas privadas e Imprensa regio-

nal. A próxima reunião terá lugar em Torremolinos, no mês de Maio, devendo ser apresentados projectos e outras decisões. Registe-se que, apesar do apoio oficial (nos três países) à iniciativa, verifica-se que não há de momento um projecto viável, de carácter técnico e comercial, que possa ter a adesão das entidades directamente envolvidas no sector — operadores turísticos, companhias de aviação, agências de viagens e hotéis.

Nesta reunião de Tânger foram, entretanto, criadas duas comissões, uma jurídica e outra permanente, que apresentará em Torremolinos o projecto concreto de acção.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

DESDE ONTEM EM MADRID

Vilar discute transportes entre Portugal e Espanha

O ministro dos Transportes e Comunicações, Rui Vilar, partiu ontem à tarde para Madrid, cedendo assim ao convite que lhe foi dirigido pelo seu homólogo espanhol dos Transportes Terrestres, Calvo Sotelo.

De acordo com as declarações que prestou à partida, as reuniões que tem marcadas na capital espanhola servirão para passarem revista os problemas que existem nas relações entre os dois países, a nível de transportes, com o fim

de conseguir uma maior cooperação e abrir perspectivas para o futuro. Segundo Rui Vilar, o desenvolvimento das relações entre os dois países, objectivo pretendido pela visita, virá traduzir-se num maior intercâmbio turístico e em maiores fluxos de mercadorias.

O ministro dos Transportes Terrestres avistar-se-á para além de Calvo Sotelo, com o ministro do Ar, com o subsecretário da Marinha Mercante e com o director-geral dos Cor-

reios e Telecomunicações de Espanha.

No aeroporto, quando da partida de Rui Vilar, o embaixador de Espanha que tinha ido apresentar cumprimentos de despedida ao ministro português, mostrou-se optimista quanto ao desenvolvimento das relações entre os dois países. O diplomata sublinhou ainda que a visita do Presidente da República a Espanha seria determinante naquele campo.

NAS MODAS E CONFECÇÕES

"Design" tornou-se factor decisivo de competitividade

O Fundo de Fomento de Exportação promoveu no último sábado, num hotel de Lisboa, a apresentação de quatro colecções sobre o tema «Moda Internacional» de «design» para a estação de Outono-Inverno de 1978.

De acordo com o que foi dito na sessão, o «Design» no contexto actual tornou-se «um factor de competitividade decisivo que é preciso rapidamente aperfeiçoar entre nós». Salientou-se ainda a importância da-quele contributo para a indústria de confecções havendo

vantagem na concorrência nos mercados externos.

No início da sessão de trabalho do Núcleo de «Designers» do Fundo de Fomento de Exportação, Jorge da Conceição declarou que «o nosso principal objectivo é a consciencialização da necessidade do desenvolvimento do «Design» e a capacidade de resposta em termos de criatividade por «Designers» de modas portuguesas». Após o desfile, em que participaram os «Designers» Ventura, Noémia Valentim, Lena Redondo e Viriato com as

suas criações, foi anunciado que em 1977 haverá uma campanha genérica no sentido de promover a qualidade de vestuária portugueses quanto a «Design», cuja primeira fase teve início na referida sessão de sábado.

O objectivo da sessão, em que estiveram presentes Eurico Carreira, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, e António Celeste, secretário de Estado do Comércio Exterior, era criar uma estreita colaboração entre os industriais e os «Designers» portugueses.

'REVOLUÇÃO OU REACÇÃO'

medalha sobre o General
VASCO GONÇALVES
modulo 80mm
bronze



anverso



reverso

numeradas
300

pedidos ao
ATELIER

BELO MARQUES

R. TRINDADE 5-2º dto

T: 37 12 54

LISBOA

envios sem encargos

CCTV DOS QUÍMICOS Paralisação foi êxito Negociações recomeçam amanhã

Obteve significativo índice de adesões a paralisação do sector químico, na passada sexta-feira, das 15 às 17 horas. «A classe respondeu de modo muito positivo, apesar das tentativas de desmobilização a que procedeu a cúpula patronal, designadamente através da publicação de um comunicado cujos termos não correspondem efectivamente ao que se passou no desenrolar das negociações para o CCTV até ao impasse», afirmou-nos um dirigente do Sindicato do Centro, Sul e Ilhas.

Segundo a mesma fonte, a paralisação atingiu os 95 por cento em Setúbal, 90 na região de Lisboa e Centro e cerca de 80 no âmbito do Sindicato do Norte.

Levada a cabo, precisamente, com vista a pressionar o patronato a adiantar as negociações, a paralisação e os seus resultados não deixaram de ter o seu peso no comportamento, quer do Ministério do Trabalho, quer da comissão patronal negociadora, que a classificou de «injustificada e irresponsável». Entretanto, a comissão negociadora dos sindicatos aguarda calmamente, apenas com a natural expectativa, os resultados da reunião marcada já para amanhã no M.T.

MOVIMENTAÇÃO SINDICAL NO FIM-DE-SEMANA

"Quem está de boa-fé discute dentro do movimento sindical"

— afirmou Kalidás Barreto, no Porto

O «desencadeamento imediato de acções de esclarecimento a nível de empresa, a cargo dos delegados sindicais e das C.T.'s, de que resulte a aprovação de posições de protesto contra a política de direita seguida pelo Governo, contra o processo de recuperação capitalista, agrária e imperialista em curso», foi uma das posições aprovadas durante o plenário da União dos Sindicatos de Lisboa, realizado no sábado no Anfiteatro I, na Faculdade de Letras de Lisboa.

Este plenário, integrado num conjunto de realizações que mobilizou os representantes dos trabalhadores em onze distritos, visava analisar a situação social (legislação do trabalho e custo de vida), as comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, a discussão dos novos Estatutos da U.S.L., e a organização regional.

Dentro do mesmo programa efectuou-se no Porto uma reunião de características semelhantes na qual estiveram presentes entre outros sindicalistas, Kalidás Barreto e Armando Teixeira da Silva, membros do Secretariado da C.G.T.P.-Inter-sindical Nacional.

Nessa reunião, efectuada também no sábado, Kalidás Barreto condenaria firmemente

a manobra divisionista da «Carta Aberta», ao mesmo tempo que denunciava o chamado «Pacto Social», «Hoje» — afirmaria — «o Pacto e a «Carta Aberta» só servem para distrair os trabalhadores dos seus problemas concretos». E acrescentaria: «Quem está de boa-fé discute dentro do Movimento Sindical».

Paralelamente a esta intensa movimentação na vida sindical, que preencheu o fim-de-semana, também os sindicalistas da «Carta Aberta» se mobilizaram realizando, com a presença de representantes de 28 sindicatos, uma reunião em Coimbra, de que cumpre salientar uma autocrítica ao papel até agora desempenhado por aquele movimento afectado ao P.S., tendo sido considerado «um erro crasso contestar sem apresentar alternativas».

Os representantes dos sindicatos presentes nesta reunião realizada em Coimbra durante o fim-de-semana, aprovaram também a entrada para a comissão de redacção da «Carta Aberta», dos sindicatos dos Bancários e dos Telefonistas do Norte, em substituição dos Metalúrgicos de Aveiro que abandonaram o lugar.

EM LISBOA

«Pela forma como um Governo disciplina legislativamente as relações de trabalho pode, na verdade, aferrar-se da opção de classe que, caso a caso, momento a momento ele faz no exercício da sua competência própria», lê-se no documento sobre «Legislação do Trabalho» apresentado no plenário da U.S.L., realizado no sábado, em Lisboa.

O documento que referimos recorda que o Governo tem tido uma actuação anticonstitucional quando legisla sobre matéria da competência reservada da Assembleia da República e, ainda, sem consultar minimamente os representantes dos trabalhadores.

A este propósito foram recordados diversos diplomas, entre eles o Decreto-Lei 841-C/76, referente a despedimentos, o D.-L. 781/76, relativo a contratos a prazo, o D.-L. 864/76, sobre o período de laboração das empresas; e o D.-L. 57/77, sobre Comissões de Trabalhadores.

Outros exemplos de diplomas promulgados, como o Decreto 773/76 sobre quotas sindicais e o 75-T/77, sobre horários de abertura de estabelecimentos comerciais e alteração dos horários de trabalho, sendo contrários às posições assumidas pelos sindicatos, sustentam a seguinte tomada de posição:

«Não espanta, assim, que tais leis, além de anticonstitucionais, sejam anti-operárias, consagrando, na esmagadora maioria dos casos, soluções contrárias aos interesses im-

ediatos e aos direitos, inclusive constitucionais, dos trabalhadores».

O plenário da U.S.L. salienta ainda que o Governo se tem socorrido dos «sindicatos da «Carta Aberta» e das C.T.'s que se prestaram a ser lacaios, para dizer que consultou os trabalhadores, no que é apoiado pela maioria dos órgãos da Comunicação Social».

Sobre o 1.º de Maio, lê-se num comunicado da Comissão Organizadora (formada na sequência de reuniões gerais de Sindicatos dos Distritos de Setúbal e Lisboa, composta pelas respectivas Uniões distritais, com adesão de grande número de sindicatos e das centrais industriais de Lisboa e Setúbal), que a semana de comemorações e essa data serão uma grandiosa jornada de alegria e confraternização, de unidade e de luta pela defesa intransigente das conquistas do 25 de Abril e pela consolidação da democracia.

NO PORTO

Na reunião do Porto, por seu turno, destacam-se as declarações de Kalidás Barreto e de Armando Teixeira da Silva. Es-

te último, anunciando que mais dez sindicatos tinham aderido à C.G.T.P.-Intersindical Nacional, afirmou: «Na C.G.T.P. responderemos com a nossa unidade perante o agravamento do custo de vida, a recuperação capitalista e os despedimentos».

Em seguida, referindo o recurso à via administrativa na contratação colectiva, a legislação que a congela na prática, a tentativa de divisão do movimento sindical, diria Teixeira da Silva: «A nossa resposta é mostrar que os trabalhadores estão dispostos a tomar medidas para resolver a crise».

Referindo-se ao divisionismo sindical, Kalidás Barreto recordou que «nenhum trabalhador com consciência de classe pode defender o pluralismo» e que «o inimigo principal dos trabalhadores foi sempre o capital, nunca foi outro».

«CARTA ABERTA»

Por seu turno, os representantes sindicais presentes na reunião da «Carta Aberta», em Coimbra, autocrítica de se, resolveram que a respectiva Comissão de Redacção depois de

uma reestruturação interna para descentralização de missões, optaria por «um movimento de intervenção activa, que deixa de ser apenas contestatário».

No entanto, tal não significaria a criação de «uma estrutura paralela, tendo sido rejeitadas sugestões de institucionalização do movimento da «Carta Aberta».

Outro ponto discutido foi a participação na 63.ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho, a realizar-se em Genebra, entre 1 e 25 de Junho. A proposta aprovada aceita a participação da Intersindical como delegado efectivo, por ser a única central sindical, mas reivindica o papel de delegado suplente e 50 por cento dos lugares da delegação. A composição da delegação será definida pelo M.T.

Além da discussão de diversos aspectos da legislação de trabalho, a «Carta Aberta» entendeu neste fim-de-semana que não participaria nas comemorações do 1.º de Maio, promovidas pela Intersindical, embora promova manifestações paralelas.

A LUTA NO BPA

Trabalhadores suspendem paralisação perante "armadilha" do Governo

Pelas 18.30 de hoje, os trabalhadores do Banco Português do Atlântico reúnem em plenário para estudo de formas de luta adequadas à situação que lhes foi criada por recente nota oficiosa do Ministério das Finanças, considerada como repressiva pelas Comissões sindical e de trabalhadores daquele Banco.

Perante a ameaça de requisição civil, constante da nota

da responsabilidade do ministro Medina Carreira, a qual, concretizada, conduziria imediatamente à suspensão dos organismos representativos dos trabalhadores, C.T. e delegados sindicais decidiram não paralisar esta manhã entre as nove e as onze horas, contra o estipulado no programa de luta aprovado no passado dia 12.

Tal atitude envolve a cons-

ciência de que «muitos vacilarão perante esta nossa decisão, interrogando-se sobre o futuro da nossa luta. Todavia — acrescenta o comunicado da C.T. e dos delegados sindicais — a decisão tomada teve em conta, precisamente, a continuação da luta e a possibilidade de vitória, e traduz a convicção de que só podemos continuar a luta de uma forma unida e consequente, desde que se evite a queda na armadilha da requisição civil».

Entretanto, nas zonas Centro e Norte, a paralisação tinha já sido suspensa.

No comunicado a que fizemos referência, sublinha-se que «uma derrota no contexto repressivo da requisição civil teria repercussões muito graves não só para os trabalhadores do B. P. A., como para os bancários em geral».

Recordar-se que a luta no B. P. A., em si justa, ocorre em circunstâncias caracterizadas pelo boicote das forças de direita e reacções aos trabalhos de reestruturação da Banca Nacionalizada e pelo atraso na assinatura do novo contrato colectivo do sector, atraso pelo qual a então direcção foi vigorosamente criticada por listas candidatas às últimas eleições para o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, ganhas por escassa vantagem pela lista tida por afecta ao P. P. D. sobre a lista «D», unitária, enquanto a lista afecta à direcção em causa (acusada por largos sectores bancários de «correlação de transmissão do P.S.») se ficou por um modesto terceiro lugar. Lembra-se ainda que os ex-dirigentes daquele Sindicato estiveram na linha da frente da ofensiva «Carta-abertista», pelo que deram azo a vivas acusações de divisionismo, por parte de largos sectores da classe que representavam e do movimento sindical em geral.

EM CAUSA OS RETROACTIVOS

Ameaça de paralisação na Rodoviária Nacional

Os sindicatos outorgantes do Contrato Colectivo Vertical dos Rodoviários decidiu que, no caso de a Rodoviária Nacional não efectuar o pagamento dos retroactivos devidos aos seus trabalhadores até ao dia 30 de Abril, se realizará nesta empresa uma paralisação geral durante os dias 7 e 8 de Maio.

Na mesma luta, que visa não só o pagamento dos retroactivos mas também pressionar a publicação de uma portaria que torne o C.C.T.V. extensivo a todos os trabalhadores rodoviários, ficou previsto nessa reunião que não seriam cumpridas horas extraordinárias durante os dias 4,5 e 6 do próximo mês.

Nessa mesma reunião foram focadas as «manobras da Rodoviária Nacional e do Governo para entregar as empresas aos ex-patrões», tendo ficado decidido solicitar uma entrevista ao Presidente da República para lhe «expor a gravidade da situação».

No entanto, um porta-voz go-

vernamental afirmou a um jornal lisboeta que «não têm qualquer fundamento as insinuações sobre a possível desnacionalização da Rodoviária Nacional».

Entretanto, o Conselho de Gerência da R.N. já anunciou, invocando carência de disponibilidades de tesouraria resultantes da política do Ministério das Finanças, que não poderá pagar os retroactivos até ao próximo dia 30.

Sobre o assunto, o Sindicato dos Rodoviários afirma, em comunicado, que procurará estabelecer contactos com os órgãos do poder, «no sentido de obtermos uma resposta a tempo, dando satisfação e cumprimento por parte do Governo, aos compromissos que assumiu».

Para este sindicato, as acções que venham a ser decididas devem nortear-se «pela firmeza e serenidade para que seja encontrada uma solução justa na defesa dos nossos interesses».

PUB

COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA DO CCTV PARA A INDÚSTRIA QUÍMICA

PARALISAÇÃO DE DIA 15/4/77

Apesar de todas as manobras do patronato, que à última hora lançou um comunicado tentando criar a confusão no seio dos trabalhadores, a paralisação da Indústria Química, saldou-se na demonstrativa aderência de 90 por cento a nível nacional.

O que o patronato disse nesse último comunicado, foi que as negociações se estavam a desenrolar, esqueceu-se de dizer no entanto que a sua última posição de há semanas para cá e que mantém, significa para grande número de trabalhadores ficarem pior do que o estão actualmente.

Pretendem dizer que o que levou a CSN a decretar a paralisação foram motivos «alheios aos trabalhadores», esqueceu-se hipocritamente de referir, os plenários que por todo o lado se efectuaram nas fábricas desses senhores e com conhecimento deles, onde foram os trabalhadores a tomar a decisão.

A sua vontade negociadora é tão «grande» que face a esta paralisação-aviso resolveram não satisfazer minimamente as justas reivindicações dos trabalhadores mas sim, declararem terminada a tentativa de «Conciliação».

A Comissão Sindical Negociadora saúda todos os trabalhadores da Indústria Química que com a sua luta demonstraram primeiro a lucidez própria dos trabalhadores, deste País, e segundo a sua vontade inabalável de luta pelos seus legítimos direitos.

Proximamente será feito o ponto pormenorizado da situação e a melhor forma de assegurarmos a saída do nosso Contrato.

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES!
EM FRENTE PELO CCTV!

- A CSN DO CCTV/Indústrias Químicas
- Sindicato Químicos do Centro
- Sindicato Químicos do Sul
- Sindicato Químicos do Norte
- Federação Nacional Sindicatos Metalúrgicos
- Federação Sul Sindicatos Empr. Escritórios

Estivadores

A lista «A», afectada à actual direcção, venceu as eleições para o Sindicato dos Estivadores do Porto de Lisboa, realizadas ontem, totalizando 823 votos.

Segundo o mesmo informador, um dos elementos directivos, a lista «B», que concorreu sob a sigla «Por um sindicato democrático ao serviço dos trabalhadores», obteve 328 votos.

PROF. FRANCISCO PEREIRA DE MOURA AO "D.L."

"As transformações de Abril não-de constituir os alicerces do futuro"

ENTREVISTA CONDUZIDA POR MANUEL ANTA

«... Não foram só o salário real, a parte do trabalho no rendimento nacional e a política social que tenderam a voltar à antiga estrutura: o que flutuou e, finalmente, parece ter-se firmado no «antigamente é o próprio poder político, pelos menos na sua visão de estagnação social. Voltam a repetir que só pode distribuir-se o que, primeiro, se produziu — ocultando que é perfeitamente possível dar maior quinhão aos mais pobres com a condição de reduzir o «bolo» dos mais ricos. Volta a especular-se, com pretensões científicas, que as altas de salários não podem ultrapassar os aumentos de produtividade, sob pena de tubo ser ilusório e comido pela inflação — ocultando, ainda neste caso, que só é assim desde que não desçam as margens de lucro. São coisas elementares de economia, mas a dificuldade em compreender não está na matéria, está sim nas mentes embotadas por uma visão, interesses ou enleios de classe» — afirma-nos o professor Francisco Pereira de Moura, nesta segunda parte da entrevista que nos concedeu.

Na primeira parte, aquele economista abordou em quatro capítulos distintos — «Crise, antagonismos de classe e instabilidade desde o 25 de Abril», «empréstimos estrangeiros e desvalorização», «Democracia política e liberdades do povo» e «O Mercado Comum forte, o Portugal fraco e o jogo das nacionalizações» aspectos predominantemente políticos. Hoje, penetra profundamente no domínio económico não sem antes aflorar o período vulgarmente caracterizado como «gonçalvista». Nele o professor Pereira de Moura faz o retrato do general Vasco Gonçalves verdadeiro revolucionário e «uma pessoa ímpar no plano da honestidade intelectual e na vontade de fazer andar uma revolução que libertasse, realmente o povo».

Ocorre ainda voltar a sublinhar o interesse de que se reveste este depoimento que, embora susceptível de controvérsia, não é lícito ignorar, pois nele se abre um aliciente campo de reflexão para todos aqueles verdadeiramente empenhados em salvaguardar e solidificar as conquistas revolucionárias alcançadas após o 25 de Abril de 1974.

V - HISTÓRIA DO "GONÇALVISMO" E HISTÓRIAS DE GOVERNO

«DL» — O contexto económico actual é caracterizado por uma acentuada recuperação capitalista que alguns pretendem fazer por «recuperação económica». Por outro lado, há quem considere nas «altas esferas» que a «culpa» da crise económica vigente em Portugal pertence aos trabalhadores e que são eles que devem «pagar» as consequências. Não teme que, a continuarmos na via pela qual o País enveredou após o 25 de Novembro e tendo em conta o avanço da direita e as pressões do capitalismo internacional, a Revolução Portuguesa — se alguma vez ela existiu... — se «apague», a independência nacional se transforme numa mera cláusula de estilo e a repressão se abata sobre as classes trabalhadoras?

F.P.M. — «Poderia limitar-me a responder que também o temo. E acrescentaria que a repressão sobre os trabalhadores tem sido um facto — no Alentejo e no Norte, por exemplo; e que sobre independência nacional a última novidade pode ler-se no Boletim do Departamento de Imprensa e Informação do Governo da República Federal da Alemanha (de 11 de Março de 1977), no discurso do chanceler federal Helmut Schmidt em almoço oferecido ao nosso actual Primeiro-Ministro e referindo-se à luta de Mário Soares pela democracia: «... e creio poder afirmar sem restrições em nome de todos os partidos políticos do meu País que nós acompanhamos essa luta com simpatia, com interesse e, em parte também, com a nossa participação activa». Terão sido apenas os entraves financeiros do Verão de 1975, a que já se referia Willy Brandt, a «participação activa» a que se refere o chanceler Schmidt?...

Poderia também responder que, ao menos em um ponto, a Revolução Portuguesa jamais se apagará — a descolonização. Mas não continuarei nesta resposta directa porque o enuncia-

do da pergunta suscita temas importantes que é altura de analisar.

Culpas da crise é frase que nos reconduz ao «gonçalvismo»...

VASCO, FIGURA «ÍMPAR»

E prossegue: «Conheci Vasco Gonçalves no dia 26 de Abril, ao tratar da libertação dos presos políticos de Caxias; e a impressão que me ficou foi confirmada em todas as observações que, depois, pude ir fazendo quando o via entre os seus companheiros do MFA: no plano da honestidade intelectual e da vontade de fazer andar uma revolução que libertasse, realmente, o Povo, era figura ímpar (sem desprimor para muitos outros). É por isto que entendo necessária uma análise dos seus períodos de Governo e dos argumentos dos detractores: pois se considero normal que as revoluções queimem, sucessivamente, os seus heróis, também considero que vimos assistindo a uma campanha de ódio que andar, talvez, a encobrir qualquer coisa.

Dos quatro Governos Provisórios a que presidiu Vasco Gonçalves penso que só aos que tiveram os números IV e V se referem os «anti-gonçalvistas». Ora, a verdade é que o PS (oficialmente, através de Mário Soares e de Salgado Zenha) e o então PPD (pelas vozes de Magalhães Mota e de Sá Borges) não se opuseram à decisão histórica que ficara a caracterizar o IV Governo — as nacionalizações e o desmantelamento dos grandes grupos que oprimiam o Povo português e haviam tornado impossível, nos Governos Provisórios anteriores, a formulação de políticas progressistas; não apenas não se opuseram como saudaram, com entusiasmo, tais medidas. E quanto à Reforma Agrária, já na ponta final desse IV Governo, se é certo que o PS procurou adiar uma discussão e decisão que (em meu entender) já vinha muito atrasada, uma vez que as ocupações de terras começaram pelo final de 1974 e estávamos a meio de 75, também é verdade que o membro do Governo destacado pelo partido



«Em Lisboa, depois de um crescimento dos salários reais de 2,4 por cento no primeiro ano da Revolução, passou-se ao declínio e, no final de 1976 estava-se a um nível idêntico ao de 1969...»

para essa sessão nela acabou por participar activa e utilmente, como aliás fizeram, desde início, e para vantagem das leis que então ficaram aprovadas, os representantes do PPD.

«REPUBLICA» E «RENASCENÇA»

«Noutro plano, o das liberdades de expressão: todos nos recordamos dos casos «República» e «Rádio Renascença». Admito que tenha havido más interpretações, suspeitas até, a certo momento; mas ficou meridianamente claro que Vasco Gonçalves e aquelas forças militares e políticas que, no afirmar do PS, mais o apoiaram, nada tiveram a ver objectivamente com tais casos e tudo tentaram para os resolver correctamente (aliás Mário Soares fez declarações públicas desresponsabilizando do caso o próprio PCP, alvo das campanhas iniciais).

Estará o problema nas questões sindicais, designadamente a propósito da querela da unicidade? Passou-se durante o Governo em que eu não estava (o III); mas poderá culpar-se o Primeiro-Ministro de então pela pujança da Intersindical, quando o seu homólogo de agora, estando no Poder há certo tempo e apenas com gente do seu partido tendo-se conduzido uma guerra aberta à Inter por militantes socialistas e pelo Ministério do Trabalho, e havendo sido suprimida a «unicidade» na Constituição e da lei, vê a mesma organização a crescer de importância e influência?

Descolonização: sabem os detractores de Vasco Gonçalves que essa política não corria ao nível do Governo, mas sim pelo Conselho da Revolução (e seus antecessores) e pela Comissão de Descolonização, a funcionar junto do Presidente da República. Ignoro o que aí se discutia e as posições tomadas; mas nas cerimónias da independência de Moçambique não notei em Mário Soares a menor oposição ao rumo dos acontecimentos, antes recordo a sua emoção, semelhante à minha (ambos encharcados, fora do toldo protector da chuva, no estádio da Machava), mas a emoção dele — indiscutivelmente — enriquecida pelo contri-

buto directo que dera às negociações para fazer nascer uma nova nação e Estado».

«VASCO NÃO ERA HOMEM PARA DITADURAS NEM TOTALITARISMOS»

«Resta o V Governo — durante o «Verão quente» de 1975. Também aqui suponho que houve equívocos. Mas na reunião de Belém, na véspera da posse, ficou claro que só aceitávamos os cargos porque o País não podia permanecer muito mais tempo sem Governo, pois havia praticamente um mês de impasse; que seria um Governo «de passagem» — e o Presidente Costa Gomes foi bem claro, porventura de forma chocante para quem ignorasse o que se acertara, na cerimónia da posse; que os partidos políticos aceitavam bem essa solução e garantiam não-hostilidade enquanto buscavam entre si e com os militares um equilíbrio com vista a um novo Governo; e que as Forças Armadas as assegurariam a ordem pública, já que começavam os ataques e incêndios em sedes de partidos de esquerda.

A haver razões de queixa seria dos membros do V Governo contra a inoperância e divisões crescentes dos militares e contra os ataques ferozes de alguns partidos e suas organizações. Posso dizer que, passada uma semana, novamente em Belém e após longo balanço geral à situação, anunciei que me demitiria visto não estarem a ser cumpridas as condições básicas que haviam sido garantidas e mais ministros disseram o mesmo...»

«DL» — Mas não se demitiram...

F.P.M. — «Não. Após novo balanço verificou-se que a demissão do Governo, naquele momento, com uma situação grave e as forças políticas sem alcançarem ainda qualquer entendimento, obrigaria praticamente à tomada efectiva das funções governamentais apenas por militares. Unanimemente aceitámos então esta conclusão de Vasco Gonçalves: que o Governo deveria manter-se — e por mim, tive aí mais uma prova de que não era homem para ditaduras nem totalitarismos».

Continua na pág. 10

"Enquanto não regressam os justos... monopolistas"

Continuação da pág. 9

«DL» — No entanto «diz-se» que os «perigosos gonzalvistas» se preparavam para a tomada violenta do poder, impondo a Portugal um regime comunista...

F.P.M. — «Quando os argumentos passam dos factos para as intenções que se atribuem, é impossível rebater. Apenas transmito a minha convicção de que nada encontrei no comportamento de Vasco Gonçalves nem no do PCP — e também não em outras forças de esquerda que até nem ligavam bem entre si e com aquele partido, quando não o hostilizavam abertamente — que me leve a supor qualquer intenção de golpe para o Poder. Sei que partidos comunistas, em outros países, o fizeram; também sei que eram, aí, completamente diferentes das nossas circunstâncias e o enquadramento.

Isto é, um pouco, um depoimento sobre situações que vivi no interior. E creio que pode interessar, mais do que em defesa e solidariedade para com o general Vasco Gonçalves, como tentativa de análise serena (evidentemente, sujeita a erros) dos factos, e como sugestão de que conviria sermos comedidos, todos, sob pena de ficar irremediavelmente intoxicada a vida política portuguesa, e diminuir essa política, com calúnias impunes e ataques pessoais contra quem não tem os mesmos meios de defesa. Todos ficamos feridos, mesmo os que atacam».

VI - A CULPA É DOS TRABALHADORES? PRODUÇÃO E EMPREGO

«DL» — Disse que havia outras temas importantes levantados pela pergunta precedente à análise que fez do «Gonzalvismo»: porventura o de as «culpas» da crise caberem aos trabalhadores?

F.P.M. — «Pois, vamos directamente a esse ponto. Quem diz isso procura sugerir o seguinte: houve reivindicações salariais excessivas e «subversão» nas empresas; isso desorganizou e descapitalizou, descendo a produção e o emprego; ao mesmo tempo, os altos salários ficaram frente a uma produção nacional escassa, crescendo os preços (inflação, ajudada pelo aumento da circulação monetária, importada pelas dificuldades empresariais) e importando-se maciçamente, assim delapidando as reservas. Os especialistas destes raciocínios juntam desemprego a uma inflação que corrói os salários reais para compor um final de fábula moralizador, com castigo dos pecadores (evidentemente: os trabalhadores...), enquanto não regressam os justos... monopolistas. Há que desconfiar.

Tem de começar-se por algum lado: mas então não há operários e empregados preguiçosos e perdulários? Claro que há, como em todos os grupos humanos; mas não aceito é a generalização desses casos a toda uma classe de pessoas que, normalmente, dispõem um esforço de que não seriam capazes os críticos e suportando ritmos e sujeitando-se a disciplinas que desfariam qualquer tecnocrata ou deputado burguês; e sobre serem perdulários haverá a pergunta de quem — da fome que passaram e ainda muitos passam?»

A OPINIÃO DOS TÉCNICOS AMERICANOS

«DL» — Caiu efectivamente a produção?

F.P.M. — «Quem não recorda os anúncios da tragédia, no dealbar do VI Governo: o produto nacional descaiu uns 15 por cento em 1975, queda rapidamente perspectivada para 25 por cento em 1976 numa publicação bancária de conjuntura? Dir-se-ia que havia o propósito de preparar os espíritos para o golpe.

Curiosamente, vieram os professores americanos do MIT...

«DL» — A Conferência da Gulbenkian?

F.P.M. — «Não, ainda lá não chegámos, estamos um ano antes. Ora eu dizia que os professores americanos do MIT escreveram, em relatório para as autoridades portuguesas, o seguinte: para um país que experimenta, desde há pouco tempo, tão profunda reforma social, uma vaga de mudança no seu comércio externo e seis Governos revolucionários nos últimos dezanove meses, Portugal goza, inesperadamente, de uma boa saúde económica. Embora o produto real caísse nitidamente em 1975, a queda não foi abrupta; a melhor estimativa é de uma diminuição de uns 3 por cento no produto interno bruto. E comentavam, logo a seguir: Em confronto com outros países da OCDE, a experiência portuguesa não se revela muito pior do que a média... a queda do PIB em 1975 nos Estados Unidos foi de cerca de 3 por cento, na Alemanha Ocidental andou perto de 4 por cento e, na Itália por mais de 4,5 por cento. Este foi o parecer dos professores Dornbusch, Eckaus e Taylor, de Dezembro de 1975. Note-se que estas taxas, de vários países, ainda assentavam em estimativas provisórias.

Mas necessitamos de juntar alguns números com mais pormenor, a ver se ficam relativamente claras, e de vez, as coisas que aconteceram nestes domínios da produção nacional.

QUADRO I — EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

Anos	Produto interno bruto, a custo de factores	Produto de algumas indústrias			
		Alimentação, bebidas e tabaco	Têxteis e vestuário	Químicas e petróleo	Produtos metálicos e equipamentos
1973	160,3	6,40	15,92	7,80	18,64
1974	168,8	7,24	16,76	7,80	18,46
1975	164,2	9,19	13,88	8,24	16,07
1976*	172,6	9,93	14,85	8,90	15,94
74/73	+5,3%	+13,1%	+5,3%	0,0%	-1,0%
75/74	-2,7%	+26,9%	-17,2%	+5,6%	-12,9%
76/75*	+5,1%	+8,1%	+7,0%	+8,0%	-0,8%

* Os valores de 1976 ainda são estimativas.

Fontes: Contas nacionais (INE) e Relatórios do Departamento Central de Planeamento sobre a Situação Económica Portuguesa de Maio e Novembro de 1976.

«Como se vê a quebra do produto não atingiu, sequer os 3 por cento da estimativa citada; e em 1976 ter-se-ão, porventura, aproximado os ritmos de aumento anteriores.»

«DL» — De qualquer modo, quais as razões dessa quebra... internas ou externas?

F.P.M. — «De tudo um pouco e com incidências bem diferenciadas, como mostram os dados referentes a sectores industriais. A descida nas indústrias de produtos metálicos e equipamentos liga-se, essencialmente, com a queda brusca do investimento; e aí estão os efeitos da Revolução, pois os empresários vêem o horizonte capitalista negro, ou não conseguem mobilizar fundos nas empresas devido a maiores exigências para manuseio com altas de salários e materiais ou, então, esbocam-se os próprios centros de decisão empresarial — e a maior parte dos investimentos era feita pelos grandes grupos. Nos têxteis temos a transmissão, para o nosso país, em exportações dificultadas e reduzidas, da crise do mundo capitalista. As químicas e petróleo, abastecendo o mercado interno (energia e adubos, por exemplo) aguentaram bem o impacto inicial e traduzem um panorama global não desfavorável. E a evolução nas indústrias alimentares, bebidas e tabaco mostra que se evitou o alastramento interno da crise com a política de elevação de salários e poder de compra.»

MAIS DE 500 MIL EMPREGOS NECESSÁRIOS

«DL» — Passamos ao problema do desemprego?

F.P.M. — «A limitada quebra da produção logo nos alerta efectivamente contra a ideia — que continua a ser propagandeada e pesa na opinião pública — de que estaria aí, na desorganização ou descalabro do aparelho produtivo, a causa de um desemprego maciço.

As estimativas mais recentes apontam para mais 500 mil pessoas procurando emprego. Se recordarmos que houve uma redução do contingente militar em cerca de 11000 mil homens, que dos retornados de África uns 120 mil (segundo outras estimativas, do Comissariado dos Desalojados, quase 200 mil) correspondem a população activa, e que a emigração passou do nível de 170 mil (em 1971) para escassas dezenas de milhares actualmente, fica quase tudo explicado.

Porque tem sido muito pequena, não atingindo os dois por cento, a diminuição dos postos de trabalho efectivamente existentes: só na construção civil e na pesca é que os índices de emprego em Janeiro de 1976 (portanto no momento que deveria construir o auge da crise, segundo a perspectiva que estamos a comentar) descem cerca de 10-12 por cento em relação aos números de Abril de 1974, e em escassos sectores das indústrias transformadoras — têxteis, plásticos, artes gráficas e artigos de matérias curtumes — é que o desemprego ultrapassou os cinco por cento. São números do Serviço de Estatística do Ministério do Trabalho, obtidos por inquérito periódico a oito

mil e tal empresas e que, na fonte indicada no quadro II podem ver-se para mais meses e com maior pormenorização.

«Estes índices não abrangem as muito pequenas empresas até 10 trabalhadores, mas pode admitir-se que não surgiram aí os problemas mais graves, na sua maior parte tendo até sido excluídas das obrigações do salário mínimo nacional, quando foi decretado e actualizado. Mas também não abarcam a agricultura: deve supor-se que continuou um movimento de êxodo dos campos, embora a ritmo muito mais lento do que anteriormente, devido à melhoria das condições de vida e ao aumento das áreas cultivadas e dos postos de trabalho (Reforma Agrária, no Sul), ao desaparecimento



«É perfeitamente possível dar maior quinhão aos mais pobres com a condição de reduzir o bolo dos mais ricos...»

das oportunidades de emigração e, até, como consequência do menor desenraizamento determinado pela redução nos recrutamentos militares.

De modo que os elementos importantes a reter são: reduzida perda de postos de trabalho, mas extremamente elevada e anormal procura de emprego pela desmobilização, fim da emigração e retornados, a que o aparelho produti-

vo não pôde responder com a criação maciça de novos postos. Repare-se, no entanto, que também anteriormente nunca o fizera: por exemplo, o aumento de emprego, em termos comparáveis com os índices apresentados, exprime-se por 6,1 por cento de Janeiro de 1968 até Abril de 1974 (mais de seis anos, portanto muito menos de um por cento), e sendo apenas mais 2,8 por cento nas indústrias transformadoras também nesses seis anos e pouco; e a mais longo prazo tivemos a emigração e a queda da população residente e activa devido à mesma incapacidade.

Tudo isto quer dizer que os cerca de 15 por cento de desempregados não se podem comparar, em termos de «crise», e de suas causas e de terapêuticas aos sete a oito por cento dos EUA ou aos seis milhões da CEE. Estes últimos números apenas nos alertam para a incapacidade efectiva das estruturas e motivações capitalistas, na fase actual da evolução do sistema, para enfrentarem e resolverem tão tremendo problema humano».

VII - INFLAÇÃO, SALÁRIOS E REPARTIÇÃO DE RENDIMENTOS

«DL» — É indiscutível que desde 1974 se acelerou a alta do custo de vida, a subida dos preços... O que tem isso a ver muito concretamente com os aumentos de salários?

F.P.M. — «Tem muito: Como demonstrarei daqui a pouco, os aumentos de salários não chegam para compensar a subida dos preços, tendo diminuído já o salário real e os níveis

de vida dos trabalhadores. O que se costuma dizer é o contrário, que os salários são excessivos e fazem subir os preços: é problema que se pode perceber considerando os «Contendores» em presença, isto é, a luta entre trabalhadores e sindicatos, por um lado, e a classe capitalista e seus apoios por outro — quanto ao Governo e ao poder militar, em curto período depois do 25 de Abril ao lado dos trabalhadores mas desde o Outono de 1975 do outro lado da barricada, tal como até 1974.

Ao trazer os esquemas da luta de classes para a análise deste problema, não estou a pensar em sequestro de administradores nem em cargas da GNR chamadas pelos gerentes: penso, sim, nesta coisa simples da repartição do «bolo» que é o rendimento nacional.

Antes do 25 de Abril estava aqui uma das chagas da sociedade e da economia portuguesa, reconhecida por gente que hoje se situa nos mais variados quadrantes partidários. A mais justa repartição em favor dos trabalhadores, ou a aproximação dos padrões de repartição funcional correntes nos países capitalistas civilizados, ou a redução da exploração capitalista — eis três formas de exprimir a mesma ideia, e em que abundam textos e intervenções, em todas as circunstâncias, nos tempos próximos do fim do fascismo. O pano de fundo era claro: salários de miséria nos campos

QUADRO II — ÍNDICES DE EMPREGO POR ACTIVIDADES, NO CONTINENTE E ILHAS

Actividades	Janeiro de 1974	Janeiro de 1975	Janeiro de 1976
Todas as actividades (★)		98,3	98,2
Pesca		98,3	89,7
Indústrias Extractivas		98,8	98,6
Indústrias Transformadoras		98,7	98,4
Alimentação		98,2	100,2
Têxteis		98,2	96,2
Químicas e Petróleo		98,4	102,8
Cerâmicas, Vidro e Cimento		101,9	99,5
Metalurgia e Metalomecânica		100,0	98,4
Construção e Obras Públicas		98,5	87,9
Comércio, Restaurantes e Hotéis		91,9	98,2
Transportes, Armazenagem e Comunicações		98,5	98,2
Bancos, Seguros, Operações s/ Imóveis		101,8	106,8
Serviços Pessoais		105,2	108,8
		99,9	100,1

(★) Não abrangem a agricultura nem a administração pública e defere, e a mostra exclui empresas com 10 trabalhadores ou menos.

Fonte: Estatísticas do Trabalho, 1/1976, p. 29, edição do M. do Trabalho.

"Acelerada quebra dos salários reais..."

e nas fábricas, ao mesmo tempo que opulência e esbanjar ultrajante na mesa e nos palácios e coutadas dos ricos, e até mesmo nas estruturas de rendimento e despesa da nova classe tecnocrata que já despontava mas logo se situava nos níveis dos «quadros» da Europa industrializada. Ou de outro modo: o rendimento nacional repartia-se em partes iguais pelo capital e pelos trabalhadores, o que parecendo boa equidade, logo se revela iníquo quando repararmos que estes são milhões e aqueles algumas dezenas de milhar. E se é certo que havia tendência para crescer a parte do trabalho, era lenta essa subida e de vez em quando destruída (1972/73, por exemplo) por efeito das políticas e das conjunturas: ascensão liberalizada dos preços e das margens de lucro, congelamento da contratação colectiva e das actualizações salariais ante a alta do custo de vida. Os valores até 1973 do quadro III retratam o fascismo; e com mais clareza na última coluna, onde se vê que os lucros eram sempre bem superiores ao total dos ordenados e salários do sector privado.

QUADRO III — SALÁRIOS E LUCROS NO RENDIMENTO NACIONAL

Anos	Remunerações do trabalho no rendimento nacional	Ordenados e salários em relação aos lucros das empresas privadas (★)
Média de 1965-70	48,6 %	83,0 %
1971	50,1 %	85,3 %
1972	48,4 %	75,8 %
1973	46,8 %	71,1 %
1974	52,6 %	87,2 %
1975	58,2 %	

(★) Exclui sector público, civil e militar, bem como as contribuições patronais para a previdência; nos lucros não se incluem as rendas.
Fonte: Contas Nacionais (I.N.E.) e Relatórios do D.C.P. (já citados)

«Uma medida fundamental do I Governo Provisório consistiu na fixação do salário mínimo nacional (ainda que com importantes excepções, designadamente à agricultura) em 3300\$00. O progresso foi sensível, tanto que se calculou na altura que mais de 52 por cento dos assalariados viam subir os seus salários.

Mas o que se queria com essa e outras medidas de política social (pensões, subsídios de

só os índices de Março e, sobretudo, de Abril em diante, vão revelar. Também aqui nada, na sua eloquência, como os números: de preços de salários nominais e de salários reais, que resultam da combinação daqueles».

QUADRO IV — EVOLUÇÃO DOS PREÇOS E DOS SALÁRIOS

Anos	Índices de preços no consumidor (sem habitação) 1963 = 100			Índices de salários 1963 = 100					
				Trabalhadores rurais do Continente		Profissões das indústrias e transportes			
						Cidade de Lisboa		Cidade do Porto	
	Média de Évo. e Vis.	Média de Lisboa	Média de Porto	salários nominais	salários reais	salários nominais	salários reais	salários nominais	salários reais
Variação média de 1963-73	+ 5,2 %	+ 6,4 %	+ 5,8 %	+ 12,6 %	+ 7,0 %	+ 9,5 %	+ 3,0 %	+ 10,5 %	+ 4,5 %
Índices:									
1972	151,3	165,9	159,5	287,2	189,8	217,5	131	247,7	155,3
1973	166,1	185,0	175,7	328,1	197,5	247,8	133,9	272,0	154,8
1974	210,8	239,1	222,7	439,1	208,3	327,7	137,1	376,8	189,2
1975	258,8	287,7	268,2	535,2	206,8	388,8	135,1	481,6	179,6
1976	304,4	343,1	312,7	609,8	200,3	435,0	126,8	551,0	176,2

(*) — Homens, trabalhos gerais.

Fonte: Anuários Estatísticos e Boletins Mensais do I.N.E.

«E porque aconteceu assim? Porque o poder político não conseguiu operar uma redistribuição perdurável, antes permitindo ou promovendo, até, um retorno às desigualdades e assimetrias anteriores através da inflação. Evidentemente, não foram só o salário real, a parte do trabalho no RN e a política social que tenderam a voltar à antiga estrutura: o que flutuou e, finalmente, parece ter-se firmado no «antigamente» é o próprio poder político, pelo menos na sua visão de estagnação social. Voltam a repetir que só pode distribuir-se, o que, primeiro, se produziu — ocultando que é perfeitamente possível dar maior quinhão aos mais pobres com a condição de reduzir o «bolo» dos mais ricos. Volta a especular-se, com pretensões científicas, que as altas de salários não podem ultrapassar os aumentos de produtividade, sob pena de tudo ser ilusório e comido pela inflação — ocultando, ainda neste caso, que só é assim desde que não desçam as margens de lucro. São coisas elementares de eco-

de exportações para o ocidente capitalista até às quebras de remessas de emigrantes, de entradas de capitais e de linhas de financiamento de curto prazo — intervenções americanas, dos Schmidt e Brandt e amigos de cá? E não seria

nacional». De facto, o restaurante não era dos mais caros, o bife custava 120\$00 e o salário mínimo tinha sido fixado em 3300\$00. Enquanto as coisas forem assim será possível pedir moderação aos trabalhadores?»

VIII - UMA ALTERNATIVA COM BASE SOCIAL CLARA

«DL» — Uma última pergunta: para consolidar a democracia em Portugal, singrar rumo a um socialismo não desnaturado, reanimar a economia nacional, quais as alternativas por si preconizadas em relação à política do actual Governo?

F. P. M. — «Tratemos, primeiro, dos objectivos que me aponta e que também são meus — mas explicando algumas coisas. Nem concebemos o socialismo sem democracia, nem considero bastar uma reanimação da economia, devendo ser muito mais ambiciosa a terapêutica.

Quanto à economia: ainda que resolvessemos os nossos problemas «conjunturais», ficavam a querer postos de trabalho novos umas quatro ou cinco centenas de milhar de pessoas, e a produção (especialmente na agricultura) a escassear gravemente. Portanto, teríamos tensões sociais, sucessivos desequilíbrios na balança, ou alta dos preços internos para limitar os rendimentos reais e os consumos — mas de quem?

E quanto ao socialismo: já passou o tempo em que era identificado com a apropriação colectiva de todos os meios de produção e, muito menos, com formas de poder político altamente centralizadoras da acção económica e cercadoras dos direitos e liberdades. A experiência histórica da União Soviética levou a progressos materiais e humanos que só por má-fé podem ser negados, mas a essas zonas de luz juntam-se sombras inaceitáveis, tal como já acontecera em outras fases pioneiras de revolução e avanço das sociedades — na conquista das democracias inglesa ou francesa, como na afirmação das formações sociais do capitalismo industrial nascente perante um mundo do trabalho desorganizado, também na Inglaterra, e nos EUA ou no Ocidente europeu. Mas há outras experiências socialistas para nos ensinarem, em tantos países asiáticos, árabes africanos, do leste europeu principalmente; há os socialismos da China com as suas revoluções culturais e de Cuba com efectivas eleições de representantes nas bases; há a Jugoslávia altamente descentralizada e houve o socialismo de Alende...»

«DL» — Que fracassou...

F. P. M. — «Sim, que fracassou devido à aliança do imperialismo e da grande com a pequena burguesia chilena; há as intenções proclamadas das sociais-democracias de evoluírem paulatinamente para o socialismo, a par dos projectos, com os pés bem na terra e agora mais promissores, de as formações de esquerda encetarem transacções de sistema atingindo o poder no Sul da Europa. Ora, tudo isto nos diz que está para chegar o fim do capitalismo, e que as novas formas de sociedade estão a crescer e a construir-se já sob os nossos olhos, mas conservando e pondo ao serviço de todos os seres humanos um património de civilização para que a época dos «burgueses à conquista do mundo» também contribuiu».



«... Enquanto as coisas forem assim será possível pedir moderação aos trabalhadores...»

altura de recordar que a política de hostilidade para com os países libertados do colonialismo português impediu alguma compensação, em exportações para a perda desse fabuloso factor de equilíbrio da balança da «zona do escudo» nos velhos tempos antes das guerras?

Mas há outras coisas a ver. Como é que os trabalhadores, com menos e, depois, ligeiramente mais de metade do rendimento nacional, podem arcar com a responsabilidade das importações do país em bens de consumo? Seria interessante fazer um estudo sobre a origem, nacional ou importada, dos consumos dos trabalhadores e os das classes médias e da alta burguesia, mas não custa adiantar a hipótese

«...Mas poderá culpar-se o Primeiro-Ministro de então (Vasco Gonçalves) pela pujança da Intersindical, quando o seu homólogo de agora (Mário Soares) estando no poder há certo tempo e apenas com a gente do seu partido, tendo-se conduzido uma guerra aberta à Inter por militantes socialistas e pelo Ministério do Trabalho, e havendo sido suprimida a «unicidade» na Constituição e da lei, vê a mesma organização a crescer de importância e influência?»

desemprego, férias, etc...?). Pura e simplesmente alterar o padrão de repartição do rendimento nacional, aumentando a parte do trabalho e diminuindo a do capital: em rigor, nem só a do capital, mas sim todos os rendimentos mais desafogados, tanto que se decretou o congelamento dos vencimentos superiores a 7500\$00, e mais tarde, ao actualizar o salário mínimo para 4000\$00, novamente se congelou para além de 12000\$00.

FRANCA E ACELERADA QUEBRA DOS SALÁRIOS REAIS

«Existem estimativas sobre os efeitos sociais destas medidas. A já referida parte do trabalho no RN terá chegado a mais de 52 por cento em 1974 e 58 por cento no ano seguinte (estimativas do Departamento Central de Planeamento, nos estudos preparatórios do «Plano para 1977») — constituindo uma aberração metodológica os 70 por cento do relatório MIT (agora sim: é o dos cinco estudantes, que foi apresentado na conferência da Gulbenkian), pois se juntam na mesma rubrica também os rendimentos dos produtores independentes, perdendo-se a comparabilidade dos números».

«DL» — Houve progresso, isto é, a política social conseguiu os seus objectivos?

F. P. M. — «Sim e não. Sim, numa primeira fase, e além das perspectivas «sociais», isto é, de melhoria dos níveis de consumo, também com os reflexos económicos — que já encontramos ao estudar a evolução da produção. Mas, depois, não: sucessivas altas dos preços no consumidor absorveram, ao princípio parcialmente, depois totalmente, essas melhorias de níveis de vida — e agora já muito pior do que isso, estando-se em franca e acelerada queda dos salários reais, mesmo ainda não contando com as últimas medidas de austeridade e com a desvalorização e o «cabaz», que

nomia, mas a dificuldade em compreender não está na matéria, está sim nas mentes embotadas por uma visão, interesses ou enleios de classe».

O PREÇO DO CAFÉ E A «PERDA» DE ANGOLA...

«Subsidiariamente, a evolução dos salários reais mostra uma coisa importante: é que não corresponde à realidade essa sempre referida acusação de que o 25 de Abril, entre os trabalhadores, só beneficiou a camada privilegiada da cintura industrial de Lisboa. Muito pelo contrário, o maior valor (real) dos salários na agricultura representou um aumento de 5,5 por cento, ao que haveria de acrescentar-se a estabilidade de emprego; e, mesmo em 1976 ainda está superior a 1973. No Porto, o aumento real máximo foi de 16 por cento e pouco perdeu. Ao passo que em Lisboa, depois de um crescimento dos salários reais de 2,4 por cento no primeiro ano da revolução, passou-se ao declínio e, no final de 1976 estava-se a um nível idêntico ao de 1969.

«DL» — Afirmam-nos porém que foram esses gastos que levaram ao esgotamento das reservas externas e à crise da balança de pagamentos...

F. P. M. — «Creio que é importante voltar a ter presente muitas coisas que já ficaram ditas, desde a debilidade estrutural da balança externa portuguesa, até às altas internacionais de preços (toda a gente sabe do petróleo, mas já quanto ao café está a ser atribuída a alta do preço à «perda» de Angola, quando as colheitas subiram vertiginosamente nos grandes produtores, que são o Brasil e a Colômbia, devido às péssimas colheitas); e desde a crise

«...Na sociedade socialista não haverá lugar para privilégios, mas reconhece-se o mérito e estimula-se a iniciativa, melhora-se o bem estar, protegem-se as liberdades e os direitos, floresce a cultura, divergem-se e exprimem-se as opiniões, mudam-se os governantes - mas quem faz tudo isto são todos os cidadãos, porque a democracia é política mas também sócio-económica.»

de que o mais que farão alguns trabalhadores é seguir exemplos daqueles que estão por cima, têm mais responsabilidades e até discursam mais. E de quem é a culpa por escassear a produção, por exemplo, de produtos agrícolas? Dos trabalhadores, ou dos dirigentes de empresas e dos governantes que não têm planos ou não investem nem melhoram as coisas «por falta de estímulos»? Ainda é preciso mais estímulo do que metade do rendimento nacional em lucros?

Nunca esquecerei um comentário, profundo e amargo simultaneamente, que ouvi a alguém que teve e tem responsabilidades técnicas e políticas olhando para os bifes nos nossos pratos durante um almoço oferecido por essa pessoa (mais uma vez: em honra de um professor do MIT...): «estamos a comer um salário mínimo

«O PROJECTO BURGUEZ DO ACTUAL GOVERNO SOCIALISTA...»

«DL» — E Portugal no meio disto tudo?

F. P. M. — «Deram-se passos fantásticos, a desbloquear uma situação contra os ventos da história que nos estava a conduzir ao isolamento, à regressão social e ao esvaziamento humano do País. Esses passos do 25 de Abril foram: a descolonização, as liberdades e a democracia política, e as alterações iniciadas na estrutura económica e social determinadas pela «terra para quem a trabalha» e as nacionalizações e desmantelamento dos grandes grupos, pelo reforço e organização dos trabalhadores nos sindicatos e empresas e nos órgãos de poder local.

Continua na pág. 12

INSCREVA-SE NO CONJUNTO

'TRABALHADOR'

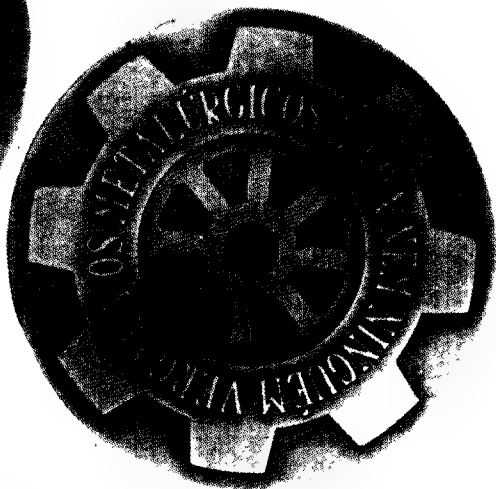
MEDALHAS DE EXALTAÇÃO ÀS LUTAS, DIREITOS
E FORÇA DOS TRABALHADORES

nada nem ninguém
vergará os
metalúrgicos



anverso

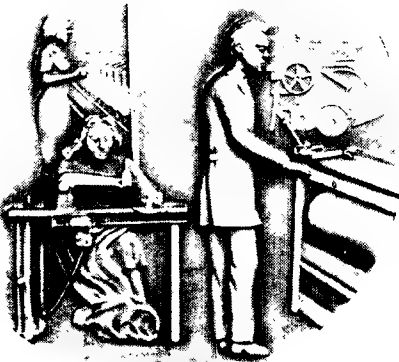
preço ao público 300\$
trabalhadores da
especialidade.... 250\$



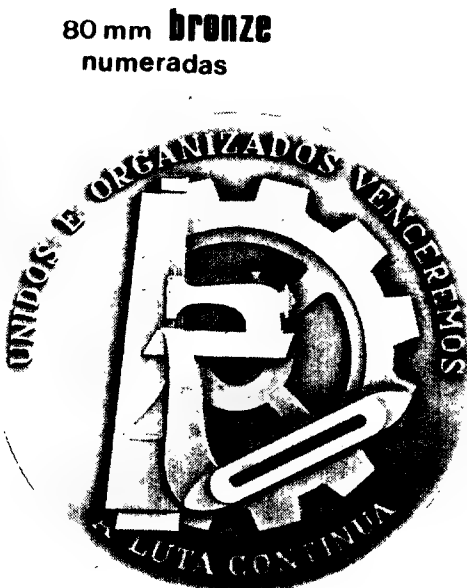
reverso

TÊXTEIS

unidos e organizados
venceremos
A LUTA CONTINUA



anverso



reverso

pedidos ao

ATELIER BELO MARQUES
R. DA TRINDADE, 5-2º D
T: 371254 LISBOA

SEGUINDO-SE

OS CERÂMICOS
DA CONSTRUÇÃO
AGRICOLAS
DA INSTRUÇÃO
HOTELEIROS

envios sem encargos

AINDA OS GRÁFICOS, DOS ESPECTÁCULOS, DA SAÚDE, DO
MAR, ELECTRICISTAS, ETC...

"A força da burguesia"

Continuação da pag. 11

Houve inconsistências no poder político, militar sobretudo, sempre a evoluir ao longo da revolução e a tornar quase impossível pouco mais de um mínimo de continuidade e coerência política. Não culpemos os militares nem todas as forças políticas por os «instrumentalizarem» (conforme se diz), pois seria ridículo condenar o processo histórico. Essas alternâncias e descontinuidades mais não foram do que a tradução das lutas sociais e dos deslocamentos e ensaios de readaptação conjuntural das estruturas abaladas precisamente por essa vaga de fundo composta pelo derrube de um regime opressor com cinquenta anos, pelo termo das guerras e a descolonização, pelo levantar de cabeça do povo trabalhador e pela crise e mutações na economia e na comunidade internacional.

Mas o certo é que se estas transformações não de constituir os alicerces para a construção do futuro, também é verdade que, de momento, parece existirem condições para um projecto da média burguesia que não ficará impedido apenas porque a constituição aponta o socialismo.

O projecto burguês do actual Governo socialista nasceu dominado pelo «papão» do comunismo, procurando num enredar rápido nas teias do capitalismo europeu e americano (empréstimos, CEE, NATO) a compensação para a sua debilidade em base social de apoio, pelas conjunções contraditórias da classe que o suportam.

O projecto burguês do actual governo socialista...

«DL» — Acaba de empregar essa frase pela segunda vez...

F. P. M. — «Acabo sim e continua-la-ei a empregar pois não vejo como se possa caracterizar de outra maneira, um projecto que pretende que apenas pela via institucional dos frios e burocráticos decretos-lei e gabinetes ministeriais e suas antecâmaras se realize a transformação sociopolítica, portanto sem o povo e procurando anular muito do que foi e é movimento, vida e progresso humano a partir das iniciativas da base, desse povo em revolução».

APOIO FUNDAMENTAL NOS TRABALHADORES

«Dizem-nos que é preciso dar segurança às classes médias e este é o terceiro ponto importante: porque o projecto burguês do actual Governo socialista aponta, como motor e «alma» para a economia, os investimentos da iniciativa privada e os lucros — para isso libertando e fazendo trepar os preços contendo os salários e reprimindo as organizações de trabalhadores, devolvendo os sectores nacionalizados ou intervencionados desde que possam satisfazer ganâncias. Tudo se justifica com a necessidade de mais estímulos, isto é, ainda maiores taxas de lucro e altos ordenados para os tecnocratas, acenando-se todavia com as pequenas e médias empresas e as tecnologias trabalho — intensivas, qual cortina de fumo. Como se os critérios de decisão dos grandes grupos privados devessem permanecer inalterados nas empresas nacionalizadas e à luz de uma planificação nacional! E como se alguma vez as pequenas empresas tivessem constituído a solução das falhas no emprego e no investimento.

A verdade é que esse projecto burguês nem é democrático no pleno sentido da palavra, nem seria compatível com certas consequências da sua própria lógica interna: já referi que a ligação à Europa ocidental é parte fundamental do projecto, mas que as empresas portuguesas, na sua maioria, não resistiriam ao embate da competição europeia ou que, para resis-

tirem, teriam de aceitar a subordinação e ulterior diluição em grupos monopolistas e em multinacionais, como propiciaram Salazar e Caetano».

«DL» — Mas, quanto a si, o que dá, actualmente, força à burguesia? Donde é que ela provém?

F. P. M. — «Para além dos apoios estrangeiros, ela provém da inquietação e incerteza da pequena burguesia e de parte dos operários e camponeses; sem estes reforços, estaria batida à partida pelo poder dos trabalhadores. De modo que uma política, progressista para Portugal tem de passar pelo seguinte:

a) Apoio fundamental nos trabalhadores, o que impõe sejam respeitadas e continuadas as conquistas da revolução;

b) Captação da pequena burguesia, o que além do esclarecimento ideológico, requer muitas medidas concretas para diminuir as dificuldades e a insegurança de vida;

c) Neutralização da média (e restos da alta) burguesia, não pela violência, evidentemente, mas retirando-lhe as posições de poder (militar, político, judicial e económico) que sempre manteve ou reconquistou;

d) Maior atenção ao enquadramento exter-

"O projecto burguês do actual governo socialista nasceu dominado pelo "papão" do comunismo, procurando num enredar rápido nas teias do capitalismo europeu e americano (empréstimos, CEE, NATO) compensação para a sua debilidade com base social de apoio, pelas conjunções contraditórias da classe que o suportam..."

no, no que pesa a NATO, mas onde muito mais podem ser-nos úteis a evolução na Espanha e no Sul da Europa, bem como a crescente afirmação de autonomia e poder compensador do Terceiro Mundo».

«DL» — Mas então a burguesia não vai opor-se, até ao extremo, em defesa da sua sociedade?

F. P. M. — «Neste ponto é que considero importante a insistência na acção política até tornar claras duas questões. Verdaderamente, a sociedade não é nem pode ser da média burguesia: era das grandes famílias e, ou voltaria a ser delas ou de outras que substituissem as anteriores, mas também muito poucas, ou passaria para os estrangeiros da CEE e EUA. Também não será necessário oporem-se: na sociedade socialista não haverá lugar para privilégios, mas reconhece-se o mérito e estimula-se a iniciativa, melhora-se o bem-estar, protegem-se as liberdades e os direitos, floresce a cultura, divergem-se e exprimem-se as opiniões, mudam-se os governantes — mas quem faz tudo isto são todos os cidadãos, porque a democracia é política mas também socioeconómica.

Creio que ficou delineada a alternativa à política burguesa actual: essa vem de fora do tempo histórico, com seu capitalismo de pequenas unidades concorrenciais que teria viabilidade de cerca de um século atrás. Agora é um projecto sem esperança...»

Pub



TELEGRAMA

END. DE SERVIÇO	ORIGEM	NÚMERO	PALAVRAS	DATA	HORA	CUSTO
INDICAÇÕES (Vide verso)						\$
NOME DO DESTINATÁRIO: A. TODOS						\$
MORADA E TELEFONE: CONTINENTE E ILHAS						\$
TEXTO E ASSINATURA: CHEGOU NOVA REMESSA DE ESQUENTADORES. 6 LITROS, DESDE 1499\$90; 10 LITROS, 2799\$90; AUTO-RÁDIOS C/ALTI-FALANTE, 199\$90; MÁQUINAS LAVAR ROUPA (2 KG), 2699\$90; GRANDE SORTIDO FOGÕES, MÁQUINAS ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, CONGELADORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, TELEVISORES, GRAVADORES, SOPÁS-CAMA, MOBILIÁRIO, ALCATIFAS, ETC. SÓ BOAS MARCAS C/AS MELHORES GARANTIAS.						\$
NOME, MORADA E TELEFONE DO EXPEDIDOR (Estas indicações não são transmitidas, RÁDIO PRIMAVERA-RUA GOMES FREIRE, 9-B-LISBOA						HORA DE APRESENTAÇÃO
TELEFONES: 49406 E 574042						10 ÀS 20 HORAS

ELEIÇÕES NA BÉLGICA

Vitória pessoal de Tindemans

O primeiro-ministro Leo Tindemans alcançou uma vitória pessoal nas eleições belgas de ontem, em que o seu partido social-cristão conquistou mais sete lugares na Câmara Baixa do Parlamento.

Mas o partido está ainda longe de uma maioria absoluta e a tradicional disputa sobre a formação de uma coligação começa ainda hoje.

Tindemans elogiou o êxito do seu partido, que terá prova-

velmente 79 lugares na Câmara Baixa de 212 membros contra 72 na legislatura cessante.

Os socialistas, na oposição, com o aumento provável de um assento para somar 60, foram o único outro grupo a melhorar a sua posição, e o co-presidente do partido, Willy Claes, disse que os socialistas se tinham portado suficientemente bem para serem considerados como parceiros de uma coligação por Tindemans.

Os parceiros mais pequenos na coligação cessante com os social-cristãos, os liberais conservadores, perderam terreno na Flandres — uma área de língua holandesa —, mas recuperaram as suas perdas na Valónia (língua francesa) e terão os mesmos 33 lugares no novo Parlamento.

Existe uma considerável especulação de que Tindemans tentará formar uma grande coligação com os liberais e os socialistas, mas este recusou dar pormenores dos seus planos a noite passada.

Tal governo teria uma maioria suficientemente grande no Parlamento para fazer aprovar leis destinadas a retirar o país das suas actuais dificuldades económicas e fazer avançar o seu programa para dar maior autonomia às suas diferentes regiões — Flandres, Valónia e Bruxelas.

Tindemans disse que as eleições mostravam que a primeira preocupação do eleitor era a situação económica — com o desemprego em oito por cento, uma das taxas mais elevadas no Mercado Comum Europeu — mais do que a questão da língua.

Esta análise é apoiada pela actuação dos partidos federalistas na Flandres e na Valónia. O «Volkunie», de língua holandesa, perdeu dois lugares enquanto o «Rassemblement Wallon», de língua francesa, se tornou o grande vencedor na eleição, com a perda de sete lugares.

Foi apenas na capital, foco de tensão entre as duas comunidades, que o partido federalista de língua francesa «Front Démocratique des Francophones» (FDF) melhorou a sua posição, conquistando um lugar.

Sindicalistas soviéticos

impedidos

de entrar nos EUA

Apesar das promessas do presidente Jimmy Carter de abrir as fronteiras a qualquer ideologia, a Secretaria norte-americana de Estado voltou a recusar vistos de entrada no país a dirigentes sindicais comunistas.

A decisão de proibir a assistência de três sindicalistas soviéticos a uma convenção de trabalhadores norte-americanos que hoje se inicia em Seattle, foi tomada, ao que parece, pelo próprio secretário de Estado, Cyrus Vance.

O Sindicato Portuário, que convidou os três dirigentes soviéticos é dirigido por um veterano radical e não está incluído na confederação «AFL-CIO», presidida por George Meany, e de marcada tendência anticomunista.

O sindicato convidou também dirigentes chineses, mas desconhece-se se o convite foi aceite.

Enquanto isto, o presidente James Carter passou grande parte do fim-de-semana a escolher as melhores palavras para a «conversa à laireira» que terá esta noite perante as câmaras da televisão, acerca do problema energético.

à custa dos socialistas.

A capital constitui um enclave na Flandres, em que predomina a língua francesa, e o FDF tem conquistado o mesmo apoio nestes últimos anos.

O presidente da ala flamenga dos social-cristãos, Wilfried Maertens, declarou após as eleições: «O nosso é o único partido governamental na Europa que continua a aumentar a sua popularidade em sucessivas eleições».

«Não há dúvida de que a administração de Tindemans como primeiro-ministro tem desempenhado um grande papel no nosso êxito».

Os resultados finais serão conhecidos ainda hoje, mas estimativas não oficiais indicam as seguintes posições dos partidos no novo Parlamento (números anteriores entre parênteses):

Sociais-cristãos 79 (72), Liberais 33 (inalterado), Socialistas 60 (59), Volkunie 20 (22), RW/FDF 16 (22) e Comunistas, quatro (inalterado).

LAJES EM QUESTÃO?

Estudo do Congresso contra bases dos EUA

Um estudo do Congresso solicita ao Governo norte-americano a procura de métodos auto-suficientes para enviar material bélico a Israel, perante a eventualidade de que seja negado o uso das bases existentes no Sul da Europa e em Marrocos.

O relatório sugere, além disso, uma revisão a fundo da utilidade das 199 instalações militares que os Estados Unidos mantêm actualmente na Espanha, na França, na Grécia, na Itália, em Portugal, na Turquia e em Marrocos.

De todas essas instalações, o estudo do Congresso afirma que só 35 são de importância estratégica.

O trabalho observa que por causa de muitos países dependerem do petróleo árabe é possível que os respectivos Governos se oponham a que os Estados Uni-

dos utilizem as bases para apoiar Israel num hipotético conflito do Médio Oriente.

Por isso, o estudo do Departamento de Investigação da Biblioteca do Congresso recomenda que surjam urgentemente outras alternativas.

Entre essas alternativas, fala-se de aviões de transporte «DC-10» e de «Boeing 747», que possam transferir material bélico dos Estados Unidos para Israel, sem ter que fazer escalas.

Na guerra de 1973, os aviões dos Estados Unidos utilizaram a base das Lajes na Terceira, nos Açores, a caminho de Israel, mas em círculos de Washington julgava-se hoje um adiamento que o Governo Português permita a utilização de tal base, em caso de novo conflito israelo-árabe.

Política externa comum em debate pelos "Nove"

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Nove países do Mercado Comum Europeu reúnem-se hoje em Londres, a fim de elaborarem uma política conjunta sobre a África, o Médio Oriente, Chipre e a próxima conferência de Belgrado (prolongamento da de Helsínquia).

Os ministros reúnem-se ao princípio da tarde na Lancaster House, para um dia de conversações, sob a presidência do britânico David Owen, horas depois de este voltar de uma viagem de oito dias pela África Austral.

Owen deve comunicar aos seus companheiros o plano britânico-americano para uma nova conferência encarregada de negociar uma transferência pacífica do poder para a maioria negra da Rodésia, no próximo ano.

Os ministros dos «Nove» também devem debater a invasão do Zaire e o envio de mantimentos franceses e de tropas marroquinas em apoio do governo presidido por Mobutu.

As autoridades britânicas dizem que a França não consultou outros países do Mercado

Comum, antes de colaborar no auxílio à República do Zaire, embora os houvesse informado um pouco antes de iniciar a ponte aérea.

Outro problema africano a debater pelos ministros europeus é o do futuro da Namíbia, governada pela África do Sul desde 1918.

Os nove países do Mercado Comum enviaram recentemente uma nota conjunta à República da África do Sul, a pedir uma rápida transferência do poder para a maioria negra do território.

Quanto aos preparativos da conferência de Belgrado sobre o desanuviamento das tensões entre o Ocidente e o Leste, na sequência da que em Agosto de 1975 terminou em Helsínquia, os «Nove» pretendem alcançar uma posição comum.

Os ministros da Comunidade Económica Europeia pretendem ainda passar em revista os últimos acontecimentos no Médio Oriente e as perspectivas existentes para uma nova conferência de Genebra sobre a paz entre Israel e os Árabes.

LEX·TELEX·TELEX·TELEX

PRIMAZ DA IRLANDA — O cardeal William Conway, primaz católico da Irlanda, faleceu no domingo à noite no seu domicílio de Armagh (Ulster), com 64 anos. Chefe espiritual de três milhões de católicos do Eire e de 450 mil na Irlanda do Norte, o cardeal considerava que o conflito do Ulster era «um problema de dimensões socio-políticas, não sendo a religião mais do que um acidente histórico».

ROY JENKINS — O presidente da Comissão da CEE, Roy Jenkins, chegou ontem à noite a Washington para quatro dias de conversações com dirigentes norte-americanos, a fim de preparar a próxima cimeira económica de Londres.

GREVE NA AUSTRÁLIA — Linhas aéreas internacionais lançaram hoje um apelo aos trabalhadores encarregados do abastecimento de combustível a aviões e a motoristas de camiões-tanque de gasolina da Austrália, no sentido de suspenderem a sua greve, que dura há quatro dias e retém no solo os seus jactos, devido a estarem a causar grandes perturbações em horários de carreiras no resto do mundo.

PAQUISTÃO — O primeiro-ministro impôs a proibição total de venda de álcool no Paquistão, pelo que todos estabelecimentos de venda de vinhos ficaram encerrados definitivamente a partir de ontem à noite.

FILIPINAS — Contagens não oficiais revelam que os eleitores parecem ter rejeitado um plano para integrar 13 provinciais do país numa só região autónoma, nos termos dum acordo do governo com os rebeldes muçulmanos, para pôr fim a um conflito que já causou 10 mil mortos.

PANAMÁ — O chefe do Estado do Panamá, general Omar Torrijos, declarou numa entrevista à «Newsweek» que poderia rebentar no seu país uma guerra de guerrilha anti-americana, a menos que fosse brevemente estabelecido um novo tratado sobre o Canal.

SATELITE EUROPEU — Um satélite multinacional europeu será lançado na quarta-feira nos EUA para analisar o campo electromagnético que rodeia a Terra.

Hafez Assad em Moscovo

O presidente da República síria, Hafez Assad, inicia hoje uma visita oficial a Moscovo.

A viagem de Assad, duas semanas depois de o presidente egípcio Anwar Sadat haver estado em conversações nos Estados Unidos e uns dias antes de o próprio presidente sírio se ir encontrar na Europa com o seu colega norte-americano, destina-se a conseguir o apoio soviético para a «ofensiva de paz» que sírios e egípcios pretendem lançar no Médio Oriente.

Repressão na Europa Ocidental

Reuniu-se durante este fim de semana, em Toulouse (no Sudoeste da França) um colóquio internacional de advogados, para debater o tema da «Repressão e Defesa política na Europa Ocidental».

Os participantes concordaram em que «os tipos de repressão tendem a uniformizar-se» na Europa Ocidental.

«Todas as polícias dos nossos países, disseram eles, agem mais ou menos coordenadamente, tanto no que respeita aos refugiados políticos, sobre os quais são transmitidas informações aos seus países de ori-

gem, como no tocante às decisões adoptadas em comum no que respeita ao terrorismo internacional».

Por seu turno, o delegado irlandês afirmou que 500 membros do IRA, que se tinham refugiado na República da Irlanda, estavam actualmente «na prisão».

Enfim, um delegado espanhol da Catalunha, afirmou que sessenta presos políticos «amnistáveis» continuavam presos e que entre esses cerca de trinta estavam presos por factos anteriores à lei de amnistia.

Por outro lado, a Amnistia Internacional acusou o Gover-

no grego de não punir adequadamente os antigos tortionários que exerceram a sua actividade durante o regime ditatorial derrubado em 1974.

Organização de direitos civis com sede em Londres, a Amnistia afirmou agora que a polícia que torturou prisioneiros tem sido tratada com condescendência e que alguns dos tortionários ainda se encontram em altos cargos.

Outros — declara-se num comunicado da Organização — apenas receberam sentenças ligeiras ou tiveram as suas penas comutadas em multas.

A Amnistia Internacional denunciou o actual governo grego por não ter patrocinado leis contra a tortura ou indemnizado as vítimas de tal prática. E lamentou o facto de a acusação dos torturadores ter sido inteiramente deixada aos particulares.

Por outro lado, a Organização louvou o governo, nos casos em que considerou ter havido uma atitude adequada contra os tortionários.

Por enquanto, a Amnistia Internacional não se pronunciou ainda sobre o escândalo do julgamento dos agentes da PIDE com Portugal.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

1.º DE MAIO NA

JUGOSLAVIA

29 Abril — dias (Fim-de-Semana)
Preços excepcionais

DUBROVNIK — 8.980\$00
BEGRADO — 10.650\$00

Incluindo viagem em avião a jacto, hotel em meia pensão, transportes em terra, visita turística, acompanhante ABREU

Inscreva-se já

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371141
PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37972
COMBRA Rua da Sota, 2 - Telef. 2/0112
FARO Rua Cons. d'avar, 60 - Telef. 250356
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



Hoje



Marguerite Duras, autor de «A Amante Inglesa»

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho.

2.º Período

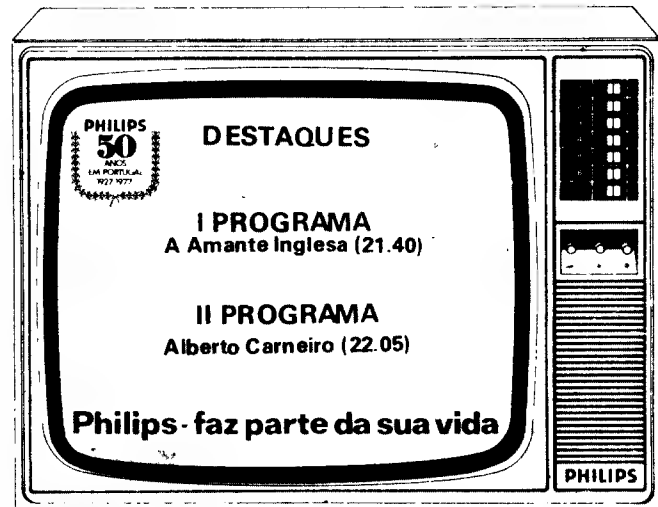
18.30 Abertura. Nodi — «Nodi e o Burrinho».
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Lamié — Magazine da música e do bailado.
20.00 Teledesperto — O fim da semana desportivo.
20.00 Telejornal — 2.ª edição.
21.00 Aproximação à Pintura — Série coordenada por Rocha de Sousa. Realização de José Elyseu.
21.40 A Amante Inglesa — Autor: Marguerite Duras. Intérpretes: Martha Dugard, Marcel Jozs e Eric Pradier. Realizador: Michel Jakar. Produção: RTB (Radiodiffusion-Télévision Belge).
23.15 Fecho.

TUDOR

BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 O Holandês Desaparecido — 2.º episódio. «Experiências e Ameaças». Intérpretes: Mathias Habich, Didi Parego, Francesco Carneluthi, Anna Maria Guarnieri, Rada Rassimov e Giuseppe Pambieri. Realização de Alberto Negrin.
22.05 Alberto Carneiro — Arte e Natureza. Um programa de Rocha de Sousa e José Elyseu.
22.30 Telejornal.
23.00 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — 13.30: Ciclo Preparatório TV. 18.05: Fecho.
2.º Período — 18.30: Abertura. Gota no Oceano. 18.55: Pego a Palavra — «Os Exames». Realizador: Oliveira Costa. 19.20: Em Toda a Parte Aprendemos — «O Palácio da Bolsa». 20.00: Fila «T» — Magazine teatral. Coordenado por Fernando Midões. 20.30: Telejornal. 21.05: Colditz — 2.º episódio. «Desaparecidos, Presumíveis Mortos». Intérpretes: David McCallum, Edward Hardwicke, Christopher Neame, Bernard Hepton e Hans Maeyer. Realizador: Ian Kennedy Martin. 22.00: A Europa do Século XX — Um programa da Direcção de Informação. 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

21.02: Sinfonia n.º 4 de Johannes Brahms — Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Herbert Von Karajan. 21.45: O Homem das Pistas de Cavalos — «Retrato de um homem totalmente dedicado ao seu trabalho e ao amor que dedica aos cavalos». 22.15: Telejornal — Em diferido do I Programa. 22.50: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

TV FAZ HARAQUIRI

A pedido de várias famílias, o festival de Jerry voltou. Não é por aí que o gato vai às filhotes. Voltasse o Jerry Lewis por exigência real do público e por uma questão de qualidade, e tudo estaria bem, tudo seria até de aplaudir. O bom nunca é demais, o medíocre está sempre a mais.

As alterações, as complicações, as súbitas substituições, as repentinas aparições dos últimos tempos le-

vam-nos, porém, a concluir que o bom Jerry não vem senão para tapar um buraco. Tudo leva a crer que a RTP atravessa novamente uma fase de desvario, de desorientação, de salve-se quem puder.

Embora alguns acreditem que se trata apenas de um compasso de espera, não andarão muito longe da verdade quem pense tratar-se apenas da espera de um Compasso.

No fundo, uma questão de batota, perdão!, uma questão de batuta.

TRÊS MOMENTOS

1 — A televisão portuguesa tratou em grande realce a morte do arcebispo de Braga. Fez reportagem, mencionou personalidades pungentemente presentes e fez do finado uma biografia que primou pelas omisões.

2 — Na telemissa dominical, o Centro de interesse consistiu nos Actos dos Apóstolos. A propósito da ressurreição, o sacerdote referiu-se às festas, que se aproximam, do 25 de Abril. E disse, numa homilia cheia de equilíbrio que foi um

apelo à fé e à inteligência dos católicos:

«Que espaço de participação tivemos na salvação do nosso povo? Que defendemos nós ao longo deste tempo? Um ideal ou um grupo de privilegiados?»

«Para que lado fizemos nós força? Com quem estivemos nós solidários, com quem estivemos nós em conflito? Isto é importante para nos confrontarmos com o Evangelho».

3 — A figura do padre Américo merecia um tratamento mais amplo. A sua obra compreender-se-à tanto melhor quanto melhor soubermos a situação dramática em que vivem tantos e tantos milhares de crianças portuguesas. O conhecimento da sociedade portuguesa, nos seus vários aspectos, é imprescindível para o conhecimento de uma perso-

nalidade tão complexa como a do Padre Américo.

Biografia não nos deu, desta vez, uma emissão à altura de algumas anteriores. Constituída integralmente por um monólogo, a monotonia chegou a ser... desesperante. Primou o sectarismo, quando se devia ter cedido o lugar à avaliação holística. Discutir-se-ia, por exemplo, se é lícito fechar os

olhos para o sofrimento imediato e não buscar paliativos ainda que regionais. E se o máximo esforço não deverá centrar-se, pelo contrário, na configuração dos esforços para transformar a sociedade, para ir ao fundo do problema, em vez de andar a tratá-lo com papas de linhaça.

De qualquer modo, a obra do Padre Américo — a sua importância, as suas características, a sua organização — ficou, para os telespectadores que a desconhecem, tão desconhecida como antes. Foi uma Biografia falhada.

O PRÉMIO

Mário Soares seguiu para os Estados Unidos onde vai receber o prémio. Prémio igualmente concedido já a Brandt e a Sakharov, conforme nos informa a Telejornal. Convenhamos: não se pode considerar companhia muito honrosa...

Antes de seguir para Nova Iorque, o presidente do Conselho lusitano não deixou, mais uma vez, de fazer a sua rábula anticomunista. Ah, se o PCP fosse eurocomunista, se fosse como os pécãs de Espanha, de França e de Itália que até já aboliram dos seus projectos a ditadura do proletariado...

Não se compreende esta gente. Uma vez dizem que o PCP, não sei quantos, segue uma linha estrangeira; outras vezes aqui d'el-rei porque não segue uma linha estrangeira...

Quanto à ditadura, desculpem, quanto à ditadura do proletariado, o político em questão ignora ou finge ignorar que na primeira reunião do seu grande colectivo depois do 25 de Abril, o PCP eliminou do seu programa aquela expressão, pelo que nada tem a pedir emprestado aos partidos irmãos da Itália, da França e da Espanha.

Enfim, nada disto teria importância se a «reimosia» do dr. Mário Soares não sugerisse do seu equívoco quanto à natureza do verdadeiro inimigo.

Para qualquer democrata, mesmo sem grande consciência política, mas com uma grande dose de bom-senso, o inimigo está na Direita, no neofascismo, nas forças que sonham tirar vingança do 25 de Abril. O anticomunismo de Soares dá alento a essas forças. É uma política suicida.

Gostosamente, a televisão leva essa prática a todo o país. A televisão dá a impressão de uma arma potente em mãos de louco. Um louco em projecto de haraquiri electrónico.

UNIVERSAL

EM EXIBIÇÃO DE 18 A 24 DE ABRIL (inclusive)

às 15h, 17h e 21h

A GRANDE FARRA (LA GRANDE BOUFFE)



Às 19h e 23h — IREI COMO UM CAVALO LOUCO — de Arrabal
(em exibição de 18 a 24 de Abril, inclusive)

TEATRO Tel. 364745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos
Hoje, 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas
Descanso às 4.ªs feiras
SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco



FLORBELA em «O Regresso da Pazadinha»

NICOLAU BREYNER OCTÁVIO DE MATOS

(actor convidado)

VERA MÓNICA

(actriz convidada)

SIMONE DE OLIVEIRA

ABC DANCER'S

Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.
A Gerência

TEATRO ABERTO

(À Praça de Espanha)

Segunda-feira — 18 — pelas 18 e 30

TEATRO «JOVEM VANGUARDA» DE HALLÉ (RDA)

Única representação em Lisboa das peças
— «O SENHOR E O SEU CRIADO» de Arnold Zweig
— «A CAFETEIRA CHEIA» de Hans Dieter Schmidt

Bilhetes a 50\$00
30\$00 para sócios de todas as Associações

Todas as noites às 21.30
matinées: sábados e domingos às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES

Tel. 86 47 56

Uma comédia de JOSÉ VILHENA

CALCINHAS AMARELAS

com: RENE ISIDRO • BARROSO LOPES • MANUELA MARIA • LUIS VORTA-CARLOS • MIGUEL • TERESA ZILCO • MARIA JOÃO • PAULA LINDA • ...

A mais divertida comédia portuguesa dos últimos 54 anos.



Quatro mil pessoas viram, em Alvalade, o técnico Matos Moura (Sporting) levar a melhor sobre António Cascais (Belenenses)

S. Bernardo bate o Porto: surpresa no andebol

Começou o nacional de andebol: o Sporting bateu o Belenenses (dificilmente: 21-20) e o S. Bernardo derrotou o F.C. Porto (concludentemente: 19-15). Linhas e marcadores:

SPORTING: Mesquita (P. Miguel); Branco Lopes (4), C. Correia Franco (5), João Manuel (1), Banha, F. Jorge (4), Sousa, Pinheiro (3), Brito (4) e Perrolas.

BELENENSES: Carrasco, J. António; Ferreira (1), José Manuel (2), Espadinha (4), Hernâni (6), Montenegro (1), Jorge (4), Bernardino, Armando (2), Ricardo e Sousa.

S. BERNARDO: Chinca; Hélio (2), Eber (5), António Carlos (1), Ulisses (1), David, Hélder

(10), Condé, Branco, Matos, Vieira e Ricardo.

F.C. PORTO: Capela (Amorim); Agostinho (2), Remelhe (7), Tavares da Rocha (1), Monteiro (1), Pinho (1), Leandro (1), Orlando, Vitor Loureto e Azeias (2).

Notas verdadeiramente marcantes: as magníficas exibições de Fernando Jorge (Sporting), Hernâni (Belenenses), Hélder (S. Bernardo) e Remelhe (Porto). De salientar a apresentação de protesto, por parte do Belenenses, com base na obtenção de um golo (após «live») que teria sido conseguido ainda dentro do tempo regulamentar, e que os árbitros não validaram.

HÓQUEI EM PATINS

Oeiras salta Pirenéus com um só golo à maior

A Associação Desportiva de Oeiras não foi muito feliz, perante os italianos do Novara, no jogo de abertura da 2.ª eliminatória da «Taça das Taças», em hóquei patinado: 5-4 no marcador. A magra vantagem de um golo para os portugueses, é bagagem escassa para o confronto na recepção transalpina.

O jogo processou-se no pavilhão da Salesiana e as turmas formaram como segue:

Árbitro: José Aliós Soleone (Barcelona). Juizes de baliza: Vitor Belguinha e Vitor Rocha (Lisboa).

Oeiras: Zé Manuel; Rosado I, Rosado II, Salema, Carvalho, Cristóvão, Ricardo e Carlos Alves.

Novara: Romunni, Porrini, Fona, Batistella, Zafinetti, Scacchetti, Ghidaudi, Giboni.

Marcha do marcador: 1-0, por Carvalho aos 2 minutos e 40 segundos; 2-0, por Carva-

PORTUGAL

ATLETISMO

Sporting (naipes masculino) e Cuf (bloco feminino) são campeões lisboetas de Atletismo, em juniores. Notas destacadas: Joaquim Carvalho (Sporting) qualificou-se para o europeu da categoria, ao correr 100 metros em 10,6 s. Por seu turno, Conceição Pereira (do Olivais Sul) conseguiu novos máximos lisboetas em 1500 e 3000 metros.

Com o patrocínio da Federação de Atletismo, Comissão Regional de Turismo do Algarve, Câmara Municipal de Silves e Embaixada da República Federal Alemã, o Rocal Clube de Silves vai receber um grupo de jovens atletas alemães de Saarbrücken e organizar, em Silves e Faro nos próximos dias 20 e 21, um torneio de atletismo.

BASQUETEBOL

Basquetebolistas portugueses ficaram em 5.º posto, no europeu de cadetes. Últimos jogos: Bulgária, 72-Portugal, 48 e Suíça, 65-Portugal, 59. Atrás de Portugal apenas se classificou a Síria.

BILHAR

À vontade (11-4, em vitórias) bilharistas de Espanha venceram portugueses, às 3 tabelas

CICLISMO

Orlando Pereira (F.C. Porto) e Adelino Silva (Trofa) são campeões portugueses de ciclismo. António Coelho (Belas) venceu o Circuito de Alcaínça, enquanto Guilherme Rocha (F.C. Porto) triunfou na «Taça

Vilar». Alfredo Gouveia e a sua formação (Águias de Alpiarça) triunfaram num festival, em Loulé.

CONVÍVIO

Organizado pela selecção em Évora da D.G.D. realizou-se, este fim-de-semana, o Torneio Internacional Juvenil Estremadura-Alto Alentejo, que pôs em confronto seleções de jovens de 16 a 18 das cidades portuguesas de Évora e Portalegre e das cidades espanholas de Badajoz e Cáceres, nas modalidades de andebol, voleibol e ténis de mesa. São os seguintes os resultados em andebol: Évora-Portalegre, 8-16; Badajoz-Cáceres, 7-16; Évora-Badajoz, 12-16; Portalegre-Cáceres, 15-14. Classificação: 1. Portalegre, 2. Cáceres, 3. Badajoz e 4. Évora.

Voleibol: Badajoz-Cáceres, 0-3; Évora-Cáceres, 0-3; Classificação: 1. Cáceres, 2. Évora e 3. Badajoz. Ténis de Mesa: Évora-Portalegre, 5-1; Badajoz-Cáceres, 5-0; Portalegre-Cáceres, 5-0 e Évora-Badajoz, 5-4. Classificação: 1. Évora, 2. Badajoz, 3. Portalegre e 4. Cáceres.

ACADÉMICO

A nova gerência do Académico de Coimbra pertence à lista A, que se apresentou em competição com mais dois blocos. Nomes que ficam à frente da colectividade:

ASSEMBLEIA GERAL: Presidente, dr. João Joaquim Matias da Cunha; 1.º secretário, Américo Costa; 2.º secretário, Humberto Manuel Gonçalves.

CONSELHO FISCAL: Presidente, dr. João António Fernandes Viegas e Costa; secretário, João Alberto Pita Teixeira Botelho; relator dr. Carlos Manuel Galo de Freitas Morna; suplentes, Vitor Manuel de Oliveira Fernandes e José Francisco Esteves Baptista.

DIRECÇÃO: presidente, dr. João Cortês Vaz; vice-presidente das actividades desportivas, dr. Eugénio Soares Santiago; vice-presidente administrativo, Luís Manuel Durão Dinis dos Santos; vice-presidente das actividades escolares, dr. João Jacinto Pacheco Ferreira de Melo; tesoureiro Fernando Martins Barata; secretário dr. Fernando Manuel Areias Avidago: 1.º vogal João José Cabral de Albuquerque Simões Rocha; 2.º vogal António da Conceição Carvalho Nunes; 3.º vogal Domingos Loureiro Grilo; 4.º vogal, Aires Eduardo Oliveira Rebelo; 5.º vogal, Augusto Manuel Sousa Almeida.

JUDO

Realizaram-se os campeonatos nacionais de judo (seniores).

Classificações: Menos de 60 quilos, 1-Paulo Mendonça, Judo Clube de Portugal-2, Leote Menau, Quarteirense-3, Sérgio Rocha, Judo Clube de Ponta Delgada e Mário Sobral, Judo Clube do Porto; 60 a 65 quilos, 1-José Branco, Judo Clube de Portugal-2, Emilio Costa, Associação Académica de Coimbra, 2-Renato Martins, Associação Académica da Amadora, 3-Carlos Muge, do Judo Clube de Almada.



Os nadadores Roland Matthes e Rosemarie Kother, da RDA, estão em Portugal, para participarem na «Semana da RDA». Vão actuar (a partir de hoje) nas piscinas de Coimbra, Aveiro, Porto, Torres Novas, Cova da Piedade e Lisboa (Arieiro), participando também em colóquios e debates sobre natação

Bombeiros Voluntários dos Estoril; 65 a 71 quilos, 1-Hugo de Assunção, Judo Clube de Portugal-2, Emilio Costa, Associação Académica da Amadora-3, da Amadora-3, Luis Martins, Judo Clube de Portugal e João Bento, Judo Clube de Portugal; 71 e 78 quilos, 1-António Roquete, Judo Clube do Estoril, 2-António Medeiros, Judo Clube de Ponta Delgada, 3-Paulo Castro, Judo Clube do Estoril e Manuel Martins, Associação Académica da Amadora; 78 a 86 quilos, 1-Manuel

22 horas na delegação do Inatel, duas palestras, seguidas de colóquio, subordinadas aos temas «desporto para trabalhadores» e «Desporto e sindicalismo», respectivamente.

As palestras serão orientadas por dois técnicos da R.D.A.: Hartwig Schmidt e Peter Wie Precht.

REMO

Associação Naval de Lisboa («yolle de 8») e Caminhense («shell de 8») são campeões nacionais de remo.



O Sporting (Aniceto Simões, Américo Barros, Carlos Cabral, Fernando Mamede e Carlos Lopes) triunfou na estafeta Cascais-Lisboa (1h. 06m. 07,6 s.), mas a organização foi péssima: basta dizer-se que o local da chegada (Estádio do Restelo) estava alugado para uma manifestação repigiosa e a «meta» ficou ao sabor do acaso...

Castro, Judo Clube do Estoril, 2-Jorge Santos, Cuf, 3-Fernando Teles, Judo Clube do Porto e António Graça, do Ginásio Clube Português.

A categoria de 86 a 95 quilos não teve inscrições em número suficiente, pelo que os inscritos foram reunidos com os representantes da categoria de mais de 95 quilos: 1-José Abranches, Associação Académica de Coimbra, 2-Renato Martins, Associação Académica da Amadora, 3-Carlos Muge, do Judo Clube de Almada.

VOLEIBOL

Jogos de voleibol, para os nacionais da 1.ª DIVISÃO (masculino): F. C. Porto-Técnico, 3-0; Esmoriz-Atlético, 3-0; Sporting Espinho-Nacional de Ginástica, 3-0; Leixões-Benfica, 3-1; Carvalhos-Castelo da Maia, 3-2. 1.ª DIVISÃO (feminino): Leixões-Benfica, 3-0; Espinho-Atlético, 3-0; CDUP-CDUL, 3-1; Desporto da Póvoa-Famalicão, 1-3.

HÓQUEI EM CAMPO

O Benfica é campeão lisboeta de hóquei em campo, na classe de juniores.

LUTA

Embates para o nacional de luta: Belenenses, 6-Benfica, 2 e Sporting, 7-Ateneu, 1.

PALESTRAS

Organizadas pela delegação no Porto do Inatel, realizaram-se hoje e amanhã, pelas

LA FORA

CHECOSLOVÁQUIA

A selecção de futebol da Checoslováquia vai sofrer importantes alterações com vista ao próximo desafio, de carácter amigável, a disputar no dia 20 de Abril contra a selecção da Hungria, em (Budapeste) — declarou o técnico checo, Jezek. A Checoslováquia, actual campeão da Europa, foi derrotada por 3-0 pelo país de Gales, em encontro a contar para o Grupo Sete da fase de apuramento para o Mundial de 1978. «As alterações não são devidas à derrota contra o País de Gales, mas sim a intensão de se injectar sangue novo na equipa» — declarou Jezek. A selecção da Checoslováquia, que terá ainda mais dois desafios de carácter amigável, um contra a SSuica e o outro contra a Áustria, defrontará na Escócia a selecção deste país, em jogo também de apuramento para o Mundial.

«CONFRATERNIZAÇÃO»

Os Estados Unidos ganharam a final norte-americana da «Taça Davis» ao vencerem (3-0) a República Sul-Africana. No encontro de pares, salpicado de incidentes extradesportivos, Stan Smith e Bob

Luthimpuseram-se a Byron Bertam e Frew McMillan (por 7-5, 6-1, 3-6 e 6-3) nos «courts» do Clube de Ténis de Newport Beach (Califórnia). Este encontro sofreu uma longa interrupção no terceiro «sete», por terem saltado para o recinto dois espectadores negros que derramaram uma substância oleosa num dos lados. Os homens, que protestavam contra a política racista do Governo sul-africano, foram detidos pela polícia.

REFLEXÃO

O Conselho de Desportos da Grã-Bretanha anunciou que é partidário do fim da distinção entre amadores e profissionais, nos desportos olímpico, e que apresentará a sua opinião a «Lord» Killanin, o presidente do Comité Olímpico Internacional.

O presidente do Conselho («Sir» Robin Brook) diz, num comunicado, que o organismo é a favor de competição aberta em todos os acontecimentos desportivos importantes, incluindo campeonatos mundiais e jogos olímpicos. Declara que enviará a «Lord» Killanin uma cópia do parecer do conselho, a que se chegou após uma série de reuniões com organismos britânicos que governam 25 desportos olímpicos.

«Sir» Robin afirma ainda que os regulamentos actuais

sobre o estatuto de amador conduziam a abusos e continuariam a ser transgredidos constantemente. Salientando que algumas federações internacionais impunham condições mais severas de controlo do que outras quando interpretavam os regulamentos, «Sir» Robin acrescenta: como o verdadeiro amadorismo não é mais possível em muitos desportos que exigem uma dedicação quase total para se conseguir êxito ao mais alto nível, é tempo de por termo à distinção entre amadores e profissionais.

TRÊS ANOS

O belga Willy de Roos, de 54 anos, arrancou ontem de Calais na esperança de se tornar o primeiro navegador solitário a ligar a Europa à Costa Ocidental da América pela rota do Noroeste. De Roos, ao leme do «Ketch Willway», de 13 metros de comprimento (no qual deu a volta ao mundo entre 1972 e 1975), espera que a viagem leve três anos. O norueguês Roald Amundsen completou a viagem na direcção oposta, ao voltar do século, no «Gjoa», barco de 22 metros, com seis tripulantes. A rota do belga fá-lo-á atravessar a Groenlândia, a Baía de Baffin, a costa noroeste do Canadá e o Alasca.

NO MERCADO COMUM DO RISO
A MAIS BARATA DAS GARGALHADAS

A PARÓDIA

UMA REVISTA DE PAPO CHEIO

ADÓQUE teatro

TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
«MATINEES» AOS DOMINGOS:
às 16 horas

ANABELA • ERMELINDA • HENRIQUE VIANA • MAGDA • NICHOLSON

PUB ANDARES
EXCEPCIONAIS
NO CENTRO
DA CIDADE

5 minutos do metro
5 minutos da baixa

GARAGEM
PRIVATIVA

ISOLAMENTO
SONORO

ANTI-SÍSMICO
CONDIÇÕES
ACESSÍVEIS

Tratar no
local todos
os dias da semana
das 10 às 19 horas
R. Damasceno
Monteiro 113
LISBOA

NACIONAIS DE CHUTO

Ao campeão todos os santos ajudam

Completo-se ontem, após os dois encontros de sábado, a 24.ª jornada do «Nacional» da I Divisão. O Benfica, que mantém o avanço de que disfrutava antes da ronda, agradece, penhoradamente, mais a «queda» da equipa de Pedroto que o «favore» a que por cruel «destino» já se habituou, dos «leoninos».

Aveirenses (Beira-Mar) e alcantarenses hipotecaram ainda mais as já de si escassas possibilidades de escaparem à despromoção automática e implacável. Uns «furos» (mas muito poucos) mais acima, o Portimonense perdeu soberano ensejo de igualar (pontualmente) o Leixões, que no sábado averbava o seu 13.º empate. O Montijo, por seu turno, ao arrancar um ponto ao Académico (lembre-se que os coninbricenses ocupam a quarta posição), a dois pontos dos matosinhenses (e a 1 do Portimonense), alimentam, tal como os algarvios, esperanças em ultrapassar o conjunto do Norte que «navega» na sua área.

Eis os resultados: Guimarães-Benfica, 1-1; Portimonense-Belenenses, 2-2; Leixões-Boavista, 1-1; Beira-Mar-Setúbal, 1-2; Montijo-Académico, 0-0; Porto-Estoril, 0-0; Atlético-Braga, 0-2; e Sporting-Varzim, 1-1.

A classificação: Benfica, 39 pontos; Sporting, 35; Porto, 34; Académico, 27; Boavista e Setúbal, 26; Varzim, 24; Belenenses e Braga, 23; Guimarães, 22; Estoril, 21; Leixões, 19; Portimonense, 18; Montijo, 17; Beira-Mar, 16; e Atlético, 14.

A próxima jornada (25.ª) comporta os seguintes desafios: Varzim-Guimarães; Benfica-Portimonense; Belenenses-Leixões; Boavista-Beira-Mar; Setúbal-Montijo; Académico-Porto; Estoril-Atlético de Braga-Sporting.

«Nacional» da II Divisão (26.ª jornada)

Zona Norte

Gil Vicente-Famalicão 2-1
U. Lamas-Penafiel 3-1
Régua-Salgueiros 2-1
Vilanova-Espinho 0-0
Chaves-P.Ferreira 1-0
Tirsense-Vila Real 2-2
Paredes-Fafe 1-0
Riopele-Lousosa 3-1

CLASSIFICAÇÃO:

	V	E	D	G	P
Riopele.....	17	5	4	50-22	39
Espinho.....	14	7	5	42-19	35
P.Ferreira.....	15	4	7	40-20	34
Fafe.....	12	7	7	34-31	31
U.Lamas.....	10	10	6	36-32	30
Gil Vicente.....	11	6	9	33-27	28
Famalicão.....	12	2	12	36-30	26
Chaves.....	10	6	10	31-27	26
Régua.....	11	3	12	31-44	25
Paredes.....	9	6	11	25-25	24
Lousosa.....	9	6	11	23-28	24
Vila Real.....	8	7	11	31-32	23
Salgueiros.....	7	8	11	20-29	22
Penafiel.....	7	6	13	20-31	20
Tirsense.....	5	6	15	22-42	16
Vilanova.....	4	5	17	15-50	13

Zona Centro

Sanjoanense-Alba 1-1
U. Tomar-Marinhense 2-0
U. Coimbra-Portalegre 1-0
Peniche-Torriense 0-0
U. Santarém-Caldas 2-1
E. Portalegre-Acad. Viseu 3-0
U. Leiria-Feirense 2-0
Covilhã-Torres Novas 4-0

CLASSIFICAÇÃO:

	V	E	D	G	P
E. Portalegre.....	16	5	5	52-18	37
Feirense.....	17	1	8	48-29	35
Covilhã.....	13	7	6	39-27	33
Portalegre.....	13	7	6	27-15	33
U. Santarém.....	12	8	6	27-20	32
Sanjoanense.....	8	12	6	24-14	28
Marinhense.....	10	7	9	26-25	27
Peniche.....	9	9	8	22-17	27
Caldas.....	9	6	11	26-27	24
U. Tomar.....	10	3	13	33-29	23
Acad. Viseu.....	10	3	13	30-38	23
Torriense.....	6	10	10	22-32	22
U. Coimbra.....	9	4	13	21-34	22
U. Leiria.....	7	8	11	17-28	22
Torres Novas.....	4	9	13	21-40	17
Alba.....	4	3	19	18-49	11

Zona Sul

Olhanense-Odivelas 2-1
Sintrense-Barcelense 1-2
Almada-Lusit. Évora 1-0
Marítimo-Sesimbra 1-0
V. Gama-Alcochetense 0-0
Juventude-U. Montemor 2-0
CUF-Farense 4-0
Oriental-Esperança 0-0

CLASSIFICAÇÃO:

	V	E	D	G	P
Marítimo.....	16	5	5	39-15	37
CUF.....	14	7	5	39-16	35
V. Gama.....	13	9	4	38-22	35
Juventude.....	12	8	6	42-21	32
Barcelense.....	13	6	7	30-22	32
Almada.....	9	11	6	25-21	29
Lusitano.....	8	10	8	28-27	26
Sintrense.....	9	7	10	30-27	26
Odivelas.....	8	9	9	29-26	25
Sesimbra.....	8	9	9	20-23	25
Olhanense.....	8	8	10	17-25	24
Farense.....	9	5	12	23-29	23
Alcochetense.....	6	10	10	28-34	22
Esperança.....	4	9	13	19-37	17
U. Montemor.....	3	11	12	13-44	17
Oriental.....	2	8	16	14-39	12

BENFICA

Os juniores do Benfica classificaram-se em 3.º lugar, no Torneio de Múrcia (Espanha).

BRAGA

O Sporting de Braga, de onde deve sair o treinador Mário Lino, tem vários nomes na agenda, nomeadamente, Juca, Mário Wilson, António Medeiros e Hagan.

DATA

Marcado para a noite de 29 do corrente, nas Antas, o jogo Porto-Setúbal, para o nacional.

DECISÃO

Acabou agora (ou talvez não) um jogo realizado a 21 de Novembro, entre o Paredes e o Riopele, que o público obrigara a suspender aos 66 minutos: a Federação resolveu que os dois pontos em questão fossem embolsados pelo Riopele.

MONTIJO, O-ACADÉMICO, O

Perfeitamente normal

Isto de táticas é uma grande espiga; num campo pelado, onde a bola salta que se farta (com vento por vezes velloz) e as dimensões são mínimas entre as quatro linhas, nenhuma tática é válida. Ao princípio vimos um 4-4-2 montijense versus um 4-2-4 dos visitantes. A turma da casa pretendia (portanto) povoar o meio-campo de jogadores para conquistar, nessa área, o domínio da partida. Os visitantes, mantendo (também a princípio) quatro homens adiantados, «seguravam» lá longe uma série de homens da casa para não virem à frente fazer estragos.

Pouco depois ainda foi visível o reforço do compartimento médio por parte dos académicos, mas com o decorrer do jogo (o correr do vento e o saltar da bola) aquilo passou a ser uma grande «bagunçada» metendo muitos pontapés para o ar, muita correria, e cada homem de um lado com os olhos num contrário. Às vezes, demasiada gente atrás da bola, número de camisolos em locais onde não aparecem por hábito e outras coisas mais. Em resumo, um jogo de fraco nível, e em termos de futebol um espectáculo que, mau grado o que expusemos, teve emoção a espaços. Como corolário um resultado que se aceita perfeitamente, pese embora o maior querer (e domínio territorial) dos montijenses — que tiveram algumas ocasiões de golo possível, apenas possível.

A turma de Coimbra mostrou laivos do seu futebol adulto, alegre, poderoso, sempre que lhe foi possível manter o esférico colado à terra. Mas esses



César Correia não tinha visto: estava entretido a marcar a distância para um livre no lado direito. O fiscal de linha, esse estava mais atento e rápido, correu para dentro do campo segregando ao ouvido do árbitro o crime de Cacheira. O lateral direito poveiro havia agredido na cara o número 10 «leonino» Salif Keita. Apesar de todo o teatro, visível, no rosto dos ex-bébeis do Varzim, o cartão não tardou a sair do bolso de César

NOMES

O «portista» Simões revelou por mais duas épocas, o mesmo sucedendo em relação ao sportinguista Matos. Confinado o desinteresse pela manutenção do médio Valter e pelo guarda-redes Conhé, nos «leões», parece que outros verde-brancos vão deixar Alvalade, falando-se em Valter Onofre (guarda-redes) e no médio Camilo, como desejando mudar de ares. Entretanto, Artur (Benfica) mantém conversações com o Braga: os «encarnados» de Lisboa não vão além dos 50 contos mensais, menos de metade do que auffer presentemente Nenê.

Mais figuras na berlinda: o defesa Murça (Barcelense) está quase fixe no Sporting, ao mesmo tempo que Norton de Matos talvez transite da Tapadinha para o Restelo. Outro benfiquista (Barros) pediu para rescindir o contrato, enquanto Vítor Baptista (que passara de 60 para 90 contos mensais, de-

pois de ter criado um «caso» com a directiva benfiquista...) continua suspenso da actividade. Em relação ao Porto: aquisição do dianteiro Vital (Riopele), por duas temporadas.

Quanto a Nelinho, surgiu quarto clube na corrida para a contratação do jogador, que já apresentou as suas condições para continuar no Benfica: 500 contos de «luvas» por 3 anos, mais o ordenado mensal de 90 contos. O Braga (que pagaria ainda apartamento para a família do jogador) é quem está mais perto da assinatura no contrato com o actual melhor extremo do futebol português.

«TAÇA»

Esta tarde (18 e 30) na sede federativa, procede-se ao sorteio das meias-finais da «Taça de Portugal».

SILENCIOSO

Em futebol silencioso (de surdos-mudos) Portugal venceu um torneio em França.

João Ferreira

períodos menos maus toram muito poucos. Os pupilos de Juca não são realmente homens para terrenos pelados, e ainda por cima em diáspora. O sector recuado jogou, porém, muito bem, destacando-se a demonstração de Alinho, que no segundo tempo chegou a ser espectacular. Aliás, o compartimento defensivo do Montijo havia de se creditar com exibição igualmente positiva, e daí o zero (perfeitamente normal) verificado ao fim dos 90 minutos.

A turma da casa produziu mais jogadas de ataque, construiu mais oportunidades de golo (sobretudo a partir do intervalo), mas também não se pode dizer que o empate brade por injusto. Competia ao Montijo tomar a iniciativa, não só por estar em casa como por se encontrar na «área» perigosa (zona classificativa conheci-

da por «afritos». Assim aconteceu, mas os adversários é o n.º 4 em pontuação.

«Osso» difícil, portanto, para qualquer que mereceu, aliás o ponto alcançado.

Augusto Bailão dirigiu a partida com acerto. «Match» que foi disputado com alguma energia, mas com saldo positivo em correcção (apesar de ter surgido um cartão amarelo aos olhos de Alinho, o tal que deu mais nas vistas). A Alinho seguiu-se-lhe Rachão e Joaquim Rocha, seus companheiros, e Celestino, Rolo e Fonseca, locais.

Nomes:

MONTIJO: — Abrantes; Rodrigues Dias, Carlos Pereira, Candeias e Celestino; Loucelro, Arnaldo e Rolo; Fonseca (Coentro Faria); Gijo e Bolota.

ACADÉMICO: — Helder; Brasfemes, José Freixo, Alinho e Martinho; Gervásio, Gregório e Camélim; Joaquim Rocha, Rachão e Rogério.



O Fiscal de linha Carlos Duarte é todo olhos para a bolinha

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

EDITAL

FUFRÁZIO FILIPE GARCÉS JOSÉ

Presidente da Câmara Municipal do Seixal

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 15-4-77, se recebem prepostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de «ABASTECIMENTO DE ÁGUA AS POVOAÇÕES DA MARGEM ESQUERDA DO RIO JUDEU — REDE DE DISTRIBUIÇÃO 2.ª FASE».

A base de licitação é de 3 061 500\$00 e o depósito provisório na importância de 76 537\$50, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido — V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

E para conhecimento geral se publica o presente e outrossé de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 15 de Abril de 1977.

O Presidente da Câmara

Fufrázio Filipe Garcés José

PUB

E P A L

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE TELHEIRAS

Faz-se público que o concurso em epígrafe, primitivamente marcado para as 15 horas do dia 27/4/977, foi adiado para o dia 10/5/977, pelas 15 horas, devendo a entrega das propostas ser feita até às 17 horas do dia 9/5/977.

Lisboa, 12 de Abril de 1977

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Eng.º Vogal da Comissão de Fiscalização

José Beja Neves

SEARA NOVA

Acaba de ser posto à venda o número de MARÇO da SEARA NOVA

Nele poderá encontrar, entre outros, os seguintes artigos:

«ISTO NÃO PODE CONTINUAR ASSIM!» Júlio Afonso

CRÍTICA AO PROGRAMA ECONÓMICO DO C.D.S.

A SITUAÇÃO FUNCIONAL DOS QUADROS A. Aníbal e C. Teixeira

EGIPTO: UM LEVANTAMENTO DE LADROS? Edgar Valles

«SALÔ» OU «CRAN SUBITAMENTE ILUMINADO» Fernando Guerreiro

COMPRE JÁ A SUA SEARA

A BARRACA

R. Alexandre Herculano, 70

«BARRACA CONTRA TIRADENTES»

encenador: Augusto Boal

elenco: «A Barraca» m/13 anos

Dias úteis: 21H15 —

Folga: 2.ª feira

MATINEES: SAB: 16H00 — DOM: 18H00

Benfica: candidatura com todas as assinaturas

Vinte e cinco mil na moldura, 1200 notas das grandes no cofre, muito bilhete falso a ficar pelo chão no lavar dos cestos, embrulhando carteiras sem recheio. À porta, no caminho para o Toural, toda a sorte de venda ambulante: desde bacalhau a verde fresco, regueifas a rojões. Um mar de gente: romaria grande para a bola, que a festa de abrir portas ao campeão (ainda e já...) mete sempre foguetório porresse Minho além.

Duas notas feriram a vista: um degrauzinho em torno do relvado, que é bem escusado e por (um dia destes) atirar um desprevenido pontapeador da bola para a cama do hospital de Guimarães e, pior ainda, garrafinhas de cerveja à venda com a maior sem-cerimônia. A sorte foi, quando o jogo acabou e aquele bruto arrial de pancadaria ocorreu na «centra» (mesmo por debaixo do camarote da Imprensa) nem o sujeito do pullover rubro nem o trio de valentões de marmeleiro em punho se terem lembrado de ir buscar reforços à caixa abastecedora do bar. Seria uma guerra: e Guimarães, dessas esgrimas de montante, só guarda lá no alto o memorial castelo que servia de bastidor às aventuras de Urraca, Teresa e alguns felizes amigos.

Mas, amigos, se o espectáculo em torno da bela rel-

va do Municipal foi coisa para mil cambiantes, não é menos verdade que o «show» rubricado por 25 profissionais de futebol foi correctíssimo, exemplar de alegria e entusiasmo, vivo e saltitante como pardalito à solta. Calhou que as turmas terminaram a conversa empastadas a um tento: e, até nisso, a história registará com perfeição o que viveu em 90 minutos, de contra-ataques alternados, de esquiva e toque, de mordacidade felina e argúcia de aranha. Fernando Caiado foi digno de John Mortimore: tal e qual como Porém Luís, ao recusar que Nenê fizesse um golo com uma mãozinha, mais não fez que igualar o seu prestígio de óptimo juiz de um apaixonante espectáculo.

Guimarães entrou com barreiras: Almiro solto, à frente de um quarteto de destemidos. Depois, Pedroto (magnífico) a lançar Pedrinho (o serpenteante): e, embora Tito atirasse pessimamente ao golo e Ferreira da Costa mais se preocupasse em cortar impulsos que em progredir, temos que o Vitória conseguiu seriamente colocar o Benfica em dilema, sobretudo a partir do instante em que a bdição de Toni («tocado» fortuitamente) não encontrou em Sheu o continuador da boa charneira com o menino Zé Luís e mestre Vítor Mar-

Neves de Sousa A REPORTAGEM DO "DL" VIAJOU PELA CATUR

tins. Daí que os «encarnados», com largo peso de bola sobre os ombros, tivessem visto falhas em demasia de Alberto e Eurico, en-

quanto Alinho servia de pronto-socorro a aliviar para junto da Falperra ou mesmo lá mais para longe. À frente, estavam dois jogado-



Nelinho: a gazu



Chalana: o talento

res: Chalana (talvez com preciosismos em demasia mas sempre soltando chispas de génio) e Nelinho, hoje por hoje, o melhor o mais perfeito exemplar do extremo moderno implantado no futebol português. Pena que Nenê, sempre a recriminar colegas pelas suas consecutivas falhas, mereça mais repouso que parturiente de cinco gémeos.

Aconteceu, quase ao abrir da 2.ª folha, que um estrondoso petardo de Pedroto colheu o moço barreirense (Bento) a contar as bandeiras do peão, distraído em altos sonhos. Porém, estudando a questão, Mortimore colocou um dedo na ferida: Artur entrou a marcar directamente Pedrinho, Almiro passou a ter Pietra pela proa e apenas foi preciso o tempo rodar para surgir o golo-monumento de Nelinho, todo feito de habilidade e raça, codícia e esforço. Um para-fuso de Torres e, logo, Nelinho ali à beira: trás, trás, trás e pumba. Três gambetas seguidas a outros tantos comparsas a estibordo, calma e serenidade na espera porque Sousa saísse do covile bumba no véu da noiva. Era a invencibilidade rubra na guerrilha nortenha: afinal, o corolário de quem mais faz por justificar uma candidatura.

Lógico que houve artistas refulgindo ao sol doce da

tarde amena: Nelinho, Chalana, pedaços de Alinho e momentos de José Luís. E imagens preciosas: tal e qual como aquele arrojado mergulho de Sousa aos pés do sobrinho de Pêrides, mais a força de Osvaldinho e Alfredo, o toque gracioso de Almiro e Pedrinho, a dinâmica de um jovem «astro» que continua a ser conhecido como Pedroto. Todavia, o que ficou escrito para além disto é muito mais que o espelho no marcador: uma arbitragem impecável, um espectáculo muito bonito, a certeza de que, falando português há quem saiba contrariar as estratégias de Mortimore, o único inglês que sabe passar do zero ao infinito, conservando cara de amigo, sem mandíbulas cerradas nem sobrancelhas encolhidas.

Veio de Leiria o trio arbitral: Porém Luís dirigiu, apoiado em Azóia Monteiro e António Freitas.

Mortimore apresentou este Benfica: Bento; Alinho; Pietra, Eurico e Alberto (Artur); José Luís, Toni (Sheu) e Vítor Martins; Nelinho, Nenê e Chalana.

Caiado formou assim o Guimarães: Sousa; Alfredo, Ramalho, Torres e Osvaldinho; Almiro; Pedroto, Abreu e Ferreira da Costa; Pedrinho e Gito (Mário Ventura).

Golos por Pedroto (52 minutos) e Nelinho (84).

F.C. PORTO, 0-ESTORIL, 0

A "águia" agradece

Sérgio de Matos

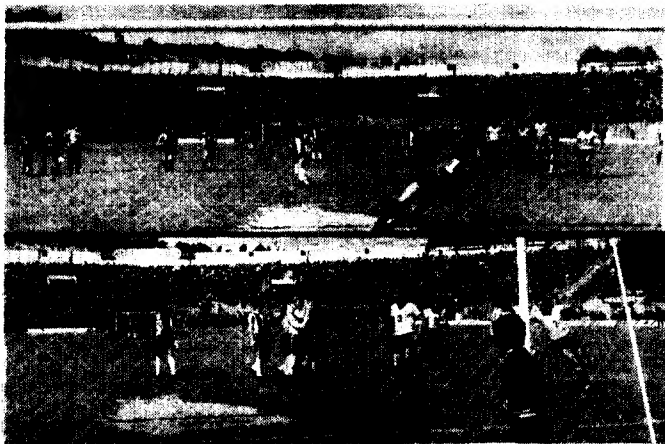
Mais um exemplo típico das surpresas que o futebol frequentemente proporciona, facto que lhe concede a primazia na adesão das grandes massas populares. Perante a soberba exibição do F.C. do Porto oito dias antes contra o Sporting, ninguém se atrevia a vaticinar um desanimador (para as Antas) zero-zero no final deste encontro com os «gatinhos» do Estoril. Resultado, aliás, que afivelou nos rostos azuis e brancos um sorriso amarelo.

Enveredando, de início, por uma toada cautelosa, o Estoril logo mostrou constituir um «osso difícil de roer», baseando a sua estratégia num forte povoamento do seu meio-campo, onde não raro apareciam verdadeiros «magotes» de jogadores. A impedir, de qualquer forma, a progressão do jogo portista. A outra face desta equipa da Costa do Sol permitia, entretanto, observar quanto perigoso e traçoeiro era o seu esquema sempre que surgia, um con-

tra-ataque. De referir, a propósito um temerário mergulho de Torres aos pés de Cepeda (12) e um canto cedido por Simões (30), quando Manuel Fernandes, entrando velozmente na área azul e branca, preparava um remate ameaçador.

Mas toda a resistência estorilista deverá ser correctamente enervada, na medida em que uma equipa só joga aquilo que a outra lhe permite. Na verdade, o F.C. do Porto entrou a jogar com demasiado à vontade, actuando com excessiva confiança. Dois factos que se explicam o desperdício de jogadas fulcrais. De qualquer modo, no espaço de três minutos, a turma de Pedroto poderia dar uma fisionomia muito diferente ao resultado, se não tivesse esbanjado, então, as duas melhores oportunidades do desafio. Fruto de um «forcing» atacante no último quarto de hora do primeiro tempo, aos 35 minutos, Duda de cabeça, atirou o esférico contra o poste esquerdo da baliza de Paulino. O azar portista teve o seu ponto culminante aos 38 minutos quando para castigar mão na bola de Amílcar (dentro da área) Santos Luís ordenou uma penalidade máxima. Gomes, porém, desferindo um remate a meia altura permitiu uma bela defesa para canto de Rui Paulino. Entretanto, à medida que ia crescendo o número de atacantes no Porto (Séninho e Ademir substituíram Rodolfo e Teixeira), no conjunto de José Bastos, aumentava proporcionalmente o grupo de defensores (Óscar e Eurico cederam os seus postos a Fernando Martins e Fernando Martins e Fernando).

No segundo tempo assis-



«Penaltie» injusto: defesa providencial. Palmas e abraços para Rui Paulino



Mais um voo de Rui Paulino: o zero ficou nas suas garras

tuiu-se a toda uma avalanche de ataques da equipa das Antas, aproveitando a velocidade de Seninho, lançado pelo flanco direito e avançando os defesas laterais como se fossem extremos. Todavia, e reforçando o que já foi dito, tornava-se quase impossível obter golos frente a um Estoril que, para além de queimar tempo com simulacros de lesões e despejos de bolas para a arquibancada, e retardando os reatamentos do jogo, se defendia cada

LEIXÕES, 1-BOAVISTA, 1

E vão 13 empates...

Abel Ferreira

Meio golo por jogo (12 em 24) representa o «activo» dos leixoneiros. Não serão necessárias mais afeições para constatar a ineficácia atacante dos matosinhenses. É um facto mais que incontroverso, tal como o seu estendal de empates. É o trivial. Ai vão, após a igualdade de sábado no «Mar», nada mais nada menos que 13. E agora? Agora que estamos no «azar»: só derrotas, só vitórias, mais empates ou tudo por atacado?

O jogo teve um início promissor, mas acabou por resultar numa partida quase medíocre, sensorona, desprovida de emotividade. Emotividade que convirá salientá-lo — se justificava pela necessidade imperiosa da conquista de pontos (divididos) para o Leixões continuar junto dos «grandes» de cá (do Porto) e para o Boavista se juntar aos «grandes» da Europa. Após marcar em primeiro, o Boavista jogou a meio gás antes de aquecer, em passeios sem progressão, com apoio para cá do seu meio-campo (onde não era indispensável), com Mané e Celso mal apoiados por Nogueira, Barbosa e Francisco Mário no ataque. Dava mesmo a sensação que o Boavista tentava, em primeiro de tudo, furtar a posse da bola ao irrequieto adversário. Quando sofreu o empate não despertou da característica sonolenta da sua manobra.

Conformação ante os acontecimentos. Pela incapacidade de penetração do Leixões na área de perigo, e pelo conformismo ou ineficácia da manobra axadrezada, cedo se teve a sensação de que os dois «onzes» se contentavam com o empate, mormente a partir do quarto de hora inicial do se-

gundo tempo. O Boavista aguentou, então, no limite da sua grande área, algumas investidas dos leixoneiros. Projectada a rolha que conservou a força do (mal preparado físico e tecnicamente) jovem Rasco o (a despeito disso, ainda um jogador versátil) e logo que Josafá, uma e outra vez caído inerte no terreno (cinco minutos após ter sido «minoseado» pelo patricio Mané). Ambos foram substituídos e foi vertical a queda do Leixões. A vivacidade de Folha, o irrequietismo de Varela e os petardos «esquerquinos» de Fernando (com o pé canhoto marcou o golo) apenas estimularam a expectativa dos incautos nanja dos «outros».

Não fora um «corne» directo, na circunstância em golpe feliz, embora também intencional (porque depois repetiu a tentativa), de Fernando (23 minutos) com a («galinácea») ajuda de Botelho, e o Leixões ficaria mais uma vez em branco, sem compensação na divisão de pontos, porque o Boavista já havia marcado por Nogueira (7 minutos) após «chapéu» que ludibriou a tentativa de Adriano no desarme. E, por fim, o remate (feliz) ao desatento Benje, que mal esboçou um dos voos que tanto gosta de executar.

Jogo no Estádio do Mar. Árbitro: Manuel Vicente, de Vila Real.

Leixões: Benje, José Manuel, Adriano, Guilherme e Sá; Licínio, Josafá (Boia), Frasco (Marcos) e Varela; Fernando e Folha.

Boavista: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Artur; Francisco Mário, Barbosa e Nogueira; Mané, Albertino (Praia) e Celso.

TOTOBOLA

BOLETIM COM 13

Guimarães - Benfica	X
Portimonense-Belenens	X
Leixões - Boavista	X
Beira-Mar - Setúbal	X
Montijo - Académico	X
Porto - Estoril	X
Atlético - Braga	X
Sporting - Varzim	X
Chaves - Paços Ferreira	X
Paredes - Fafe	X
U. Coimbra-Portalegren.	X
União Leiria - Feirense	X
Sintrense - Barreirense	X

Antero nasceu há 135 anos

Faz hoje 135 anos que nasceu Antero de Quental, e a efeméride vai ser assinalada em Ponta Delgada, S. Miguel, Açores, sua terra natal, com uma conferência do prof. dr. Gustavo Fraga do Instituto Universitário dos Açores. A conferência do prof. dr. Gustavo Fraga versará o tema da «metafísica do inconsciente» na obra do autor evocado.

Antero de Quental é um dos capítulos mais ricos da história da cultura em Portugal. Ele liderou ideologicamente a chamada «Geração de 70», que polemizou o tempo em Portugal, erguendo uma perspectiva ibérica europeia informada pelas ideias filosóficas e políticas então de vanguarda e proporcionadamente revolucionárias. Ficou como um dos momentos mais vivos da história da cultura em Portugal a chamada «Questão Coimbra», ou do «Bom Senso e Bom Gosto», onde a nova geração se afirmou de maneira decisiva, sob a liderança de Antero. Eça de Queiroz admirava francamente esta figura de eleição. Antero escreveu ensaios, sonetos, odes, palestras, conferências, escritos vários de intervenções na vida portuguesa do seu tempo que veio a pôr termo a uma vida tumultuosa em 1894, suicidando-se junto ao banco de jardim em Ponta. Os seus restos mortais repousam no Cemitério de S. Joaquim.

Antero foi durante algum tempo e por alguns considerado o maior poeta português depois de Camões.

Havia nesta consideração muito de excessivo. Como poeta, Antero terá sido, o mais, um exímio sonetista. É muito superior a estatura com que hoje ainda se nos impõe a sua figura de intelectual que pôs decisivamente em questão os vícios mentais e os erros políticos que prejudicaram o progresso histórico do seu tempo. A actividade crítica de António Sérgio, décadas depois, veio restituir-lhe as justas pro-

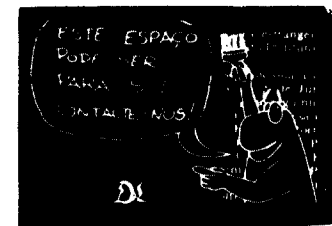
Poluição: rotários apelam para Governo

Rotários de Portugal vão propor ao Governo que a questão da poluição seja encarada frontalmente, dada a gravidade que o problema comporta. Esta decisão foi tomada na reunião do Rotary Clube de Lisboa por proposta do eng.º Guimarães Ferreira, que presidiu à sessão. Ao debruçar-se na mesma reunião sobre aquele assunto o prof. Julio Magalhães Novais apontou a vila do Barreiro como «uma terra mártir» no âmbito da segurança da comunidade contra a poluição.

B. V. da Ajuda comemoram 97.º aniversário

Os Bombeiros Voluntários da Ajuda expuseram material de incêndio e de saúde na placa central do Rossio, no âmbito das comemorações do seu 97.º aniversário.

No próximo dia 8 aquele corpo de «soldados da paz» desfilará no seu quartel-sede, onde decorrerá uma sessão solene de encerramento das comemorações.



porções. Antero, via Sérgio, ainda hoje é uma das referências históricas da corrente de pensamento político que se reinventou — esquecidos Proudhon, e outras precedentes a que a acção de Antero respeitou — do socialismo e da democracia.



Mobiliás e móveis soltos de estilo e modernos por elementos, estofos, loiças, vidros, quadros, cristais, objectos decorativos, etc.

**PARA HABITAÇÃO;
MOBILIÁRIO EM AÇO E MÁQUINAS
PARA ESCRITÓRIOS;
ELECTRODOMÉSTICOS
PARA RESIDÊNCIAS, LOJAS, ETC.**

Máqs. e utensílios p.º ind.º hoteleira
**AUTOMÓVEIS: Opel, Rekord diesel 5.200 Km.,
Manta 1900, gasolina, 29.000 Km.**

**ARTIGO NOVO — IMPORTANTÍSSIMO
LEILÃO**

**DAS ESPECIALIDADES EM EPIGRAFE, VENDEREMOS
PELA MAIOR OFERTA E SEM BASE DE LICITAÇÃO**

**HOJE e AMANHÃ, das 15 às 19 horas
AV. CASAL RIBEIRO, 17-B**

Sendo também vendido muito mobiliário, adornos e utensílios usados, conforme anúncios discriminados já publicados

**NOTA: Os automóveis irão à praça hoje, às 19 horas
Em exposição das 10 às 12 horas**



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ N.º 1
Telfs. P.P.C. (5 Linhas)
532929 51478 532446

AFRAFILHOS, Lda

PUB

COMUNICADO AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO SECTOR DE ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, IMPORTAÇÃO, COMÉRCIO, EXPORTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE FRUTOS HORTÍCOLAS, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE AZEITES

Camaradas,

Na reunião de conciliação realizada hoje, dia 15 de Abril, a CSN não aceitando a posição radical e provocatória dos patrões reafirmou mais uma vez que desejava continuar a conciliação, posição aliás apadrinhada pelo representante do Ministério do Trabalho.

ASSIM A C. S. N.

1. Considerando as datas sugeridas para início de formas de luta, nomeadamente em Plenários de Trabalhadores de Lisboa e Porto;
2. Considerando que está marcada nova reunião no Ministério de Trabalho para a próxima terça-feira, dia 19 de Abril

INFORMA

Os Trabalhadores que devem manter-se atentos às informações dos respectivos Sindicatos, pois após a citada reunião no Ministério do Trabalho, os Sindicatos reunirão na tarde desse mesmo dia para elaborarem um calendário de Plenários, a nível nacional de tomar formas de luta definitivas para a resolução do nosso C. C. T. V.

NOTA: A C. S. N. aproveita para convocar todos os Sindicatos outorgantes deste CCTV para a reunião inter-Sindicatos, a realizar na 3.ª feira, dia 19, às 15 horas, em Lisboa, na Av. da República, n.º 31 — Sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa.

Lisboa, 15 de Abril de 1977

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo.

TEMPERATURAS EXTREMAS

FARO
Máxima 23º

PREVISÃO GERAL ATE
AS 24 H. DE AMANHÃ

Bom tempo com céu geralmente limpo; vento moderado de Norte

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 11º
P. DOURADAS ... 4º
COIMBRA 9º
PORTALEGRE 9º
LISBOA 13º
FARO 14º
FUNCHAL 16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.01	4.0 m
15.19	4.0 m
DIA 19	
3.36	4.0 m
15.63	4.0 m
DIA 20	
4.10	4.0 m
16.25	4.0 m

AMANHÃ

**NAScer AS 6.55
OCASO AS 20.17**

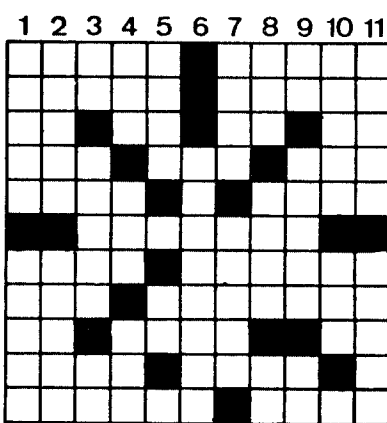


palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11721

HORIZONTAIS:

- 1 Pestemida. Estacionas.
- 2 Tornar a ler. Sulco.
- 3 Artigo indefinido. Pronome pessoal. Ósmio (s.q.). O mesmo que uma (ant. e pop).
- 4 Desgraça. Calamidade. Igual.
- 5 Pernadas de sobreiro. Classe de tropa.
- 6 Soveria.
- 7 Nascido. Pontas de cigarros (Pop).
- 8 Boi selvagem. Santo.
- 9 Em a. Castigo (gir). Seguir.
- 10 Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de cão. Bonança.
- 11 Calunia. Rapariga.



VERTICAIS:

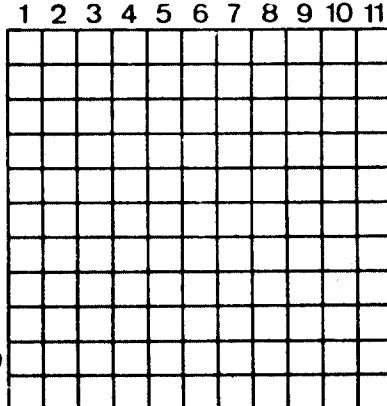
- 1 Nevoeiro do mar. Jamais.
- 2 Mover os remos. Lavrais.
- 3 O mais. Pronto. Nosso Senhor.
- 4 Caminha para cá. Ecoo. Corda de reboque.
- 5 Sulquem a terra. Isolado.
- 6 Terminaria.
- 7 Proveito. Borrifar.
- 8 Suspiros. Gerner. Prefixo de negação.
- 9 Reis. Baixela. Solitário.
- 10 Recuam. Acrescentei.
- 11 Ecoara. Ressoara.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7781

HORIZONTAIS:

- 1 Taberna. Herói grego, filho de Egeu o rei de Atenas, personagem em semi-história, semi-lendária.
- 2 Cidade da Grécia. Irmão de Abel.
- 3 Oferecer. Raer. Su-sueste (abrev).
- 4 Erbio (s.q.). Pegar.
- 5 O mesmo que ortigas. Anel.
- 6 Sufixo que designa estado. Neon (s.q.).
- 7 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Copo.
- 8 Rádio (s.q.). Pateada (fig.). Cidade da antiga Caldeia.
- 9 Acrescentei. Motejo (fig.). Emprega.
- 10 Irmã. Nome de letra.
- 11 Vasilha com asas. Conduzir para cá.



VERTICAIS:

- 1 Missionário português conhecido por Apóstolo das Canárias. Em má hora.
- 2 Atestadas.
- 3 Ente. O mesmo que três. Ilha do Estado da Baía.
- 4 Calcio (s.q.). Cento a um em romano. Item. Preposição latina que designa movimento.
- 5 Suplica. Antes de Cristo.
- 6 Carimba. Cavaco.
- 7 Cabo da costa de Portugal. Autores.
- 8 Era Cristã. Porco. Aparência.
- 9 Sadias. Uma das esposas de Henrique VIII. Aperta molhos.
- 10 Aqui está. Rejeitar.
- 11 Osso do braço. Arara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11720

HORIZONTAIS

- 1 Actas. Abais.
- 2 Croa. Lia. Dã.
- 3 Rim. Marta.
- 4 Elmo. Al. VA.
- 5 Dã. Adamar.
- 6 Amimas.
- 7 Ti. Oro. Cã.
- 8 Artur. Pirão.
- 9 Vai. Açorã.
- 10 Arta. At. Rol.
- 11 Saar. Leso.

VERTICAIS

- 1 Acreditavas.
- 2 Crila. Irara.
- 3 Toma. Tita.
- 4 Aa. Domou. Ar.
- 5 Mo. Irrã.
- 6 Lã. Amo. Cal.
- 7 Airada. Pote.
- 8 Batias. Ir.
- 9 Raro.
- 10 Id. VA. Caro.
- 11 Samarra. Lu.

PROVERBIO: DÁ CÁ, TOMA LÁ

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7779

HORIZONTAIS

- 1 Afro. Amuais.
- 2 Cairã. Ada.
- 3 Aca. Caso. Mm
- 4 Ta. Pés. Pau.
- 5 Ar. Sara.
- 6 Prelados.
- 7 Rã. Gado. Mad.
- 8 Arcara. Sapó.
- 9 Missa. Gera.
- 10 Pã. Aruã.
- 11 Assaltassem.

VERTICAIS

- 1 Acata. Rampa.
- 2 Faca. Párias.
- 3 Ria. Ar. Cs.
- 4 Or. Pregas.
- 5 A-C-E. Lara.
- 6 Assada. At.
- 7 Mas. Ado. Grã.
- 8 Udo. Ro. Seus.
- 9 Aa. Pasmaras.
- 10 Mã. Apa.
- 11 Simulado. MM

Farmácias de Serviço

LISBOA

ALVALADE — Av. Igreja, 18-A. Telefone 892070.

ALVES DE CARVALHO — Rua Vale de Santo António, 7-9. Tel. 840125.

AMOREIRAS (das) — P.ª Águas Livres, 8-D. Tel. 681515.

BARROS GOUVEIA — Rua Vale Formoso de Cima, 79-B. Tel. 382180.

BIOTIFAR — Rua D. João de Castro, 27-B. Tel. 638824.

BOM SUCESSO — Rua Bartolomeu Dias, 63-A. Tel. 611454.

CAPUCHOS (dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Tel. 572076.

CENTRAL DOS OLIVEIS — Rua Alfere Barrilero Ruas, 7-C. Tel. 315539.

COSTA — Rua Lusitadas, 30. T. 636704.

DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Tel. 45225.

GASPARINHO — Rua Dr. Gama Barros, 54-A. Tel. 890465.

MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telef. 720703-728395.

ONILDA — Av. João XXI, 13-A. Tel. 75848.

OURIQUE — Rua Freitas Gazul, 32-B. Tel. 671667.

PRATES E MOTA — Rua d. Beneficência, 91. Tel. 773728.

PROGRESSO — Estr. A-da-Maia, 54-C. Tel. 702226.

Providência — R. D. Filipa de Vilhena, 9-C. Tel. 770324.

SANITAS — Pr.ª Luis de Camões, 24. Tel. 322798.

REIS GARRIDO — Rua Janelas Verdes, 90. Tel. 662327.

S. JOSÉ — Rua dos Anjos, 41-A. Telefone 570730.

S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100. Tel. 325318.

S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704.

SIMÕES — Calçada do Tojal, 102-A.

SOUZA — Estrada de Benfica, 429-431. Tel. 780027 e 789985.

TAVARES — Rua da Palma, 194. Telefone 863350.

VERAL — Rua Morais Soares, 109-111. Tel. 821732.

Permanente

BARROS GOUVEIA — Rua Vale Formoso de Cima, 79-B. Tel. 382180.

BIOTIFAR — Rua D. João de Castro, 27-B. Tel. 638824.

CAPUCHOS (dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Tel. 572076.

TAVARES — Rua da Palma, 194. Telefone 863350.

GASPARINHO — Rua Dr. Gama Barros, 54-A. Tel. 890465.

OURIQUE — Rua Freitas Gazul, 32-B. Tel. 671667.

SANITAS — Pr.ª Luis de Camões, 24. Tel. 322798.

SOUZA — Estr. de Benfica, 429-431. Telef. 780027-789985.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (telef. 2113953).

ALCABIDECHÉ — Carvalho, até às 21 horas

PORTO SALVO — Ferreira Bastos

CARCAVELOS — Central, até às 24 e das 0 às 9 horas

S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silva, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085) Até às 21 horas.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034) até às 22 horas

OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090) até às 24 e das 0 às 9 horas

NOVA OEIRAS — Leal, até às 21 horas

PAREDE — Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204) até às 24 e das 0 às 9 horas

PAREDE — Junqueiro Mendes, até às 21 horas

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052) até às 24 e das 0 às 9 horas

AMOREIRA — Amoreira, (telef. 262313/267314) até às 22 horas

MONTE ESTORIL — Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008) até às 21 horas

CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170) Até às 21 horas.

A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214) até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA — Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072) serviço permanente

Dias — Av. Marques de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589) Até às 22 horas.

Nova — R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530) até às 22 horas

DAMAIA — Damia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)

MERCES — Claro Russo

QUELUZ — Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá 50-E (Telef. 957619)

CACÉM — Garcia, C. Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS — Rodrigues Rato, (Telef. 2912038)

RIO DE MOURO

Rio de Mouro — A. Oscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194)

SINTRA — Misericórdia, Vila (Telef. 2930291)

COLARES — Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional, 24-A (Telef. 2040141)

BARREIRO — Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett, 1 (Telef. 2072454)

ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leal, 8-B (Telef. 2750242)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008)

SESIMBRA — Leão, A. da Liberdade, 13 (Telef. 2233028)

SETÚBAL — Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783)

Bonfim — Av. Rodrigues Marinho, 12 (Telef. 24558)

SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 — Tel. 485755; Vaz Teixeira — Rua do Heroísmo, 54 — Tel. 52851; Birra — Praça da Liberdade, 125 — Tel. 20463; Costa Lima — Av. da Boavista, 855 — Tel. 487118; Monte Cativo — Rua de Monte Cativo, 444 — Tel. 481687; Cardona dos Santos — Rua de D. Manuel II, 90 — T. 315051; Oriental — Rua do Bonjardim, 727 — Tel. 27878.

(De dia e toda a noite)

PASTEIRA — Rua André de Resende, 92 — Tel. 6870; Almeida Cunha — Rua Formosa, 327 — T. 24874; Sampaio — Rua de Cedofeita, 636 — Tel. 21782; São Jerónimo — Rua de Santos Pousada, 622 — Tel. 54526.

COIMBRA

LOPES RODRIGUES — Rua Fernandes Tomás, 41 — Tel. 22634;

OLIVEIS — Rua Bernardo Albuquerque, 159 — T. 72904.

Cinemas

Cinemas

Cinemas

ALVALADE

Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

A ESPADA ERA A LEI

5.ª Semana

Magia, sonho, beleza e Alegria!

Walt Disney apresenta

Para todos

Falado em Português

APOLO 70

Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15

N. Acons. men. 13 anos

BARRY LYNDON

8.ª Semana

um filme de Stanley Kubrick

As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos

DOIS Á ITALIANA

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15h

Int. men. 18 anos

O primeiro e único monstro das artes marciais

O HÉRCULES CHINÊS

BERNA

Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15

Um espectáculo de rara distinção!

A HISTÓRIA DE CINDERELA

3.ª Semana

com Richard Chamberlain, Gemma Craven

Para todos

Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14, 16.30, 19 e 21.15

O VALE DO FUGITIVO

com Robert Redford, Katharine Ross, Robert Blake

um filme de Abraham Polonsky

Grupo B (10 anos)

CASINO ESTORIL

Tel. 264521 17 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

1900 (1.ª parte)

CASTIL

Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15 h.

Annie Girardot é

A FEMINISTA

Com Bernard Fresson. Um filme de Serge Korber

Não acons. a menores de 18 anos

CONDES

Tel. 322523

14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Kaluz Bedi é

O CORSÁRIO NEGRO

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15

Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss

TUBARÃO (JAWS)

2.ª Semana

Um filme de Steven Spielberg

Não acons. a men. de 13 anos

Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.00, 17.00, 19.00 e 21.15

Para todos

O PEITO OU A PERNA

O novo filme de Claude Zidi

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MULHER SENSUAL

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15

Na cidade corrupta, um homem incorruptível!

Enrico Maria Salerno em

A POLÍCIA AO SERVIÇO DO CIDADÃO?

Interdito a menores de 18 anos

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O INTRUSO

5.ª semana

c/ Inura Antonelli

4.ª semana

um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30

TAXI DRIVER

Palma de ouro - Grande Prémio Festival de Cannes

NIMAS

Tel. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

Um documento único, real e importante

HOMENS E TUBARÕES

o filme de Bruno Vailati

Hoje à meia-noite

UMA NOITE NA ÓPERA

com Irmãos Max

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

(Colorido)

SURVIVE

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. men. 13 anos

O CORSÁRIO NEGRO

Da célebre novela de Emidio Salgari

c/ Jaylle Maddon

POLITEAMA

Tel. 326305 15.00, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

MOISÉS, O PROFETA

c/ Burl Lancaster

3.ª Semana

RESTELO

Tel. 610375 As 21.15

Não acons. men. 13 anos

OS HOMENS DO PRESIDENTE

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. m/ 18 anos

Um caso verídico!

SURVIVE

Epopeia dos Andes

ROXY

Tel. 48560 14.15, 17.45, 21.15

Da Índia uma bela história de amor e aventura!

PASSADO INESQUECÍVEL

Um filme de Nasir Hosain

4.ª Semana

Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 15.15, 18.15, 21.15

5.ª "Oscars" da Academia Britânica!

BUGSY MALONE

Música de Paul William

3.ª Semana

Não acons. men. 13 anos

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 15.30, 18.00 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

O CRIME DO EXPRESSO ORIENTE

c/ Albert Finney, Lauren Bacall, Sean Connery

TIVOLI

Tel. 570595 15.15 e 21.00

3.ª semana

Não acons. a men. de 13 anos

BEN-HUR

c/ Charlton Heston-Jack Hawkins, Haya Hararelt

4.ª Semana

Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

UNIVERSAL

Tel. 774402 As 15, 17 e 21 h.

A GRANDE FARRA

um filme de Marco Ferreri

(Int. men. 18 anos)

As 19 e 23 h.

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

um filme de Arrabal

(Int. men. 18 anos)

Sexta e sábado às 00.30

A GRANDE FARRA

D. JOAO V

Tel. 971794 As 21.15

Grupo D.M. 18 anos

HOME DE UM HEROI

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS 21.30 (18 anos) «O Encoberto»

VARIEDADES 21.30 (13 anos) «Isto é que me dói»

AURA ALVES 21.30 (18 anos) «Calcinhas Amarelas»

BARRACA R. Alexandre Herculano, 70 21.15 (13 anos) «Barraca Contra Tiradentes»

MONUMENTAL 21.15 (13 anos) «Aqui quem manda sou eu»

ABC 20.30 e 22.45 (18 anos) «Em Águas de Bacalhau»

ADÓQUE 20.30 e 22.30 (18 anos) «A Paródia»

COMUNA 21.30 (13 anos) «Groconda perdeu o Sorriso»

LISBOA/Cinemas

MONUMENTAL 21.15 (13 anos) «O Sexto Continente»

JARDIM 21.15 (13 anos) «Espíões» («SPys»)

PARIS 21.15 (18 anos) «Vou fazer um Filho e Volto Já»

EUROPA 21.15 (18 anos) «A Agressão»

PROMOTORA 21.15 (13 anos) «O Filho do Zorro»

LUMIAR 21.15 (13 anos) «Pouco a Pouco»

CINEARTE 21.00 (18 anos) «Caça Perversa»

CAPITOLIO 21.15 (18 anos) «Laços Escaldantes»

OLIMPIA Sessões Permanentes (18 anos) «O Jogo do Ouro»

RESTELO 21.15 (13 anos) «Os Homens do Presidente»

CALEIDOSCÓPIO 21.15 (10 anos) «O Vale do Fugitivo»

VOX 21.15 (13 anos) «Moisés, o Profeta»

SATELITE

21.15 (18 anos) «Morte em Veneza»

CALEIDOSCÓPIO

21.15 (14 anos) «Duelo ao Sol»

ROYAL

21.15 (13 anos) «Vitória em Entr...»

CINE-AUDITORIO

21.15 (10 anos) «Antes que Cases»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS Stadium 21.30 (18 anos) «Um crime no Expresso Oriente»

PAÇO DE ARCOS

Chaplin 21.15 (18 anos) «Desforra Apache»

ESTORIL

Casino 17.00, 21.15 (18 anos) «1900»

ESTORIL

Palácio 21.15 (6 anos) «Gente como Eu e Você»

CASCAIS

Oxford 21.15 (18 anos) «Desejo Perverso»

LINHA DE SINTRA

AMADORA Cinestúdio 21.30 (6 anos) «A História da Cinderela»

AMADORA

Lido 21.15 (13 anos) «Irmão contra Irmão»

OUTRA BANDA

ALMADA Academia 21.15 (18 anos) Cinema — «1900» (1.ª parte)

ALMADA Inível 21.15 (6 anos) «O Mercenário da Aventura»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO 21.30 (13 anos) «Os Preços»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO 21.15 (13 anos) «20.000 Léguas Submarinas»

VALE FORMOSO 21.15 (13 anos) «Homens e Tubarões»

BATALHA 21.15 (13 anos) «Moisés o Profeta»

OLIMPIA 21.15 (18 anos) «Brigada Feminina»

TRINDADE 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO 400 21.15 (10 anos) «O Homem que Matou Bill The Kid»

RIVOLI 21.15 (18 anos) «S. Francisco Cidade nua»

COLISEU 21.15 (13 anos) «Sofrimento de amor»

CARLOS ALBERTO 21.15 (18 anos) «As Memórias Intimas de Miss Aggie»

ÁGUIA DE OURO 21.15 (13 anos) «Tubarão»

S. JOÃO 21.00 (18 anos) «Professor na Carra»

SÁ DA BANDEIRA 21.30 (18 anos) «A Iniciação de Flossie»

JULIO DINIS 21.15 (18 anos) «Assaltantes do Ar»

SALA BEBÉ 21.15 (18 anos) «Casy Rider»

PASSOS MANUEL 21.30 (13 anos) «O Homem Não é um Pássaro»

ESTÚDIO 21.15 (18 anos) «Voando sobre um ninho de cucos»

COIMBRA

GIL VICENTE 21.15 (13 anos) «O Baile dos Bombeiros»

S. TEOTÓMO 21.15 (18 anos) «Os Detectives»

AVENIDA 21.15 (13 anos) «Lutador da Rua»

TIVOLI 21.15 (13 anos) «Tubarão»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 18, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320711/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBDA TELEF. 17363
LISBOA PORTUGAL

Voos rasantes sobre Lisboa eram treino para 25

Os aviões que esta manhã fizeram voo rasante sobre Lisboa preparavam as demonstrações que vão fazer de hoje a oito dias nas comemorações do «25 de Abril». A informação foi-nos dada pelo comandante da Base Aérea do Montijo, coronel Jesus Vasquez, logo que contactámos esta unidade, depois de baldados os esforços para obter informações junto dos altos comandos da Força Aérea.

Posteriormente a agência ANOP emitiu um telegrama ci-

tando o general Silva Cardoso, vice-chefe do EMFA: «Trata-se de exercícios aéreos preparatórios das comemorações».

Os exercícios destinavam-se ao acerto dos tempos de passagem para permitir um controlo mais fácil do desfile aéreo do dia 25.

Os aviões eram de mais do que uma base: no dia 25 desfilarão aviões de várias unidades da FA — informação ainda do general Silva Cardoso, veiculada pela agência.

Joinet não é membro do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem

Do magistrado francês Louis Joinet recebemos o comunicado que abaixo transcrevemos. Recordar-se que «maître» Joinet, não sendo membro do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, como faz questão de sublinhar, subscreveu entretanto, e a propósito dos processos que pendem sobre 32 oficiais do Exército português (entre os quais Oteio), a afirmação de que «a legitimidade e o processo seguidos pelo Conselho Superior de Disciplina do Exército devem ser rejeitados por constituírem uma violação do art.º 6.º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem». Tal afirmação foi reproduzida na edição do «DL» de sábado.

Eis o texto do comunicado de Louis Joinet:

«Em nome da Federação Internacional dos Direitos do Homem, cuja sede é em Bruxelas, Louis Joinet, magistrado francês, torna público o seguinte comunicado:

«Em consequência de informações erradas ou contradi-

tórias, surgidas na Imprensa nacional, Louis Joinet, magistrado francês tem a precisar:

— Que jamais foi membro do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem de Estrasburgo, e que portanto não está habilitado para falar em seu nome.

— Que somente a Federação Internacional dos Direitos do Homem, possuidora de estatuto consultivo na O.N.U., o enviou como seu mandatário a Portugal.

— Que a sua missão tem por único fim, a pedido da família, de se informar, excluindo qualquer outro assunto judicial ou disciplinar, da situação de Rui Gomes, que estaria detido em Caxias desde Setembro de 1976 em condições cuja legalidade é contestada.

«L. Joinet desmente formalmente ter feito declarações públicas tanto escritas como orais. Como é habitual, não prestará quaisquer declarações além desta, por cortesia para com as autoridades portuguesas.»

Lista "B" venceu nos Escritórios de Aveiro

Por uma diferença de dez votos, a lista «B» concorrente às eleições para o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Comércio do distrito de Aveiro saiu vencedora das mesmas. A lista «A», conotada com o PPD, obteve 586 votos, enquanto

a lista vencedora, apresentada pela direcção anterior, tida como ligada ao PS, alcançou os 596.

Merece reparo o total de votantes nas duas outras listas que se apresentaram às eleições: a lista «D», unitária, e a lista «C» (conotada com os GDUP's) conseguiram 576 votos — 425 para a «D» e 151 para a «C».

Portugal e Israel vão trocar embaixadores

Portugal e Israel vão elevar as suas relações diplomáticas do nível de Consulado ao nível de embaixada — foi ontem revelado em Amesterdão pelo ministro português dos Estrangeiros, Medeiros Ferreira. A decisão saiu duma reunião entre Mário Soares e o responsável pelas relações externas de Telavive, Yigal Allon, na oportunidade da reunião, na capital holandesa, da Internacional Socialista.

«Não há qualquer problema específico que atase a troca de embaixadores entre Portugal e Israel», disse o chefe da diplomacia portuguesa. Medeiros Ferreira adiantou que a troca de embaixadores deverá

verificar-se muito brevemente.

Ainda ontem, a rádio e a televisão de Telavive davam a notícia, avançando que o chefe da missão israelita em Lisboa a nível de embaixada será o actual consul, Ephraim Eldar.

Entretanto, parece reanimarem-se as perspectivas de Portugal e a República Popular da China virem a ter relações diplomáticas também a nível de embaixada dentro de não muito tempo. Ainda em Amesterdão, o secretário-geral do PS e primeiro-ministro Mário Soares referiu-se ao assunto lembrando que recentemente foram recebidas em Lisboa duas mensagens de Pequim: «rece-

bêmo-las com muita simpatia e desejos de corresponder» — disse Soares. O chefe do Executivo Português desmentiu, por outro lado, que Macau seja questão a impedir a abertura de relações entre os dois países.

Observadores políticos em Lisboa pensam que esta abertura de Portugal faz-se na sequência da adesão ao espírito da social-democracia europeia por parte dos dirigentes socialistas portugueses actualmente na Administração, e admitem como possível, se não mesmo provável, a médio prazo, o corte de relações diplomáticas com o Chile.

O problema do leite

Produtores aceitam 8\$50 por litro?

A grande maioria dos produtores de leite parece satisfeita com os 8\$50 por litro (preço proposto recentemente pela MAP) pago à origem, pelo que as questões pessoais suscitadas entre indivíduos de Vagos afectos ao PSD/PPD e CDS, e nem todos produtores, estão ultrapassadas. Para a maioria, segundo um respon-

sável da Cooperativa Leiteira daquela vila aveirense, o problema foi «maldosamente empoado», criando «um clima de transe» pela hipótese de corte de abastecimento a Lisboa.

Com efeito, o adiamento das reuniões marcadas para sábado e ontem, respectivamente em Vagos e Aveiro, nas quais

os produtores do centro, de que fazem parte 18 cooperativas leiteiras, poderiam tomar posições drásticas face ao silêncio governamental — que não respondeu ao último «ultimato» —, parece ter posto fim a tão controversa questão, partidarmente emplada por uns e aproveitada pelos verdadeiros produtores, que antes das suas opções políticas colocaram os verdadeiros interesses da agricultura. «As manobras reacçãoárias» de alguns, segundo o presidente da Cooperativa de Vagos, apenas contribuíram para a confusão, como o atesta agora a forma «menos correcta» como os plenários convocados foram adiados. Mas os verdadeiros produtores, ao que parece, já «não vão na fita».

No entanto, ainda há quem acredite que sobre a questão possa ser tomada uma posição definitiva no decurso de toda a semana. Mas o desfecho, de acordo com a maioria, estará praticamente resolvido, não sendo crível que as formas de luta convenientes que a minoria defende sejam praticadas a partir de hoje. Para a Lacticoope, esta manhã contactada pelo nosso jornal, o problema ainda «não está resolvido».

Dois delinquentes abatidos pela Polícia

Dois delinquentes foram na madrugada de ontem abatidos pela Polícia, quando depois de terem roubado um automóvel se preparavam para furtar outro, no Largo Hintze Ribeiro, junto à Rua de S. Bento.

A PSP apresenta a sua versão dos acontecimentos: quando os agentes do carro patrulha tentavam capturar os marginais, estes fizeram uma manobra visando atropelá-los ou abalroar a viatura policial. Entretanto, a Polícia fez disparos para o ar e, do carro roubado (um «Fiat») surgem tiros contra a Polícia. A certa altura, o carro dos delinquentes imobiliza-se contra um tapume. Depois, um dos elementos da quadrilha tenta alcançar um «Volkswagen», na manifesta intenção de fuga, e é abatido pelo caminho. Entretanto, o «VW» desaparece, o que faz supor — pela versão policial — a existência de um sexto elemento. Além do indivíduo abatido em «Corrida», um outro delinquente morre quando se prepara para sair do «Fiat». Outros dois são feridos dentro daquele carro.

Algumas dúvidas se levantam: nenhum dos agentes da autoridade foi ferido. Tão pouco foi encontrada qualquer arma dentro do «Fiat» ou nas imediações, não tendo aparecido qualquer cápsula de bala que não fosse disparada pela Polícia. Sendo assim, os disparos contra os agentes só podiam ter sido feitos a partir do «Volkswagen», parado na Rua de S. Bento. Nesta ordem de ideias, estranha-se que a PSP tenha aberto fogo sobre os ocupantes do «Fiat» e não sobre o tal «Volkswagen».

Sabe-se que foi levantado um inquérito, o que de resto é normal nos casos em que se registam mortes ou feridos graves.

As vítimas mortais: José Oliveira Afonso, 26 anos e Diamantino José Fontes, que apresentava 22 anos.

Os feridos: António Joaquim Fazerias Dórdio, 22 anos (atingido na cabeça) e António Lopes de Carvalho, menor de 14 anos, que conduzia o automóvel e se disse «especialista» em «Fiat 124». Todos os feridos se encontram sob prisão, à excepção do menor, que não foi entregue à Tutoria, mas aos pais.

Pescadores de Leixões ficaram em terra

PORTO, 18 — As 56 traineiras de Matosinhos que se dedicam à pesca da sardinha não saíram hoje para o mar e ficaram ancoradas em Leixões até que a Associação do Norte dos Armadores de Pesca da Sardinha resolva satisfazer as reivindicações apresentadas pe-

los pescadores há cerca de um mês àquele organismo patronal.

A principal exigência dos pescadores é ganhar salário mínimo e ter uma percentagem de um por cento no pescado, renunciando à tradicional «caldeirada».

A decisão foi tomada durante um plenário realizado no passado sábado.

Entretanto a Comissão Negociadora Sindical vai tentar, ainda hoje, junto da entidade patronal, uma plataforma de acordo.

Enquanto a "Newsweek" fala da CIA FLNC recua em Kolwezi

Os Governos francês e americano discutiram a situação no Zaire antes da França ter decidido fornecer aviões de transporte, e, por outro lado, a CIA trocou impressões com o Serviço de Documentação e Contra-Espionagem Francês (SDECE) — afirma a revista «Newsweek» no seu último número.

Entretanto, Pierre Zanin, enviado especial daquela agência noticiosa, noticia que «os soldados marroquinos combatem ao lado das forças zairenses e participam nas operações ofensivas desencadeadas a partir de quinta-feira última pelo Exército do Zaire contra os opositores ao regime

de Mobutu na região de Kolwezi».

Por sua vez, citando fontes seguras, a AZAP, agência noticiosa de Kinshasa, indica que «os combates foram devastadores para ambos os lados e que os rebeldes sofreram perdas particularmente pesadas em homens e material». As forças da Frente Nacional de Libertação do Congo «teriam recuado cerca de 20 quilómetros».

De Paris, a Reuter informa que «todos os aviões franceses que transportaram auxílio militar marroquino para o Zaire já deixaram este país africano». A informação provém do

«próprio Governo Francês». Falando para a rádio estatal francesa «Europa 1», Georges Marchais, dirigente do Partido Comunista Francês, reiterou por outro lado o seu apelo para a realização de um debate na Assembleia Nacional sobre o auxílio francês a Marrocos e ao Zaire, que considerou um regresso à «diplomacia da canhoneira».

Finalmente, o ministro zairenses dos Negócios Estrangeiros, Nguza Karl Bond, reuniu-se ontem à noite em Kinshasa com os embaixadores dos nove países da Comunidade Europeia para os informar sobre a situação na Província de Shaba.

CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

ROMA

A CIDADE ETERNA

Visite-a este ano a um preço fora de série!

Partidas de Junho a Outubro

Peça-nos programa:



• a experiência ao serviço do turismo •
Av. Liberdade, 233 Tel. 536121
LISBOA 2

FEIRAS & exposições

20.º CONGRESSO INTER. DOS HOSPITAIS em TÓQUIO

visitando Kyoto, Nara, Hong Kong e Bangkok

Lugares limitados



AV. LIBERDADE 233 TEL 536121
LISBOA 2

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233 (Hoje 20 páginas)

3 tomes